



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUÍSA DE CASTRO TEIXEIRA BUENO

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A GUERRA DO PARAGUAI: Análise das
crianças na Batalha de Acosta Ñu a partir da História em Quadrinhos “Guarani
a Terra Sem Mal” (2021)**

Recife
2025

LUÍSA DE CASTRO TEIXEIRA BUENO

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A GUERRA DO PARAGUAI: Análise das
crianças na Batalha de Acosta Ñu a partir da História em Quadrinhos “Guarani
a Terra Sem Mal” (2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
História.

Orientador: André Mendes Salles

Coorientadora: Tayane Ferreira de Almeida

Recife

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Bueno, Luísa de Castro Teixeira.

História em Quadrinhos e a Guerra do Paraguai : análise das crianças na batalha de Acosta Ñu a partir da história em quadrinhos ?Guarani a Terra Sem Mal? (2021) / Luísa de Castro Teixeira Bueno. - Recife, 2025.

112 p. : il.

Orientador(a): André Mendes Salles

Coorientador(a): Tayane Ferreira de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. História em Quadrinhos. 2. Guerra do Paraguai. 3. Batalha de Acosta Ñu. 4. Crianças. 5. Ensino de História. 6. Passado Sensível. I. Salles, André Mendes. (Orientação). II. Almeida, Tayane Ferreira de. (Coorientação). IV. Título.

980 CDD (22.ed.)

LUÍSA DE CASTRO TEIXEIRA BUENO

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A GUERRA DO PARAGUAI: Análise das
crianças na Batalha de Acosta Ñu a partir da História em Quadrinhos “Guarani
a Terra Sem Mal” (2021)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
História.

Aprovado em: 20/08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Mendes Salles (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Márcio André Martins de Moraes (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Ma. Roberta Duarte da Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Gostaria de, primeiramente, agradecer a mim mesma por aguentar esses quatro anos de curso, passando por muitos altos e baixos, por conseguir tirar forças onde não sabia que existia dentro de mim para continuar mesmo quando quis desistir e sentia perder o brilho sobre o curso. Porém, certamente, parte dessas forças não vieram só de mim.

Graças ao apoio da minha família, dos meus “amigões”, tanto aqueles que vem desde tempos de escola, quanto aqueles que vieram neste meio tempo da faculdade e daqueles laços que surgiram na própria faculdade, junto com o grande incentivo de estudar nesse curso, mesmo quando via obstáculos que pareciam impossíveis de ultrapassar. Mesmo quando eu estava bem mal, muitas vezes não querendo falar sobre o que estava acontecendo, os mil medos e as mil inseguranças junto com as incertezas, essas pessoas eram quem me ajudavam a seguir em frente, dando a leveza e as risadas quando mais precisava. Não apenas isso, tendo o incrível acompanhamento e trabalho da minha psicóloga, consegui chegar até aqui e finalmente encerrar um ciclo, essa gigantesca fase da minha vida e me ajudar a construir a pessoa que sou hoje.

Além de demonstrar gratidão a minha família, aos meus amigos e a minha psicóloga, gostaria de agradecer imensamente a todos os professores/as incríveis que passaram no meu caminho e me ajudaram nessa jornada, tanto a encarar a História de uma forma diferente, ressignificando a paixão e memória afetiva que tenho desde 13-14 anos de idade, quanto entender o valor desse campo da ciência e o que é ser historiador. Agradeço também pela jornada de amadurecimento e crescimento como profissional, tanto no campo da pesquisa quanto no campo do ensino, entender que não sou apenas uma historiadora, nem sou apenas uma professora de história, mas sim sou uma historiadora-docente.

Gostaria de agradecer a André Salles, o meu orientador e também uma grande referência para mim no campo de estudo sobre a Guerra do Paraguai e o Ensino de História, por todo carinho, por toda a confiança e por ter topado nessa aventura, de explorar uma temática tão necessária e delicada. Agradeço por toda a motivação, incentivo em trabalhar sobre as crianças da Batalha de Acosta Ñu, por me apresentar diversos trabalhos e pesquisadores incríveis que foram a base essencial antes que eu pudesse encaminhar com meus próprios pés nessa pesquisa

intensa e cuidada com carinho. Não apenas isso, agradeço por todo sentimento de parceria e companheirismo durante esses meses intensos de produção e planejamento do trabalho.

Quero agradecer a Tayane Ferreira, uma grande referência para mim e a primeira historiadora que descobri que trabalha com o campo do Ensino de História e História em Quadrinhos, que me fez enxergar que o campo acadêmico pode ser mais “mente aberta”, flexível em trabalhar temáticas como HQ, muitas vezes vista como infantil e que não traz seriedade. Isso me incentivou ainda mais em ir atrás e de reafirmar junto com tantos outros pesquisadores e historiadores que trabalham com quadrinhos, mostrando que é possível sim aprender História em diversos lugares e materiais, tendo as Histórias em Quadrinhos parte disso, assim, estando junto ao movimento de desconstruir a ideia de que trabalhar com História é apenas documentos antigos e oficiais e que Ensino de História apenas fica envolto do livro didático.

Agradeço a Roberta Duarte, que tive uma grande honra de tê-la como professora durante os meus anos de graduação, por ser essa pessoa e profissional incrível, de ter sido a pessoa que colocou a “sementinha” que floresceu a vontade de explorar os estudos sobre o Ensino de História e transformando, consequentemente em pesquisa. Além disso, por me mostrar que é muito mais do que a sala de aula, que o ensino é tudo e envolve tudo que está ao nosso redor e no nosso cotidiano, mesmo quando menos enxergamos, e que todo tipo de conhecimento é válido.

Agradeço a Márcio Moraes, que também tive honra de tê-lo como professor durante essa fase final na graduação e como meu professor-supervisor nos dois estágios de docência, por ter feito parte dessa jornada intensa mas extremamente significativa que é estar numa sala de aula, de enfrentar diversas realidades e pessoas diferentes. Agradeço por todas as dicas e orientações, pela liberdade de descobrir o como gostaria de trabalhar em sala de aula, por toda parceria e por todos os momentos de descontração durante os intervalos na escola e na universidade ao lado de Fernanda.

Agradecer a Bruno Uchôa, que foi o meu primeiro orientador nos tempos primórdios na universidade, que mesmo não ter seguido com o campo de estudo de História Medieval, mas certamente me marcou por todo o carinho, de expressar a confiança que tinha e via sobre mim quando eu mesma não enxergava, por ter sido uma peça vital para todo o meu crescimento como pessoa e profissional, e por ter

me ensinado o que é de fato pesquisar e como trabalhar em equipe através do Cine Medieval e o grupo do LEOM (Laboratório de Estudos de Outros Medievos).

Por fim, gostaria de novamente agradecer a todos que estiveram comigo nessa jornada, vendo-me crescer e amadurecer até chegar a me tornar a pessoa que sou hoje. O apoio de todos, as risadas compartilhadas, os ombros para chorar e abraços dados nos momentos que mais precisava, as noites mal dormidas, as gripes que surgiam nos piores momentos possíveis, as perdas e os ganhos que vieram tanto antes, durante e fim dessa jornada como graduanda... Mesmo que tenha sido muito duro e difícil, muitas vezes querendo largar tudo e nunca mais olhar para trás, eu sei que tudo que passei foi essencial, necessário passar para chegar onde estou e me tornar quem me tornei, e, certamente, nunca irei esquecer. Muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem intenção de trabalhar sobre a temática de crianças paraguaias que participaram do conflito armado nos anos finais da Guerra do Paraguai, chamada Batalha de Acosta Ñu, ocorrida em 16 de agosto de 1869, através da análise da História em Quadrinhos “Guarani – A Terra Sem Mal” (2021) de Diego Agrimbau e Gabriel Ippóliti. O trabalho decorre a partir da discussão historiográfica, de princípio abordando sobre a perspectiva geral sobre a História da Guerra do Paraguai e depois adentrando a fundo sobre a Batalha de Acosta Ñu e a participação infantil. Em seguida, é trazida uma discussão em volta do Ensino de História e a relevância dos estudos das Histórias em Quadrinhos no âmbito educacional, acadêmico e, conseqüentemente, atingindo o ambiente fora da educação formal. A partir dos contextos e das discussões existentes, adentra-se na análise da narrativa gráfica, compreendendo do que se trata a História em Quadrinhos, captando o recorte histórico e assimilando com as informações expostas durante o trabalho, deparando-se com a veracidade dos fatos expostos. Refletindo, a partir das múltiplas perspectivas em conjunto de fontes e análises das imagens apresentadas, como impacta os dias atuais, seja pensando na relação entre os países vizinhos, e na relação entre a sociedade e o acontecimento histórico, cogitando em como a sociedade reflete e se posiciona em relação a Guerra do Paraguai, em específico as crianças na Batalha de Acosta Ñu, o qual é considerado um dos eventos mais sangrentos e trágicos da América Latina. Dessa forma, encaminha a uma prática a partir da discussão sobre consciência histórica e passado sensível em conjunto a narrativa histórica explorada e trabalhada a partir da HQ “Guarani – A Terra Sem Mal” (2021).

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Guerra do Paraguai; Batalha de Acosta Ñu; crianças; Ensino de História; passado sensível.

ABSTRACT

This final project aims to explore the theme of Paraguayan children who participated in the armed conflict in the final years of the Paraguayan War, known as the Battle of Acosta Ñu, which took place on August 16, 1869. This conflict is analyzed through the comic book "Guarani – The Land Without Evil" (2021) by Diego Agrimbau and Gabriel Ippóliti. The work stems from a historiographical discussion, initially addressing the general perspective on the history of the Paraguayan War and then delving in depth into the Battle of Acosta Ñu and children's participation. It then introduces a discussion of history teaching and the relevance of comic book studies in the educational and academic spheres, and consequently, reaching environments beyond formal education. Based on the existing contexts and discussions, the study delves into the analysis of the graphic narrative, understanding the comic's theme, capturing its historical context, and assimilating it with the information presented throughout the work, confronting the veracity of the facts presented. Reflecting, from multiple perspectives, combined with sources and analyses of the images presented, how it impacts the present day, considering the relationship between neighboring countries and the relationship between society and the historical event, considers how society reflects on and positions itself in relation to the Paraguayan War, specifically the children in the Battle of Acosta Ñu, considered one of the bloodiest and most tragic events in Latin America. Thus, it leads to a practice based on the discussion of historical consciousness and a sensitive past, together with the historical narrative explored and developed through the comic "Guarani – The Land Without Evil" (2021).

Keywords: Comic Books; Paraguayan War; Battle of Acosta Ñu; children; History Teaching; sensitive past.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	HISTORIOGRAFIA SOBRE GUERRA DO PARAGUAI	17
3	HISTORIOGRAFIA SOBRE A BATALHA DE ACOSTA ÑU E AS CRIANÇAS	26
4	GUERRA DO PARAGUAI E O ENSINO DE HISTÓRIA: O PAPEL DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO CAMPO DO ENSINO	41
5	ANÁLISE DA HQ “GUARANI – A TERRA SEM MAL”: A BATALHA DE ACOSTA ÑU E AS CRIANÇAS	46
6	CONCLUSÃO	106
	REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai, conhecida também como a Guerra da Tríplice Aliança, ou como Guerra *Guasu*, foi um conflito armado ocorrido no ano de 1864 a 1870, envolvendo quatro países da América do Sul – Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Esse conflito é visto como um dos episódios mais sangrentos da história da América Latina que deu-se início através da invasão paraguaia ao Brasil, na região do Mato Grosso, o que acabou dando como justificativa à criação da Tríplice Aliança, união entre Brasil, Argentina e Uruguai, e desenvolveu-se o discurso sobre a necessidade de libertar o povo paraguaio do governo do Marechal Francisco Solano López.

Todavia, sabe-se que as questões eram mais profundas. Argumenta-se, por exemplo, sobre a existência das disputas seculares por territórios, livre navegação dos rios interiores e acesso a recursos. Ou seja, produto do convulsionado processo de consolidação dos Estados nacionais envolvidos, de acordo com Ronald León Núñez (2022). Ainda segundo o autor mencionado, em questão de compreender a complexidade e do pouco debate existente, principalmente no Brasil, sobre a historiografia da Guerra do Paraguai, as diversas narrativas, seja pelo contexto regional ou pela influência exterior (como é dito sobre a Inglaterra e seu financiamento armado sob os países da Tríplice Aliança), é preciso ressaltar que,

a Guerra, evidentemente, possuiu um contexto local. Obedeceu às disputas entre interesses dos Estados nacionais, controlados por facções das burguesias nativas. Contudo, esse jogo de interesses nunca esteve divorciado da dinâmica da economia e política mundiais (Núñez, apud Fuini, 2022).

Nos anos finais da guerra, ocorreu a Batalha Campo Grande, mas também conhecida como Batalha de Acosta Ñu ou *Batalla de Los Niños*, um conflito em que milhares de crianças paraguaias foram forçadas a se passarem por homens adultos. Pintando seus rostos com rolha de vinho queimada para parecer que possuía uma barba e vestiam uniformes militares, claramente bem mais largas do que uma criança usaria, e fazendo-as carregarem armas com pouco treinamento para enfrentar o exército brasileiro, argentino e uruguaio. A partir disso, temos o que seria o recorte retratado na narrativa gráfica “Guarani - A Terra Sem Mal”, do roteirista argentino Diego Agrimbau e do ilustrador argentino Gabriel Ippóliti.

A História em Quadrinhos narra sobre a perspectiva de um fotógrafo francês chamado Pierre Duprat, contratado e enviado para o Paraguai a fim de fazer um serviço de procurar e fotografar mulheres indígenas do povo Guarani, sendo destinadas para o público europeu ávido pelas belezas nativas. Porém, o seu foco pelo exotismo e de cumprir o seu trabalho, não se importando com o conflito que acontecia ao seu redor, é completamente modificado quando se depara com os diversos horrores e as violências da guerra, testemunhando um dos momentos mais sangrentos – A Batalha de Acosta Ñu. Esta batalha foi, o que futuramente consideraríamos uma tragédia, a qual milhares de crianças foram levadas à força pelos poucos soldados paraguaios, muitos velhos e outros machucados pelas batalhas anteriores, mas com fervor de não desistir da guerra contra o exército da conhecida Tríplice Aliança. Sendo assim, três mil meninos junto com quinhentos soldados restantes do exército paraguaio contra vinte mil soldados do exército dos aliados.

Por mais que o enfoque da história seja sobre o fotógrafo francês e o seu testemunho nos anos finais da Guerra do Paraguai, é observado outras temáticas que interagem com os acontecimentos vividos e, até mesmo, trabalhando com outras perspectivas. Pode ser visto, por exemplo, os dois personagens que guiam Pierre Duprat no início e durante a narrativa, Javier López – fotógrafo – e Esteban García – o seu assistente. Os dois personagens envolvidos no mundo da fotografia igual a Duprat, porém na abordagem mais militarista, trabalhando no campo da fotografia de guerra, e é observado durante a narrativa gráfica a divergência de opiniões entre estes dois personagens em relação a Guerra do Paraguai – um apoiando o exército argentino, brasileiro e uruguaio, já o outro indo totalmente à favor do exército paraguaio, sendo um grande apoiador do Marechal Solano López.

Há menções, também, da participação indígena no contexto da guerra, seja fugindo dela ou se aliando, como é exibido em um dos quadrinhos em que um grupo indígena denominado de Guaicuru possuía um acordo com o exército brasileiro. Assim, ocorreu uma troca de favores, sendo uma dessas era permitir a execução daqueles que eram da comunidade Guarani já que o povo Guaicuru era inimigo mortal do Guarani. Ou seja, percebe-se o uso de estratégias para avançar mais e mais sobre o território paraguaio e contra o exército de Solano López.

Além disso, apresenta-se discussões relacionadas à formação do patriotismo e nacionalismo dos países da América do Sul, principalmente do Paraguai, Brasil e

da Argentina, os países mais ativos na HQ. Consequentemente, trazendo reflexões sobre a ideia do que era a glória e honra nos tempos de guerra, ainda mais com tantas tomadas de decisões brutais e letais, muitas vezes generais manipulando narrativas sobre o fato, utilizando da fotografia como meio de censura para que ninguém soubesse o que realmente aconteceu nos combates. Sendo assim, criando-se uma propaganda de uma guerra limpa, sem dor e sem sangue, apagando a existência de diversas vítimas que foram afetadas de forma direta e indireta pela guerra. Mesmo havendo esses momentos, sendo apresentados em poucos quadrinhos e superficialmente ou de forma muito aprofundada e detalhada, de qualquer forma, é fácil de captar a mensagem transmitida pelos criadores da História em Quadrinhos, seja pela junção da fala e a ilustração, ou apenas da ilustração que combinando com cores, expressões dos personagens e cenários que rodeiam eles, traz o seu impacto.

Este Trabalho de Conclusão de Curso parte a partir do entendimento de que existe uma falta de debate historiográfico sobre as crianças paraguaias convocadas para a guerra. Compreende que por ser uma temática sensível, principalmente na historiografia paraguaia e por tratar do massacre infantil ocasionada pela guerra e na guerra, certamente torna-se mais complexo e difícil de haver debates. Dessa forma, não havendo debates no campo acadêmico, consequentemente atinge outros espaços como a sala de aula, ocorrendo a negligência e invisibilização do tema.

Em causa disso, ocasiona a impossibilidade de enxergar essa temática como uma questão grave, que precisa de reflexão e análise, de pensar como afeta, por exemplo, a história do Brasil, pois, como será apresentado mais adiante, a Guerra do Paraguai foi o momento de ápice ao exército brasileiro, uma forma de demonstração da força militar. Não apenas isso, entender em como afetou e ainda afeta outros países, como o Paraguai que, em causa dessa batalha, determinou a data do ocorrido histórico como homenagem e memória, transformando em uma data comemorativa ao dia das crianças, como também deixou traumas e cicatrizes naquela sociedade, e, certamente, afetou na sua relação com os países vizinhos que fizeram parte da dizimação populacional, especificamente masculina. Com isso, a monografia surgiu na seguinte questão: Como que a História em Quadrinhos “Guarani – A Terra Sem Mal” pode colaborar para esses debates e no recebimento ao público?

Destrinchou-se a estrutura do trabalho partindo da análise historiográfica, entendendo o que foi a Guerra do Paraguai, trazendo um contexto geral do acontecimento histórico para, então, encaminhar em direção à discussão específica que é as crianças na Batalha de Acosta Ñu. Em seguida, refletindo como esses debates historiográficos afetam o Ensino de História e a relevância das Histórias em Quadrinhos neste meio, compreendendo o seu papel no campo do ensino. Dessa forma, auxiliando e facilitando na análise da História em Quadrinhos, tendo em conjunto os estudos sobre a narrativa histórica, consciência histórica e passado sensível fazendo parte do processo.

O Objetivo Geral é analisar historiograficamente sobre a participação de crianças na Guerra do Paraguai a partir da história em quadrinhos “Guarani - A Terra Sem Mal” de Diego Agrimbau e Gabriel Ippóliti. Já os Objetivos Específicos são compreender o papel das Histórias em Quadrinhos no Ensino de História e como “Guarani – A Terra Sem Mal” pode colaborar no entendimento sobre a Guerra do Paraguai; e discutir como a narrativa histórica das histórias em quadrinhos produz consciência histórica sobre o passado sensível.

O seu quadro teórico abordará André Mendes Salles e seu artigo “A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações” (2015) e Mário Maestri com o artigo “A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]” (2009) na historiografia geral sobre a Guerra do Paraguai na perspectiva brasileira. Na perspectiva paraguaia sobre a Guerra do Paraguai terá o artigo “A Guerra da Tríplice Aliança como conhecimento escolar no Paraguai” de André Mendes Salles (2019).

Já sobre as crianças paraguaias na Guerra do Paraguai e na Batalha de Acosta Ñu utilizará Barbara Potthast e seu artigo “Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay” (2005), “O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai” de Ana Paula Schinello (2020), Adriana Aparecida Pinto e Michel Gomes do Carmo com o artigo “Imprensa e representações: imagens de crianças e mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870)” (2020), João Francisco Chagas Soares com seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “A questão da infância na guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864-1870): análise das Coleções Didáticas das séries finais do Ensino

Fundamental (PNLD 2020)” (2024), e, por fim, César Iván Bondar com seu trabalho “La “batalla de los niños”, 16 de agosto de 1869: guerra de la triple alianza” (2017).

Na questão de Ensino de História teremos trabalho de André Mendes Salles e José Batista Neto, “Conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai: construção de significados e identidades, no Brasil e no Paraguai, no século XXI” (2020), e a presença de Ana Paula Squinelo novamente com seu artigo “O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai” (2020).

No campo da História em Quadrinhos e o seu papel no Ensino de História teremos Fábio da Silva Paiva com sua tese de doutorado “Histórias em Quadrinhos na Educação: Memórias, Resultados e Dados” (2016), Conceição Pires e Laura Vazquez com seu trabalho “Percursos teóricos e metodológicos dos estudos sobre HQs na Argentina e Brasil” (2017) e Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal com seu artigo “A utilização de História em Quadrinhos no Ensino de História” (2015).

Na questão sobre narrativas históricas, consciência histórica e passados sensíveis, por fim, teremos Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd com sua tese de doutorado “A narrativa histórica como uma maneira de ensinar e aprender história” (2009), e Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner com seu artigo “Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis” (2018).

A metodologia, compreendendo de princípio uma metodologia do viés qualitativo e a fonte principal do trabalho sendo a HQ “Guarani – A Terra Sem Mal”, será explorar as narrativas apresentadas na narrativa gráfica, assimilando com as discussões historiográficas, a fim de entender o que os historiadores e pesquisadores de outras áreas debatem sobre a Guerra do Paraguai. Levando a refletir, simultaneamente, sobre o que os criadores da História em Quadrinhos querem apresentar àqueles leitores que muitas vezes nunca, ou pouco, tiveram contato com essa temática. A partir disso, pensar sobre o que e como o Ensino de História pode colaborar no entendimento da temática nos espaços dentro e fora de sala de aula. Assim, desencadeando a discussão com teor teórico sobre a consciência histórica e narrativa histórica, havendo grande base no discurso de Jörn Rüsen, em conjunto do conceito de literacia histórica de Peter Lee como suporte ao trabalho da consciência histórica, e utilizando autores que discutem sobre a Guerra

do Paraguai e a Batalha de Acosta Ñu para compreender a relevância das discussões e estudos sobre passado sensível e questões sensíveis e como afetam o nosso hoje.

2 HISTORIOGRAFIA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

A guerra contra o Paraguai foi um acontecimento central durante a segunda metade do século XIX para o Brasil, tendo início através das ações militares iniciadas em 16 de outubro de 1864, com a intervenção do Império no Uruguai contra o autoritarismo *blanco*, e concluiu em 1º de março de 1870 com a morte de Solano López com o Paraguai sob ocupação, como é explicado por Maestri (2009).

A Historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai divide-se, até então, segundo a explicação de Salles (2015), em quatro versões: a memorialística-militar-patriótica, ocorrida logo após o fim da Guerra do Paraguai; os positivistas ortodoxos, surgiu paralelamente com a primeira; os revisionistas do tempo da década de 1960 até 1980, havendo grandes destaques com o León Pomer e Julio Chiavenatto; e o neo-revisionismo, desenvolvida no fim dos anos 1980 para o início dos anos 1990 e tendo grande destaque de estudos do Francisco Doratioto.

A primeira historiografia, denominada por Maestri (2009) como “historiografia de trincheira”, retrata-se sobre o momento pós guerra contra o Paraguai em que se vivenciada no sentimento de vitória, a derrota do inimigo e do dito “grande mal”, buscando a glória e clamar pelos “grandes homens”. Essa primeira versão, como pode ser bem observado pelo nome dado, foi propagada pelo exército brasileiro que tinha como principal tendência apresentar o Brasil como um país glorioso e vencedor da guerra, exaltando nas estratégias de guerra e enaltecimento de seus comandantes militares, como Duque de Caxias e do Conde D’Eu.

No momento inicial desta linha historiográfica, destacou-se obras brasileiras de cunho memorialista sobre a guerra realizadas durante e imediatamente após o conflito, tratando-se, sobretudo, narrativas sobre o heroísmo e a abnegação das forças armadas nacionais em defesa do Brasil e da “civilização”, agredidos por “barbárie” corporificada no ditador paraguaio, como é afirmado por Mário Maestri (2009). Pode-se ver a influência dessa visão memorialística-patriótica persistindo nos dias atuais para algumas pessoas, acreditando no discurso em que o governo paraguaio é o causador da guerra, o responsável pelo conflito, pois, segundo este ponto de vista, foi esse governo que invadiu e agrediu o Império brasileiro.

A partir disso, não temos apenas a exaltação de “grandes heróis”, mas também houve a “demonização” dos ditos “vilões” da guerra, sendo o Marechal Francisco Solano López e seu governo, acontecendo de ser sempre associado ao

“outro”. É interessante ressaltar que, em base nessa interpretação, não se era responsabilizado diretamente o povo paraguaio, como é afirmado por Salles (2015), pois a população paraguaia, assim como o Império brasileiro, também era vítima das ações do ditador paraguaio que tinha intenção de expandir seus domínios para outras regiões, a exemplo do Rio da Prata.

É válido salientar a perceptível influência da questão identitária nacional nas narrativas desta vertente historiográfica já que a guerra contra o Paraguai foi acontecimento central da história do Brasil da segunda metade do século XIX, como foi ressaltado anteriormente. A Guerra do Paraguai se viu como uma oportunidade, segundo Maestri (2009), para

as forças armadas imperiais conheceram salto qualitativo e quantitativo transitório, sobretudo no relativo ao Exército. Até então, o exército participara apenas de combates internos e de operações intervencionistas no Plata. A guerra ensejou a gênese da ideia do Exército-oficialidade como ‘encarnação’ da honra e dos destinos do país (Maestri, 2009, p.2).

Entende-se, em suma, sobre essa historiografia que o primeiro panorama sobre a Guerra do Paraguai foi produzido, em geral, por oficiais e profissionais liberais que participaram da Guerra, sem grandes informações sobre suas razões profundas, sobre o Paraguai e sua sociedade, nem mesmo sobre o próprio Império brasileiro, apenas de cunho de memória e orgulho da pátria, segundo Maestri.

Ademais, a exaltação dos “grandes heróis” como símbolos da pátria-nacionalidade versus a “demonização” dos “vilões”, sempre associados ao “outro”, como já foi ressaltado anteriormente. Dessa forma, portanto, entende-se que a guerra toma características de um conflito entre a “civilização”, visto como o Império brasileiro, e a “barbárie”, associada à República do Paraguai, como explica Salles (2015).

A segunda linha historiográfica, conhecida como positivista ortodoxo ou historiografia republicana, surgiu simultaneamente à primeira, abordando em um viés de criticar as interpretações da corrente memorialístico-militar-patriótica, buscando questionar os feitos do Império, pondo em dúvida toda a política imperial e, conseqüentemente, a sua dita glória e vitória. Desenvolvendo, então, profundas críticas em relação à atuação do Brasil na Guerra do Paraguai, tentando desconstruir a imagem dos feitos relacionadas ao conflito ocorrido na América do Sul, o que, inevitavelmente, atinge os associados ao governo imperial, indivíduos

que haviam participado da guerra e ainda estavam vivos, relatando suas memórias, construindo suas narrativas e interpretações acerca deste evento, e o próprio Império, segundo Salles (2015).

Enquanto um lado apresentava uma história que valorizava as virtudes dos militares brasileiros que participaram da guerra, destacando sua importância para a História nacional, do outro lado era o completo oposto. Ensaíavam uma espécie de revisionismo histórico, apresentando o país guarani como vítima do governo imperial, contestando a importância e necessidade do conflito e pondo em fim a política externa do Segundo Reinado, como é destacado por Doratioto (2009) apud Salles (2015). Compreende-se então que, “o início da República”, segundo Salles (2015, p.32), “é não somente marcado pelo confronto de ideias de políticos entre republicanos e restauradores monarquistas, mas também pelo confronto de construções de uma História nacional, na qual a Guerra do Paraguai desempenhou um relevante papel”.

Em outras palavras, de acordo com Maestri (2009, p.3), “a historiografia republicana consolidou a instauração da narrativa nacional-patriótica construída através da seleção-organização das apologias do Estado e das classes dominantes imperiais”. Não se preocupavam com as razões e os cenários sociais e nacionais da Guerra, assim, privilegiando a apresentação cronológica do confronto, “definido como choque entre a ‘civilização’ e a ‘barbárie’, promovido pela agressão de Solano López, apostrofado de ‘tirano’, ‘ditador’, ‘megalômano’, etc” (idem).

A terceira historiografia, os revisionistas, tendo grandes destaques para León Pomer e Julio Chiavenatto, desenvolveu uma perspectiva sobre o conflito que superou a historiografia nacional-patriótica, desconstruindo narrativas construídas e implantadas em que a guerra era lembrada apenas como pretexto para comemorações das datas de grandes batalhas ou importantes personagens. Assim, “a historiografia revisionista fundou por criar novos mitos, como o suposto desenvolvimento paraguaio do pré-guerra” (Salles, 2015, p.32).

Esta vertente historiográfica de fins da década de 1960 leva a analisar a guerra sob o panorama da influência do capitalismo internacional, havendo destaque para a influência inglesa na região latina-americana, mas também a imagem da guerra como uma grande tragédia, até mesmo um genocídio, e as vítimas sendo o povo paraguaio. A partir dessa perspectiva, entende-se o imperialismo, sobretudo a influência da Grã-Bretanha, como o principal motor da guerra.

Não apenas isso, é ressaltado por Chiavenatto (1983) apud Salles (2015) que as causas fundamentais para a devastação paraguaia são econômicas, vindas do capitalismo internacional, não impondo exclusivamente às elites econômicas do imperialismo britânico a causa da guerra. Reconhece a atuação das elites locais paraguaias como agentes que favoreceram a penetração e exploração da potência britânica na região. Além disso, é exposto por Pomer (1980) apud Salles (2015, p.33) que “os cúmplices nativos pouparam à Grã-Bretanha o gasto com administração colonial e com soldados”.

Um dos pontos de interpretações realizadas por esses estudiosos da vertente revisionista que impactou e ainda se vê esse discurso na atualidade foi a consideração de que a Guerra do Paraguai foi gerada por causa de um agente externo, um país europeu intervindo nas questões internas sul latino-americanas. Isso pode ser visto como problemático pois “buscar um agente exógeno para explicar a Guerra do Paraguai é desestoricizar a América Latina. É restringir-lhe a capacidade de produzir suas próprias guerras” (Salles, 2015, p.33). Em causa disso, depara-se um reforço do discurso de que países latino-americanos precisam de um país mais “evoluído” para criar conflitos ou solucioná-los, como se fossem tão medíocres e extremamente dependentes do denominado “outro” para ter o seu “eu”.

Como é afirmado por Salles, as raízes dessa tal explicação “podem ser encontradas em um pensamento colonialista que persiste entre nós, em que todos os avanços e problemas enfrentados pelas antigas colônias são reportados aos países europeus” (Salles, 2015, p.34). Doratioto já ressaltava:

[...] o leitor desavisado pode concluir que a história do continente não se faz ou não se pode fazer aqui, pois os países centrais tudo decidem inapelavelmente. Os latino-americanos, nessa perspectiva, deixam de ser o sujeito de sua própria história, ou, na melhor hipótese, veem negado seu potencial de ser tal sujeito. (Doratioto, 1991, p. 69, apud Salles, 2015, p.34)

Baseando em tudo que foi dito, apenas reforça o quanto não se pode esquecer de que a Guerra do Paraguai foi um conflito sul latino-americano e seus participantes também foram da América do Sul.

Entretanto, é válido ressaltar a fala de Pomer em relação a presença externa no conflito, o qual defende que “não devem ser atribuídos [um rosário de misérias e de agressões] invariavelmente à influência estrangeira (...) porque isto seria cometer

uma injustiça com os grupos dominantes locais ou oligarquias nativas; seria lhes negar capacidade para o exercício da rapacidade”. Continua,

para afirmar a própria dominação faz-se necessário debilitar – ou destruir – o vizinho. Para crescer e fortalecer-se é preciso que os que vivem do outro lado da fronteira se fortaleçam e cresçam. Obviamente esta política faz a felicidade da potência europeia dominante na área; mas imputar a essa potência todas as culpas equivale a eximir de toda culpa e encargo aos arrogantes mandatários locais (Pomer, 1979, p.7 apud Salles, 2015, p.34).

Em suma, “Pomer não impõe todos os encargos pelo desencadear do conflito platino à influência britânica” (Salles, 2015, p.34).

Já Chiavenatto argumenta que surgiu no Brasil e na Argentina uma nova classe social não associada da nação, mas associada ao imperialismo inglês. Esses ingleses, segundo Salles (2015, p.34), “unem-se à burguesia mercantil ou à nobreza decadente dos países locais e inauguram um novo tipo de domínio, sem intervenções armadas”. Brasil e Argentina, então, sendo como “meras extensões imperialistas” da Inglaterra. Dessa forma, Chiavenatto as apresenta como “fantoques dos desejos das elites imperialistas da Inglaterra” (idem).

Por mais que hajam muitas críticas sobre a terceira perspectiva historiográfica, as incoerências e os anacronismos produzidos, especialmente àquelas relacionadas à obra de Chiavenatto, “não apagam a importância desse momento na construção de uma História da Guerra do Paraguai, sobretudo por representar uma desconstrução da narrativa memorialístico-patriótica e reavivar, de forma crítica, as pesquisas relacionadas a essa temática” (Salles, 2015, p.34). Ainda mais, segundo Maestri, quando entende que o jornalista Júlio Chiavenatto possibilitou a “ampla discussão das razões do confronto, apresentado como agressão do Império contra a nação e o povo paraguai, em vez de produtos da vontade de líder desvairado” (Maestri, 2009, p.5), e, com sua obra “Genocídio americano: a Guerra do Paraguai” (1979), tornou-se referência da historiografia brasileira e também foi bem acolhido ao público fora do ambiente acadêmico, “sem notas de roda-pé, em linguagem jornalística erudita” (idem).

A quarta e última historiografia, conhecida como neo-revisionismo, tendo o historiador Francisco Doratioto como uma das maiores referências do campo desta vertente historiográfica em conjunto de Ana Paula Squinelo, André Toral, Alfredo da Mota Menezes, Luiz Alberto Moniz Bandeira e Ricardo Salles. Esta perspectiva

produziu diversas pesquisas acadêmicas trabalhando com várias perspectivas sobre a Guerra do Paraguai, mas as características em comum desses pesquisadores são o questionamento da participação e responsabilidade inglesa no conflito, o desenvolvimento econômico do Paraguai, e apresentando como razões para a Guerra os conflitos e interesses regionais. Como é exposto por Doratioto, “[...] as origens do conflito se encontram no processo de construção e consolidação dos Estados Nacionais no Rio da Prata e não nas pressões externas dos ingleses” (Doratioto, 2004, p.18, apud Salles, 2015, p.35).

O mesmo continua, desconstruindo o mito do Paraguai ter sido um país desenvolvido, “o Paraguai tinha um economia agrícola, atrasada; nela havia escravidão africana, embora diminuta, e López era movido apenas pela lógica de todos os ditadores, a de se manter no poder” (idem). Além disso, desconstruindo a narrativa da suposta rivalidade entre Paraguai e o Império britânico que

na realidade, o governo paraguaio mantinha boas relações com a Inglaterra, onde, desde o final dos anos 1850, contratou técnicos, com a finalidade de modernizar suas instalações militares. Era, sim, o Império do Brasil que tinha atritos com a Inglaterra, com a qual rompeu relações diplomáticas em maio de 1863. Elas somente foram restabelecidas, após recuo do governo britânico, em setembro de 1865, meses após o início do conflito (Doratioto, 2004, p.18 apud Salles, 2015, p.35).

Nota-se, então, que essa linha de pesquisa historiográfica, ocorrida no fim dos anos 1980 até início dos anos 1990, faz uma revisão da linha historiográfica anterior, o revisionismo, ocorrida nas décadas passadas, entre 1960 e 1980, acerca da Guerra do Paraguai. Porém, é preciso ter em mente que, mesmo havendo grandíssimos trabalhos que tiveram grande colaboração na expansão do campo de estudos, como o caso da figura de Doratioto e sua obra “Maldita Guerra” (2002), não se pode considerar como sendo a interpretação que desvendou ou até mesmo que “iluminou a verdade” sobre o conflito sul latino-americano pois faz desconsiderar as outras interpretações sobre aquele momento histórico, como é bem ressaltado por Salles.

Esta quarta linha dos trabalhos e estudos historiográficos, para Maestri, foi uma restauração historiográfica. Entretanto, na forma que Doratioto discute e argumenta, por exemplo, com base na visão de Salles e Maestri, restaura e revigora a historiografia nacionalista anterior ao revisionismo histórico de Pomer e Chiavenatto, e o que talvez poderia se enquadrar melhor seria o neo-nacionalista ou

restauracionista do que um neo-revisionista. Pode compreender melhor através da sua obra “Maldita Guerra”, em que Doratioto deixa bem claro sua concepção acerca do conflito, afirmando que o agressor, o causador da guerra, foi o governo paraguaio que invadiu o Brasil, assim, tendo que revidar. Diante disso, entende-se o Brasil como “aquele que foi atingido pela agressão da República paraguaia e apenas se defendeu do tirano” (Salles, 2015, p.37). O historiador, Francisco Doratioto, também joga toda a responsabilidade do conflito e da destruição do Estado paraguaio, e da aniquilação da população para Solano López, fazendo retirar todo o sangue das mãos do Estado brasileiro e das forças armadas brasileiras. Portanto, em suma, “a década de 1990 foi palco de acaloradas discussões acerca da Guerra do Paraguai” (Salles, 2015, p.39).

Adentrando rapidamente sobre a historiografia paraguaia acerca da Guerra do Paraguai é envolta do conflito da memória sobre a figura de Solano López, dividida entre os opositores e apoiadores do Marechal que permanece viva esta intriga até os tempos atuais. A historiadora Liliana Brezzo defende a ideia de cinco momentos historiográficos acerca do conflito na região do Plata, tendo Blas Garay como uma grande referência nos estudos, tendo inaugurado a própria historiografia paraguaia, havendo amplas e diversificadas fontes documentais e bibliográficas. Em causa desse papel relevante de Blas Garay e de outros estudiosos que faziam parte um grupo de intelectuais no tempo pós-guerra, *Generación del 900*, colaborou na vida cultural da sociedade paraguaia, sendo fundamental na criação do Instituto Paraguai em 1896, transformando em um núcleo intelectual em Assunção, capital do Paraguai, como afirma Moreira (2010, apud Salles, 2019).

Em decorrer do tempo, nos primeiros anos do século XX, ocorre às discordâncias na imprensa entre duas figuras, Cecilio Báez, porta voz do movimento liberal, e Juan O’Leary, questionando o pensamento antilopizta no tempo pós-guerra, “colocou a sua pena a serviço do nacionalismo emergente” (Capdevila, 2010, p.189, apud Salles, 2019, p.333). Entende-se melhor que “o pós-guerra no Paraguai transcorreu sob ocupação aliada e sob a direção de organismos políticos nacionais resultantes do equilíbrio de poder brasileiro-argentino” (Capdevila, 2010, p.177 apud idem). Continua, “os primeiros atos praticados pelos governos do pós-guerra condenaram explicitamente o Marechal López, desmantelando o aparato comemorativo do antigo regime e organizando outro dispositivo de memória” (Capdevila, 2010, p.178 apud idem).

Em 1911 é marcado pelas produções em torno das comemorações do centenário da independência paraguaia, com destaque para a publicação comemorativa do *Álbum Gráfico del Paraguay*. De modo geral, o *Álbum Gráfico del Paraguay* “dava indícios de que ganhava força no Paraguai uma perspectiva nacionalista que buscava rechaçar a visão lateral do pós-guerra, pelo conflito com a Tríplice Aliança e como o ‘assassino de sua própria pátria’” (Salles, 2019, p.333). Ainda Salles (2019, p. 333), “repensava-se não só na figura de Solano López, mas também a própria Guerra do Paraguai, que passa a ser analisada como uma ‘epopeya nacional’, destacando-se a bravura, o sacrifício e o nacionalismo dos paraguaios, que resistiram heroicamente frente aos seus inimigos”.

De 1936 a 1989, ocorre o golpe militar, anulando a Constituição de 1870 e declarando, através do decreto, a figura de Marechal Francisco Solano López como “herói nacional”, estatuto conferido dando a justificativa de que há uma reivindicação da história paraguaia (Brezzo, 2009, apud Salles, 2019). Ou seja, ocorre uma ampliação de influência do nacionalismo lopizta no início do século XX, constituindo-se em ideologia de Estado a partir de 1936, um nacionalismo lopizta, dogmático, militarista e estatista, harmonizava-se com esta ditadura e as seguintes¹.

A partir de 1989 e 1991, por fim, marcou o fim da ditadura e a integração regional do MERCOSUL. “Os dois eventos anteriores trouxeram motivações suficientes para impulsionar uma nova tendência historiográfica (...) em conexão com o processo de integração e de redemocratização, perspectivas metodológicas se abriram, como a necessidade de utilizar fontes mais variadas e nova documentação” (Brezzo, 2009, p.77 apud Salles, 2019, p. 334).

Vale lembrar que nenhuma dessas definições são absolutas, as mais “corretas” de ver o fato histórico. “O neo-revisionismo”, o mais recente momento historiográfico discutido na historiografia brasileira até o momento, por exemplo, “não é a última palavra acerca da Guerra do Paraguai” (Salles, 2015, p.39). Sabemos bem que muitos quesitos podem mudar, haver novas revisões e interpretações sobre fatos e acontecimentos através da releitura das fontes e novas perspectivas, como acontece com qualquer área de estudo que nós historiadores compreendemos bem esse processo existente, e aqui, neste caso com a Guerra do Paraguai, tendo a

¹ “O nacionalismo lopizta ampliou sua influência, nas primeiras décadas do século XX, constituindo-se em ideologia de Estado a partir de 1936. (...) O nacionalismo lopizta, dogmático, militarista e estatista, harmonizava-se com esta ditadura e as seguintes, dos generais Higinio Morínigo (1940-1948) e Alfredo Stroessner” (Doratioto, 2005, p.13 apud Salles, 2019, p.334).

historiografia paraguaia como parte de instrumento de trabalho e estudo, complementando fatos e acontecimentos, não se difere. Portanto, pode-se concluir que, seja na historiografia brasileira ou na historiografia paraguaia a sua forma de contar sobre o mesmo momento histórico, “a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida” (Ferro, 1983, p.11 apud Squinelo, 2020, p.243).

3 HISTORIOGRAFIA SOBRE A BATALHA DE ACOSTA ÑU E AS CRIANÇAS

A Guerra do Paraguai foi alvo de diversas e variadas interpretações e reinterpretações, seja pela produção das escritas durante aquele tempo (memórias, cartas, reminiscências, diários), pelas obras históricas e historiográficas sobre o tema, seja pela produção de uma historiografia didática que se debruçou sobre este assunto, como ressalta Squinelo (2020) e que foi explorado no tópico anterior. Ou seja, mesmo após o seu fim, muitos memorialistas, militares ou não, elaboraram suas interpretações sobre aquele passado histórico recente e essas interpretações influenciaram em grande medida na produção didática, como também em outras mídias ao exemplo da História em Quadrinhos, que será discutido mais adiante.

Isso tornou-se notório com o neo-revisionismo, fruto do domínio efetivo das "ferramentas" do trabalho do historiador em conjunto de pesquisa e análise documental, como também o acesso a novas fontes e abordagens no processo investigativo, o que proporcionou uma ebulição de estudos, como afirma Squinelo (2020). Segundo a historiadora, "velhos temas foram revisitados e outros vieram à baila; diferenciados sujeitos subalternizados pelo processo histórico e pela narrativa do vencedor, foram visibilizados, ganhando um protagonismo no cenário do conflito em questão" (Squinelo, 2020, p.245). Continua, "nessa perspectiva, as análises sobre a Guerra *Guasu* romperam e superaram os tradicionais vieses militar e diplomáticos" (idem). Ou seja, "o cenário bélico tornou-se diverso, múltiplo e pluriperspectivado" (idem, p.246). Pensando nas crianças-soldados nos anos finais de guerra, em causa desse processo, puderam ser vistas como protagonistas e participantes dessa história, como agentes ativos, mostrando a sua relevância na História.

O evento analisado, como foi apresentado anteriormente, trata-se sobre a Batalha de Campo Grande, conhecida também como Batalha de Acosta Ñu ou *Batalla de Los Niños*. Trata-se do combate realizado em 16 de agosto de 1869, quando milhares de crianças foram lançadas em conjunto de centenas de homens restantes do exército paraguaio para combater o exército da Tríplice Aliança. No pós-guerra, o governo paraguaio criou uma construção simbólica sobre essas crianças, sendo reinterpretadas como heróis por meio principalmente das instituições de ensino, como é afirmado por Carmo e Pinto (2020).

É claro que se há um grande choque, um sentimento de indignação, de pensar o quão absurdo é de pensar que alguém permitiu jovens de menores de idade irem em combate contra adultos com muito mais preparo, contudo, é preciso, primeiramente, compreender a ideia do que era ser criança naquele tempo. No trabalho de Carmo e Pinto (2020) explora-se bem sobre a questão, e, resumidamente, entende-se de princípio que a ideia de ser criança foi uma “construção social, ou uma abstração construída pelos homens ao longo dos tempos” (Kuhlmann, 1998, apud Carmo; Pinto, 2020). No período medieval, por exemplo, entendia-se a criança como um indivíduo frágil e tinha um determinado nível de inferioridade pelos adultos, como é afirmado por Ariés (1981) apud Carmo; Pinto (2020), porém, há um contra-argumento, abordando a perspectiva das crianças com intelecto tão desenvolvido quanto o de um adulto maduro, uma miniatura do adulto, segundo Heywood (2004) apud Carmo; Pinto (2020). Ou seja, “a criança poderia ser interpretada como alguém com a mentalidade já formada, uma pessoa já madura e decidida, acrescentando uma questão da sabedoria divina baseada na pureza da infância” (Carmo; Pinto, 2020, p.5), já que havia um nivelamento de responsabilidades que aqueles menores de idade podiam assumir.

Pensando sobre o contexto histórico no Brasil, já era possível constar, por exemplo,

o envio de crianças brasileiras para navios mercantes e arsenais de guerra desde antes do conflito, informando que não existia nenhum tipo de formação ou treinamento para os jovens marujos, sendo que só após a independência o Império começou a copiar o modelo das Companhias de Aprendizes europeias, sendo que durante o século XIX a instituição passou a ser uma das formas de ascensão social para filhos de forros e negros livres, no tocante ao envolvimento das crianças no conflito, é possível entender que a Marinha também possuía seus aprendizes mirins (Del Priore, 2006, apud Carmo; Pinto, 2020, p.7).

Essas crianças eram recrutadas para participarem da guerra, ajudando nos navios, já que “a restrição de crianças ao trabalho só surgiu no final do século XIX com a convenção de Berlim”, segundo Castro (2016, apud Carmo; Pinto, 2020, p.7). Além disso, não era visto com estranheza se deparar com crianças se casando muito cedo.

Já no contexto paraguaio, Potthast (2005) afirma que as crianças não estranhavam a vida nos acampamentos no século XIX. O abastecimento e limpeza das tropas ficavam principalmente a cargo das mulheres e, conseqüentemente, as

crianças as acompanhavam em seus trabalhos, independente da idade, como é possível observar na Ilustração 1. Muitas crianças das classes trabalhadoras já cresciam em um ambiente de guerra e disciplina militar, mas também os pais, se tivessem condições, segundo a historiadora, vestiam seus filhos com uniformes e os preparavam para a vida como soldados. Por volta dos dez anos de idade, ainda segundo a mesma, alguns deles começaram a assumir funções militares e era possível supor que os jovens realizavam as atividades com grande orgulho e, como os seus pais, viam como o primeiro passo de uma carreira militar, podendo ser observado nas Ilustrações 2 e 3.

Ilustração 1



Fig. 2: Mujeres en el campamento paraguayo.

Fonte: Potthast (2005, p.91)

Ilustração 2



Fig. 3: Tambor del 1º de Infantería.⁶

Fonte: Potthast (2005, p.92)

Ilustração 3

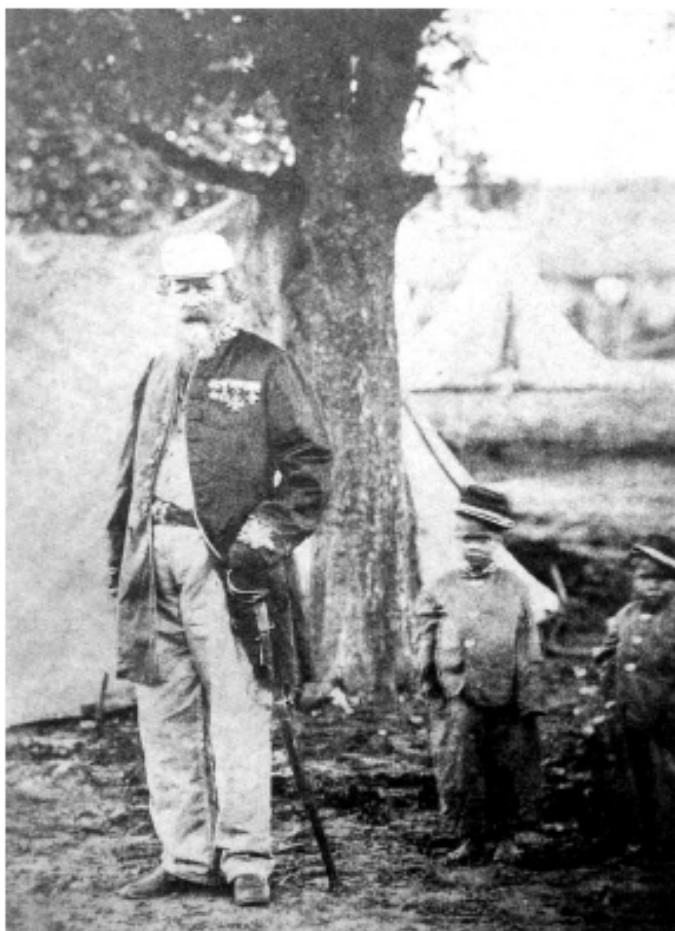


Fig. 4: Militar con niños en la guerra del Paraguay.⁷

Fonte: Potthast (2005, p.93)

A partir da compreensão de diferentes lugares sobre como as crianças eram vistas em uma perspectiva muito próxima, mas ao mesmo tempo diferente, entende-se que, no século XIX, em tempos de guerra, via as crianças como capazes, aptas de manusear armas de fogo e combater contra soldados adultos em nome da sua pátria e do pouco que lhe restava. Com isso, é notório que “as regulamentações sobre a infância eram escassas ou inexistentes, permitindo a exploração dos menores em diversas situações” (Soares, 2024, p.25).

No início da Guerra do Paraguai, as convocações para o exército paraguaio eram de pessoas com idade entre 16 e 44 anos, os quais eram considerados aptos. Com as grandes baixas, principalmente de soldados, jovens de 14 anos foram obrigados a assumirem o serviço militar. Em todas as fases do conflito houve a presença de crianças, apenas neste estágio final da guerra esse aspecto se tornou mais acentuado. Ou seja, o auge da fragilidade do exército paraguaio foi na Batalha

de Acosta Ñu, fazendo esses jovens, muitos entre 12 e 14 anos de idade, lutar em uma batalha que já evidentemente estava finalizada, sendo considerada a última grande batalha da Guerra do Paraguai, como é afirmado pelo autor Bethell (1995) apud Soares (2024). Enxergou-se, assim, essas crianças como possível solução para uma falta de contingente militar. Entretanto, como já se sabe, a guerra foi prolongada pois o exército brasileiro acreditava que o fim definitivo do conflito seria com a morte do Solano López.

Algumas fontes afirmam que população paraguaia, segundo Bondar (2017), teve redução de um milhão, em 1864, para não mais de trezentas mil pessoas no fim da guerra, embora o número mais amplamente aceito para a população pré-guerra seja de 450.000 (quatrocentos e cinquenta mil). A porcentagem de sobreviventes estava composta por mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência. É válido ressaltar também, ainda segundo o mesmo, que, durante o período de guerra, a população paraguaia diminuiu entre 60% e 70%, não apenas devido às mortes nos campos de batalha, mas também à fome, às doenças (principalmente cólera e febre amarela) e à alta prevalência de violência sexual e assassinatos de crianças, mulheres e idosos.

No trabalho de César Iván Bondar², *La “Batalla de Los Niños”, 16 de agosto de 1869* (2017), apresenta um pequeno trecho do texto publicado pelo Ministério da Educação da República do Paraguai, descrevendo o acontecido como uma das “epopeias mais sangrentas que aconteceu no povo paraguaio em respeito à matança de crianças, idosos e mulheres no século XIX” (Bondar, 2017, p.47). Segue abaixo:

“Naquela batalha, crianças de seis a quinze anos eram vestidas como soldados para entrar em combate e, no calor da batalha, aterrorizadas, agarravam-se às pernas dos soldados brasileiros, clamando por suas vidas. E suas gargantas eram cortadas no local.”, escreveu o historiador brasileiro Chiavenatto. As mães das crianças em combate se esconderam na selva, incapazes de fazer alguma coisa, assistindo à batalha. Muitas pegaram lanças e acabaram liderando um grupo de crianças na resistência. Finalmente, após um dia de combate, os paraguaios foram derrotados. O Conde D’Eu, o comandante da guerra, após a inusitada batalha de Acosta

² Pesquisador argentino com foco em estudos antropológicos da morte, práticas funerárias e crenças relacionadas à morte, especialmente no nordeste argentino, Paraguai e sul do Brasil. Ele é pesquisador do CONICET (Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas) e do IESyH da FHyCS da UNaM (Instituto de Estudos Sociais e Humanos da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Nacional de Misiones). Disponível em: <https://www.conicet.gov.ar/new_scp/detalle.php?id=30612&datos_academicos=yes>. Acesso em: 22 de jul. de 2025.

Ñu, quando esta terminou, ao cair da noite, as mães das crianças paraguaias saíram da selva para resgatar os corpos de seus filhos e ajudar os poucos sobreviventes, e o conde ordenou que a vegetação rasteira fosse incendiada, matando e queimando crianças e mães selvagememente. O exército era composto por 4.000 (quatro mil) crianças, sob o comando do general Bernardino Caballero. Na madrugada de 16 de agosto de 1869, foram alcançados em Acosta Ñu por 20.000 (vinte mil) soldados aliados. As crianças sentiram-se engrandecidos, e uma das batalhas mais sangrentas da grande guerra começou (...). O triste, cruel e trágico episódio ficou registrado na história como “A Batalha das Crianças”. (*Batalla de Acosta Ñu*. Documento del Ministerio de Educación y Cultura. República del Paraguay apud Bondar, 2017, p.47)³

A imagem do herói infantil comemora a aniquilação da infância paraguaia, não apenas em termos demográficos, mas também em termos simbólicos, como foi pontuado por Carmo e Pinto (2020) e é explorado no trabalho de Bondar (2017). Colocando a criança no papel de um soldado adulto, ainda mais no tempo pós-guerra, desenvolveu-se uma imagem daquele menor de idade como herói e “patriota por natureza”, chegando até a ocupar um lugar no Panteão dos Heróis em Assunção, como é destacado pelo antropólogo. Essa infância adiada, dessa forma, é justificada pela necessidade de defender a nação paraguaia e pelo senso de patriotismo que as crianças de Acosta Ñu alegavam possuir.

A partir de algumas imagens analisadas pelo autor, entende-se melhor sobre o discurso em relação à imagem desses jovens que foram obrigados à guerra como um símbolo de patriotismo e heroísmo, a exaltação da sua luta por algo maior. Nas Ilustrações 5 e 6 se vê os uniformes militares desses meninos que usam as cores da bandeira do Paraguai. Na Ilustração 5 observa-se o menino soldado armado, mostrando estar em ação. Já na Ilustração 6 depara-se com três meninos, um deles carregando a bandeira do país com orgulho, tendo a luz atingindo sobre ele, remetendo a um símbolo de esperança e inspiração, que nada pode parar o povo

³ trecho original: “En esa batalla niños de apenas de seis a quince años, eran vestidos como soldados para salir a combatir y en el fragor de la batalla, despavoridos, se agarraban a las piernas de los soldados brasileños, llorando que no los matasen. Y eran degollados en el acto.”, escribió el historiador brasileño Chiavenatto. Las madres de los niños en combate se escondían en la selva, sin poder hacer absolutamente nada, observando la lucha. No pocas agarraron lanzas y llegaron a comandar un grupo de niños en la resistencia. Finalmente, después de un día de lucha, los paraguayos fueron derrotados. El Conde D’Eu, el comando de la guerra, después de la insólita batalla de Acosta Ñu, cuando estaba terminada, al caer la tarde, las madres de los niños paraguayos salían de la selva para rescatar los cadáveres de sus hijos y socorrer a los pocos sobrevivientes, y el conde mandó incendiar la maleza, matando, quemando a niños y madres salvajemente. Componían el ejército 4000 niños, bajo el mando del general Bernardino Caballero. Al amanecer del día 16 de agosto de 1869 fueron alcanzados en el paraje de Acosta Ñu por 20000 hombres de las tropas aliadas. Los niños se sintieron agigantados y se inició una de las batallas más sangrientas de la guerra grande (...). El triste, cruel y trágico episodio quedó registrado para la historia con el nombre de “La Batalla de los Niños” (*Batalla de Acosta Ñu*. Documento del Ministerio de Educación y Cultura. República del Paraguay apud Bondar, 2017, p.47).

paraguaio, mesmo que tentem passar a perna, como é visto o segundo menino que estica a perna, parecendo querer que aquele que segura a bandeira caia igual como a terceira criança que está no chão, remetendo a derrota. A criança que segura a bandeira, porém, passa por cima da perna, simbolizando que o Paraguai não será parado e essas crianças iriam garantir essa vitória.

Ilustração 4



Fig. 9 y Fig. 10: Soldado niño Acosta Ñu 1891. Pinturas de Modesto González (<https://es.pinterest.com/englands101/latin-american-armies/> Guerra Del Paraguay, Soldado, Nino, Historia, Ejércitos Americanos, Latin American, 1891, Art Contemporain, Portalguarani. Consultado el 19 de diciembre de 2016.)

Fonte: Bondar (2017, p.49)

Ilustração 5



Fig.11. Niños Mártires de Acosta Ñu. Sin referencias de autor (<http://www.aviacionargentina.net/foros/historia-de-las-ffaa-argentinas.42/8677-el-dia-del-nino-o-labatalla-de-acosta-nu-guazu-campo-grande-o-la-masacre-delos-ninos.html>. Consultado el 19 de diciembre de 2016.)

Fonte: Bondar (2017, p.50)

Entende-se, então, a propaganda militar que Solano López no seu governo queria fazer – transformar essas crianças, vistas como a última esperança do povo paraguaio, em um mártir. Em consequência disso, leva a ignorar acontecimentos que já foram mencionados anteriormente, a violência em conjunto da fome e das doenças, como pode ser observado na Ilustração 7 nas duas primeiras fotografias, que veio em consequência da guerra. Não apenas isso, mas como é dito por Bondar, “o martírio, o povo martirizado, que vê a sua infância desperdiçada, colocando em risco a continuidade de sua comunidade, sua cultura e sua memória” (Bondar, 2017, p.51)⁴.

Ilustração 6

⁴ trecho original: El martirio, el pueblo martirizado, que ve a su infancia dilapidada, poniéndose en juego la continuidad de su comunidad, de su cultura y de su memoria.

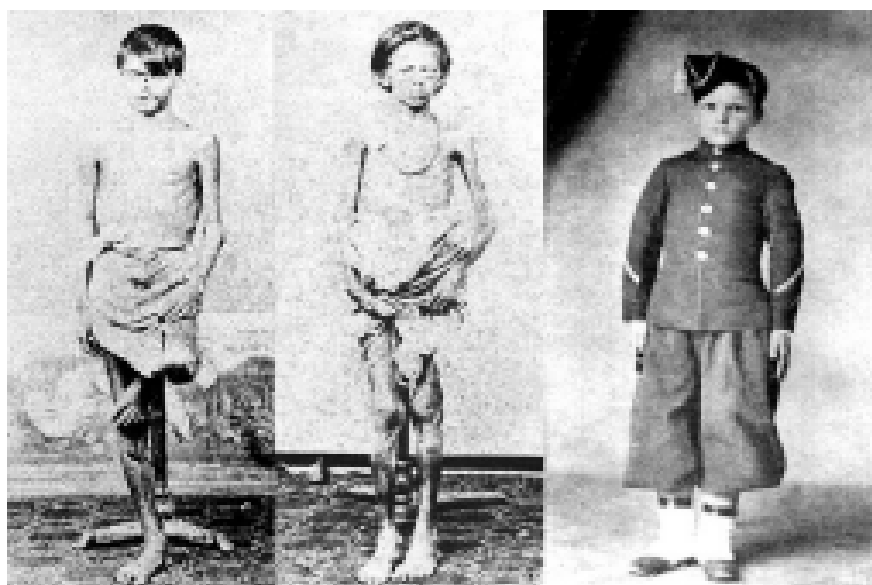


Fig. 14, Fig. 15 y Fig. 16. Niños paraguayos. Uno con traje de guerra y dos mutilados por la hambruna post-guerra. Sin referencias de autor (<http://www.taringa.net/posts/info/17638796/La-batalla-y-masacre-de-Acosta-Nu.html>. Consultado el 19 de diciembre de 2016.)

Fonte: Bondar (2017, p.50)

Portanto, com esse apagamento e moldação da criança como “miniatura do adulto”, do símbolo de esperança e patriotismo por natureza, lembrando-se do que foi discutido anteriormente em relação a historiografia paraguaia, a constante tensão e conflitos de ideias sobre a Guerra do Paraguai e a figura de Solano López, assim levando a atingir sobre a questão das crianças paraguaias, afetando a população principalmente no pós-guerra.

Como foi ressaltado no início do capítulo por Carmo e Pinto (2020) e foi visto no decorrer do texto, houve uma construção simbólica sobre essas crianças e quando houve, especialmente, no golpe militar, criou-se um discurso nacionalista a favor de Solano López, moldando-o como herói nacional e, consequentemente, levou a moldar essas crianças como heróis e não vítimas de guerra e das tomadas de decisões do Marechal Solano López. Isso pode ser observado melhor através da Ilustração 8, a qual apresenta um conjunto de imagens do *Monumento a los "Niños Mártires de Acosta Ñu"* existente até os dias de hoje, inaugurado por Stroessner, um dos governadores no tempo do golpe militar no Paraguai, e desde a data

comemorativa do dia das crianças foi oficializada, há-se práticas de comemoração neste monumento, homenageando esses jovens que morreram pelo Paraguai e reforçando o discurso de que foram heróis da nação, os mártires.

Ilustração 7



Fig. 19 y Fig. 20. Monumento. Niños Mártires de Acosta Ñu (https://www.panoramio.com/user/1652584?photo_page=59- Consultado el 14 de febrero de 2017.)



Fig. 21. Stroessner inaugura el monumento a los Niños Mártires de Acosta Ñu (<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/a-50-anos-del-frustrado-regalo-a-stroessner-941806.html> 4 de noviembre de 2006. Consultado el 14 de febrero de 2017.)

Fonte: Bondar (2017, p.52)

Enquanto no Paraguai não se esconde o fato sobre a presença infantil durante a Guerra do Paraguai, principalmente na Batalha de Acosta Ñu, no Brasil é visto um apagamento, como se nunca estivessem ali em primeiro lugar. Um exemplo disso pode ser visto na Ilustração 9, o quadro “Batalha de Campo Grande” (1877) de Pedro Américo Figueiredo de Melo.

Expõe homens adultos paraguaios, muitos não utilizando fardas militares, contra o exército brasileiro, o qual apresenta um ar de superioridade e valentia, muitos montados em cavalos como reforço da posição de estar acima, contrário da posição encontrada sobre os paraguaios que estão todos no chão, quase atropelados pelo exército brasileiro, mas tendo ainda um sinal de luta e da bravura.

Dessa forma, entende-se um reforço do discurso realizado na historiografia memorialística-patriótica, a demonstração de glória e valentia sobre o "outro" e "bárbaro". Além disso, claramente não querem mostrar esse lado da história em que milhares de crianças foram a guerra uniformizadas e armadas, o que em consequência leva ao apagamento sobre o massacre ocorrido nessa batalha.

Ilustração 8



Fonte: "Batalha de Campo Grande" (1877) por Pedro Américo Figueiredo de Melo. (Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Campo_Grande). Acesso em 22 de jul. de 2025.)

É válido trazer à tona um ponto que Bondar levanta em seu trabalho e pode ser enxergada como uma reflexão, até mesmo um reforço do que foi apresentado nas análises das ilustrações apresentadas, que é

(...) nenhuma das obras expostas demoniza ou condena as ações dos adultos ou do exército paraguaio em sua decisão de enviar crianças para o campo de batalha (...), é elogiada, e a criança é retratada como ilustre e vitoriosa, para além das consequências reais e das evidências fornecidas pelos eventos históricos (Bondar, 2017, p.51)⁵.

⁵ trecho original: "(...) ninguna de las obras expuestas demoniza o condena el accionar de los adultos o del ejército paraguayo ante la decisión de enviar a los niños al campo de batalla (...), se elogia esta determinación y el niño es retratado ilustre y victorioso más allá de las consecuencias y evidencias reales que nos brinda el hecho histórico."

Por mais que Bondar tenha feito o trabalho em foco sobre as ações paraguaias, mas facilmente pode ser aplicado ao exército brasileiro e aqueles que escreviam sobre os acontecidos naquele tempo e no pós-guerra também.

Continuando e reforçando o argumento já realizado anteriormente no trabalho,

fica evidente é a desigualdade com que o povo paraguaio foi submetido a essa ação bélica, que o empobreceu e destruiu sua população: condenando os sobreviventes à fome (caso das imagens 14 e 15)⁶, à morte por suicídio ou a serem vítimas de peste de febre amarela e da cólera, deixando-os privados de profissionais especializados, equipamentos, cuidados e centros de contenção (idem)⁷.

Essas ilustrações expostas apenas evidenciam que existem imagens, fotos, relatos e documentos sobre a presença das crianças na guerra, como é afirmado por Mattos (2022) apud Soares (2024), e não há nada que apague ou esconda sobre esse fato.

É compreendido, diante do exposto, que a Batalha de Acosta Ñu não foi uma batalha justa. Não foi uma batalha honrosa. As crianças-soldados foram as vítimas que mais sofreram, símbolo da perversão das guerras, como é exaltado por Potthast (2005). Porém, a mesma traz a tona uma perspectiva que é válida refletir sobre a presença de crianças nas guerras, citando artigo de Peterson/Read (2002), os quais chamam a atenção para a interpretação vitimizadora das crianças, questionando até que ponto elas talvez não tinham uma visão própria das causas de violência e da guerra.

Dessa forma, cabe a entender que não devem ser consideradas apenas como meras vítimas inocentes, mas também atores conscientes dessas lutas. Como Carmo e Pinto (2020) abordaram em seu trabalho, a ideia que temos de infância, do que é ser criança, é muito recente. A ideia que temos hoje em dia, da doçura e inocência, não é a mesma noção que aquelas sociedades tinham. É como já foi mencionado, as crianças eram vistas como “mini adultos”, já tinham responsabilidades, trabalhavam e, até mesmo, casavam.

⁶ Pode ser observado na “Ilustração 6”.

⁷ trecho original: “lo que queda de manifiesto es la desigualdad con la que el pueblo paraguayó fue sometido a esta acción bélica, que lo empobreció y destruyó a su población; condenando a los sobrevivientes a la hambruna (casos de las imágenes 14 y 15), a la muerte por suicidio o siendo víctimas de la peste de fiebre amarilla y cólera, dejándolos desprovistos de profesionales especializados, equipamiento, centros de atención y contención.”

A representação da infância como uma fase da vida distante dos problemas do mundo adulto, cheia de alegria e doçura, revela-se uma noção relativamente recente e parcial, provavelmente válida apenas para certas sociedades e classes. Crianças pobres levam vidas cotidianas de privação e, frequentemente, de agressão e violência. Além disso, a integração precoce no mercado de trabalho ou o cuidado com animais e irmãos mais novos lhe confere um certo senso de responsabilidade e pertencimento a uma comunidade. Essas circunstâncias, é claro, não podem e não serão justificativa para as atrocidades cometidas contra civis e crianças em situações de guerra, mas a visão de crianças e jovens combatentes como meras vítimas, forçados a participar de algo completamente alheio, também parece inadequada (Potthast, 2005, p.110).⁸

O ponto que Potthast quer chegar é refletir sobre o grau de compreensão política que as crianças e os jovens tinham, e no seu trabalho “Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay” (2005) apresenta memórias que mostram que, até meninas da classe trabalhadora discutiam sobre questões políticas, chegando até a falar sobre suposta conspiração contra Solano López. Ou seja, até crianças tinham alguma compreensão da situação política em que viviam.

Além disso, Potthast afirma que, por um lado, essas crianças-soldados não tinham escolha, visto que foram recrutadas à força, mas por outro, com base em vários testemunhos, não apenas por nacionalistas paraguaios, sobre sua bravura em batalha. Talvez algumas delas realmente lutassem com a ideia de ter que defender sua pátria em consequência, possivelmente, de terem crescido em um clima de nacionalismo fortemente influenciado pela propaganda de guerra, como foi visto em algumas ilustrações anteriores, e pela censura política, e não conheciam outro tipo de discurso.

Portanto, é importante deixar muito claro que,

Recrutar crianças e jovens adolescentes é certamente um ato desumano e um crime que nem mesmo o maior patriotismo ou nacionalismo pode desculpar, mas para compreender fenômenos como os que marcaram a Guerra do Paraguai, é necessário também reconhecer que as crianças que a viveram, cresceram nesse ambiente, e muitas amadureceram prematuramente. Elas tinham uma visão formada durante os anos de guerra e moldada pela propaganda. Assim, não foram apenas vítimas da guerra, mas também vítimas de um discurso nacionalista que não é exclusivo do Paraguai no século XIX e XX, mas persiste até hoje e continua a produzir

⁸ trecho original: “La representación de la infancia como una fase de la vida lejos de los problemas del mundo adulto, plena de alegría y dulzura, resulta ser una noción relativamente reciente y parcial, probablemente válida sólo para ciertas sociedades y clases. Los niños pobres llevan una vida cotidiana de privaciones y, no pocas veces, de agresiones y violencia. Además, la temprana inserción en el mundo del trabajo o en el cuidado de animales y hermanos menores les da cierto sentido de responsabilidad y pertenencia a una comunidad. Estas circunstancias, por supuesto, no pueden ni quieren ser ninguna justificación para las atrocidades cometidas contra la población civil y los menores en situaciones de guerra, pero la visión de los niños y jóvenes combatientes como meras víctimas, forzadas a participar en algo completamente ajeno, tampoco parece adecuada.”

vítimas, tanto adultos quanto adolescentes e crianças (Potthast, 2005, p.111-112).⁹

É fato que, quando se trata dessa temática, pensando na abordagem de um passado sensível e traumático, ainda mais tendo o Brasil como parte e causador desse processo sangrento e trágico, há muita negligência em abordar em diversos espaços na sociedade, tornando muito mais complexo e delicado. Contudo, graças a outros espaços fora do ambiente acadêmico e do ambiente escolar que possibilitam temáticas como essa a serem discutidas e exploradas, seja pela própria Internet, pela arte, ou até mesmo, como é o caso deste trabalho, as Histórias em Quadrinhos tendo esse papel de mediador, de transmissor de conhecimentos, possibilitando aquela pessoa de poder enxergar a história em outra perspectiva, "outras imagens" de protagonistas. Dessa forma, temos a História em Quadrinhos "Guarani – A Terra Sem Mal" para provar que essas crianças, esse acontecimento histórico tão escanteado é tão importante quanto os "grandes nomes" exaltados, os militares da Tríplice Aliança, os ditos vitoriosos do combate.

⁹ trecho original: "Reclutar niños y jóvenes adolescentes seguramente es un acto inhumano y un crimen que ni el mayor patriotismo o nacionalismo puede exculpar, pero para entender fenómenos como los que marcaron la Guerra del Paraguay hay que ver también que los niños que la vivieron habían crecido en este ambiente y muchos habían madurado precozmente. Tenían una visión formada durante los años de guerra y moldeada por la propaganda. Así no eran sólo víctimas de la guerra sino además víctimas de un discurso nacionalista que no es exclusivo del Paraguay ni del siglo XIX y XX, sino que persiste en la actualidad y sigue produciendo víctimas, tanto adultos como adolescentes y niños."

4 GUERRA DO PARAGUAI E O ENSINO DE HISTÓRIA: O PAPEL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO CAMPO DO ENSINO

Adentrando na perspectiva do Ensino de História, entendendo como um lugar de fronteira entre a História e a Educação, um Lugar de Diálogos, é preciso refletir, após a discussão historiográfica, sobre como isso impacta o campo do ensino em relação a temática da Guerra do Paraguai e as crianças na Batalha de Acosta Ñu.

Como foi observado nos capítulos anteriores, a escrita sobre o conflito sul latino-americano ocorrida entre 1864 e 1870 teve várias perspectivas, muitas vezes tendo viés mais militarista, identitário e patriótico, principalmente no pós-guerra, no fim do século XIX para o século XX. De acordo com Salles e Neto (2020), durante o século XX, o conhecimento dessa temática privilegiou e se viu como estratégico em referente às formações identitárias nacionais e consolidação de uma história da nação nos países envolvidos no conflito. Além disso, nos anos 1970 e 1980, a historiografia revisionista, como foi visto nos capítulos anteriores, criticava as atitudes imperialistas e formas de dominação de uma nação sobre a outra e tem apresentado “como um conhecimento com potencial para tomar como problema a questão das identidades nacionais, ao problematizar a Guerra do Paraguai como fator de fortalecimento das identidades” (Salles; Neto, 2020, p.111).

Dessa forma, a temática sobre a guerra leva a reflexão sobre questões relacionadas à valorização de um entendimento regional entre os países da América do Sul, tanto pensando no passado e no presente a fim de compreender e interpretá-lo quanto no futuro na intenção de prevenir que o episódio trágico e sangrento se repita contra países vizinhos. Não apenas isso, mas possibilita uma leitura de mundo, podendo utilizá-las para refletir como se constroem histórias e narrativas através da progressão dos conhecimentos históricos, partindo disso podendo fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do que se acontecer ao seu redor, por exemplo.

Na perspectiva geral sobre o estudo da Guerra do Paraguai nos livros didáticos, segundo os trabalhos de Salles e Neto (2020), e Squinelo (2020), busca-se problematizar certa identidade nacional, identificando e denunciando a estratégia de criação de um inimigo externo – o Paraguai, como também as causas do conflito sendo delineadas e conectadas à própria dinâmica que envolveu os países latinos, uma perspectiva traçada em uma história militar e fundamentada em

eventos diplomáticos, batalhas, nomes e episódios. Como Squinelo afirma em seu trabalho de análise de materiais didáticos,

“o eixo explicativo do conteúdo Guerra *Guasu* relaciona-se, ainda, a exposição das causas que levaram o conflito e na análise do desenrolar da contenda, descrevendo assim, fase a fase da Guerra, as batalhas, as datas e registrando nas páginas da história àqueles que são considerados os ‘grandes nomes’. (...) Muitos desses heróis são nomes cultuados até os dias atuais (Squinelo, 2020, p.257).

Dessa forma, pensando, por exemplo, as crianças paraguaias e a temática da infância, Squinelo (2020) diz que, com base nas suas análise em materiais didáticos brasileiros, é negligenciado e carece de abordagens, é invisibilizado esta temática no ensino. Ela afirma que

embora as narrativas didáticas incorporem mesmo que em pequena medida as revisões e atualizações historiográficas sobre o tema e também a ampliação do conceito de fonte histórica (textual e imagética), continuam a (re)produzir uma narrativa baseada na descrição dos fatos, das batalhas, da atuação de comandantes e, em uma perspectiva cronológica e linear, na qual os fatos desencadeiam-se em uma sequência e uma lógica positivista (SQUINELO, 2020, p.258).

Percebe-se então que a prioridade dessa passagem de informações sobre a temática da Guerra do Paraguai é a descrição das campanhas da Guerra e as consequentes batalhas. Apresentando a atuação dos ditos “grandes homens”, fortalecendo a história dos vencedores, como é visto na historiografia memorialística-militar, e excluindo a multiplicidade de sujeitos que estiveram no conflito, direta ou indiretamente, como o caso da ausência e de negligência na abordagem temática sobre as crianças no conflito sul latino-americano. Em base nisso, apenas reforça o que Squinelo (2020) defende em seu trabalho, que é sobre o quanto é preciso quebrar essa constante mediação na nossa sociedade, na constante narrativa que fazem vozes continuamente e insistentemente silenciadas por uma narrativa oficial e escrita sob a ótica do vencedor.

É preciso buscar formas que auxiliem na superação de estereótipos em relação aos países e povos envolvidos no conflito, assim como favorecem o desenvolvimento de posturas empáticas e que tenham como postulado o exercício da alteridade. Não apenas isso, como também tratar a história como uma “história aceitável”, como expõe Squinelo (2020), para que possa trilhar um caminho rumo à superação da história traumática, e não esconder, acreditar que isso nunca

aconteceu, de escantear. Dessa forma, como foi afirmado anteriormente, tendo que procurar outras mídias, materiais fora do campo do ensino e utilizar como ferramentas para quebrar esse paradigmas, sendo assim as Histórias em Quadrinhos essa possibilidade.

Não é de agora que abordam estudos sobre Histórias em Quadrinhos, seja na perspectiva pedagógica-educacional, na perspectiva comunicacional, ou na perspectiva artística, e, certamente, na perspectiva histórica e historiográfica não é diferente. Em muitos casos, como a sala de aula e nas formas de planejamento, pensando em quais tipos de materiais se deve utilizar para facilitar no entendimento daquele estudante sobre a temática abordada, ainda mais quando são assuntos vistos como “chatos”, acabam indo para as Histórias em Quadrinhos como um “quebra gelo” em sala de aula. Muitos professores procuram ferramentas lúdicas, dinâmicas, atrativas, e nesses últimos tempos as narrativas gráficas ganham mais e mais espaço na sala de aula como uma forma de aprendizado em apoio a mediação daquele docente e do que quer dialogar em sala.

Não apenas como forma de chamar a atenção dos estudantes, de utilizar como uma forma de comunicação com eles que muitas vezes entende História como uma matéria chata, uma matéria de muita leitura, cansativa, sendo na verdade uma matéria de estudo essencial tanto na formação escolar quanto a de cidadão.

De princípio, é preciso compreender que

História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas. Assim, é História em Quadrinhos toda produção humana, ao longo de toda sua História, que tenha tentado narrar um evento através do registro de imagens, não importando se esta tentativa foi feita numa parede de caverna há milhares de anos, numa tapeçaria, ou mesmo numa única tela pintada. Não se restringem, nesta caracterização, o tipo de superfície empregado, o material usado para registro, nem o grau de tecnologia disponível (Guimarães, 2010, p.30 apud Paiva, 2016, p.21).

Ou seja, as Histórias em Quadrinhos fazem parte da necessidade de comunicação humana, independentemente do espaço e material utilizado, podendo ser observado de exemplo através dos primórdios da história da humanidade pelas pinturas rupestres, entendendo os desenhos realizados de forma sequencial que narravam sobre o seu possível cotidiano, e que no decorrer do tempo transformou-se o que conhecemos como HQ e a narrativa gráfica. Ainda temos, assim, a arte dos desenhos em quadrinhos como forma de interpretar a nossa

realidade e de reinterpretar acontecimentos que já passaram por nós, podendo colaborar na melhor visualização dos fatos que muitas vezes não parecem ser imagináveis, como também em outros aspectos à exemplo da alfabetização.

Entende-se, então, que as Histórias em Quadrinhos, assim como a música, os livros, as séries, os filmes, os memes, os *reels* do Instagram, fazem parte do cotidiano das pessoas,

mesmo os menos atentos, se deparam diariamente com imagens relacionadas aos personagens clássicos dos gibis, quando não, com os próprios personagens, apresentados em produtos mais diversos, desenhos animados, comerciais e nas próprias HQs [Histórias em Quadrinhos] (Paiva, 2016, p.33).

Continua e reforça o que já havia comentado anteriormente, “o estilo narrativo e o formato das HQs, também se fazem presentes em toda parte, facilitando a inserção de temas e deixando lúdica a relação com o conhecimento destes” (idem).

As Histórias em Quadrinhos, como é argumentado no trabalho de Paiva (2016), não apenas colaboram para o campo de entretenimento, mas permitem ao questionamento e debates mais profundos, principalmente quando entende-se o porquê certos quadrinhos terem sido produzidos de tal forma. Precisamos sempre ter em mente que, quando trabalhamos com História em Quadrinhos, “trata-se de examinar as HQs como documentos políticos, sociais e culturais, com materialidades cujo sentido estético requer um olhar que atenda tanto aos aspectos históricos como artísticos, sem que se sobrevalorize uma dimensão sobre a outra” (Pires; Vazquez, 2017, p.138). Trabalhar com Histórias em Quadrinhos requer refletir e

discutir de que forma historiadores, sociólogos, comunicólogos e demais pesquisadores das ciências humanas podem não só abordar as histórias em quadrinhos como tema de pesquisa, mas também discutir como estas apresentam questões importantes para o tempo em que foram gestadas e, por fim, como contribuem para ampliar o saber histórico e em relação direta com nossas sociedades (idem).

Pensando em casos práticos, como o espaço da sala de aula, a realidade muito presente dos professores e das professoras, certamente demandaria um tipo de estratégia para que os estudantes adentrem aos debates. Isso foi o caso do trabalho de Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal (2015) que expõe a sua experiência prática na sala de aula, utilizando as Histórias em Quadrinhos como ferramenta didática, tendo objetivo de apresentar problemáticas histórico-sociais

mediadas por um docente e “fazer com que os estudantes abandonem o posto de passivos e consigam traçar relações entre o conteúdo estudado, sendo que essa se torna facilitada pela natureza totalmente acessível e convidativa dos quadrinhos” (Da Cunha, 2015, p.207). Além disso, ainda pensando neste viés da prática, pode-se correlacionar com outras áreas que a narrativa gráfica proporciona, seja pelo tipo de linguagem, estilo de arte, o tipo de humor utilizado, os outros campos de estudo que não necessariamente são históricos, exemplo de um viés mais jornalístico, ou químico, ou biológico, ou político que são abordados na narrativa. Como é destacado por Pires e Vazquez,

ancorados nas possibilidades que a interdisciplinaridade oferece e interessados nas interferências dos modelos e critérios culturais nos processos sociais um conjunto significativo de estudos (...) buscou os quadrinhos e o humor gráfico tanto como objeto de análise dos modos de sentir e pensar de uma época, quanto como um gênero literário, com linguagem e características próprias, que, consideradas em conjunto com as formas de produção, veiculação e usufruto, auxiliam na compreensão das realidades paralelas que produzem (Pires; Vazquez, 2017, p.150).

Em outras palavras, as Histórias em Quadrinhos no Ensino de História e o seu papel no campo “pode alargar e enriquecer as formas de compreensão do imaginário social, das sensibilidades, práticas e experiências de uma dada sociedade, bem como dos conflitos e das disputas simbólicas que se passam em diferentes esferas da vida social – política, cultural” (Pires; Vazquez, 2017, p.151).

Reforça-se, portanto, a relevância de utilizar os quadrinhos como um apoio para refletir a realidade histórica e aquela sociedade representada na narrativa, e sobre o papel de catalisadoras que desenvolvem ao propagar representações acerca dessa sociedade/realidade, como é ressaltado por Pires e Vazquez (2017). Como também, enxergar as Histórias em Quadrinhos como produto de uma construção cultural-política de uma determinada sociedade e de um determinado contexto histórico envolvido os coloca em posição de evidências históricas e afastando da ideia de ser apenas um entretenimento.

5 ANÁLISE DA HQ “GUARANI – A TERRA SEM MAL”: A BATALHA DE ACOSTA ÑU E AS CRIANÇAS

Entrando, finalmente, para o foco principal do trabalho, a História em Quadrinhos “Guarani – A Terra Sem Mal”¹⁰, baseando-se em toda discussão, tanto na perspectiva historiográfica quanto na perspectiva do Ensino de História e o papel da História em Quadrinhos no Ensino de História, é proporcionado diversos tipos de narrativas e vários personagens, todos testemunhos da guerra, seja de forma direta ou indireta.

De princípio, precisamos entender do que se trata a HQ e do porquê esse nome. A história conta sobre um fotógrafo francês chamado Pierre Duprat¹¹ que vai em Montevideú, Uruguai, a serviço de fazer um trabalho fotográfico no viés antropológico, como é explicado pelo personagem para os seus colegas, Javier López – fotógrafo – e Esteban García – assistente do Javier. Esses dois personagens o acompanharão nas terras paraguaias, fazendo fotografias de guerra, mas também o ajudarão a chegar até Assunção, capital do Paraguai, para que, então, o fotógrafo francês possa seguir o caminho por si só em busca das mulheres indígenas do povo Guarani.

O objetivo principal de Pierre Duprat durante toda a narrativa é encontrar essas mulheres e fotografá-las para vender na Europa, porém, acaba sabendo que por conta da guerra e o seu desgosto pelos estrangeiros, a comunidade indígena se mantém escondida, utilizando a selva ao seu favor, assim, dando indícios de obstáculos na busca.

Após alguns preparos, os três acompanham o exército argentino e uruguaio em direção ao Paraguai¹². Desde o momento que se conhecem, é possível já entender o posicionamento de cada um em relação a guerra. Duprat não se importa com o conflito, apenas focando em seu trabalho e querendo ir embora o mais rápido possível, desejando ficar o mais longe do combate, enquanto Javier se posiciona contra Solano López e o seu exército, chamando-o de “louco homicida”. Já Esteban

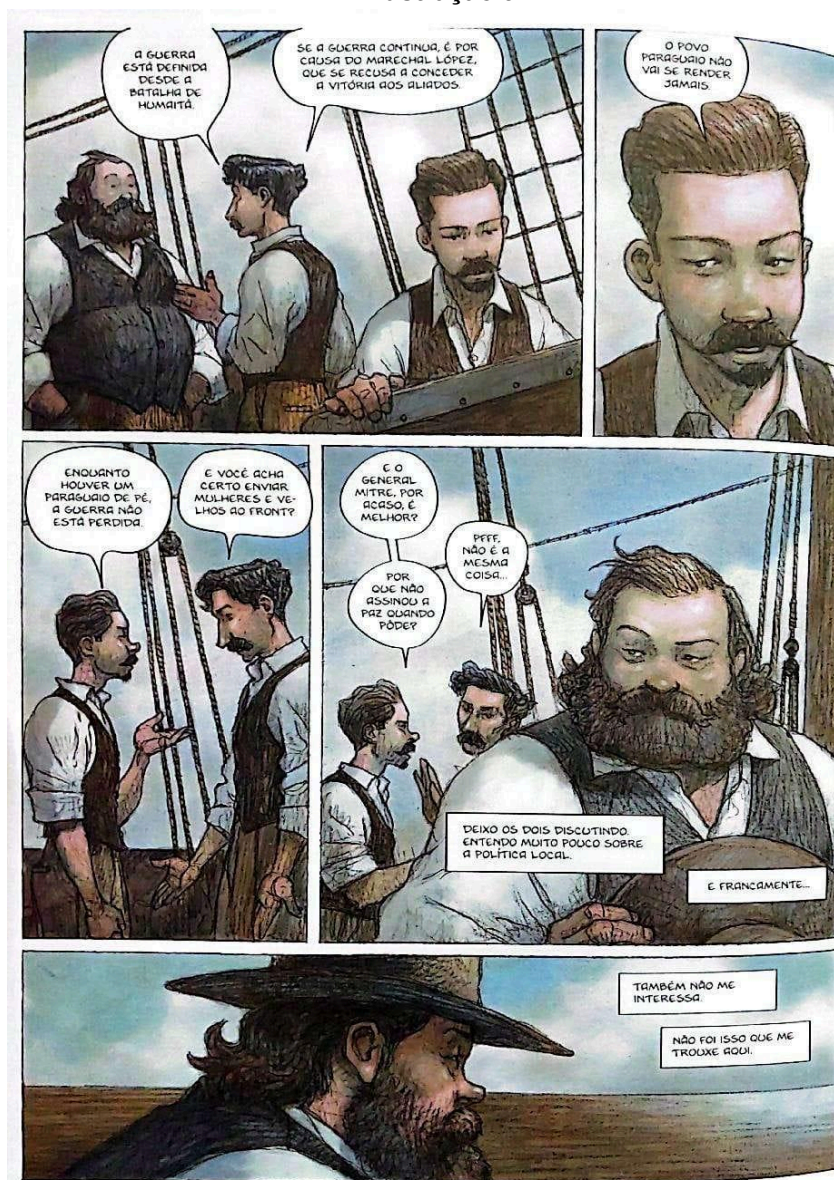
¹⁰ Publicada em 2018 pela editora Steinkis, título original: *Guaraní - La Tierra Sin Mal*, mas a versão traduzida e que chegou ao Brasil foi publicada em 2021 pela editora Comix Zone!.

¹¹ Não se sabe se é um realmente personagem histórico, que existiu durante esse período, porém até onde indica é que seja a mistura de um personagem fictício com um personagem histórico com o mesmo nome e adaptando-se para a narrativa gráfica.

¹² Válido ressaltar que a história começa em novembro de 1868, menos de um ano para o massacre do exército infantil paraguaio contra o exército da Tríplice Aliança, e vai até um tempo depois do fim da Batalha de Acosta Ñu que não é explicitado a data exata.

é apoiador do exército paraguaio e de Solano López, afirmando que o povo paraguaio não vai se render, como pode ver no diálogo abaixo na Ilustração 9, “enquanto houver um paraguaio de pé, a guerra não está perdida”, mesmo Javier afirmando para Pierre Duprat que a guerra está definida desde a Batalha de Humaitá, dando a entender o rumo à derrota do Paraguai.

Ilustração 9



CS Digitalizado com CamScanner

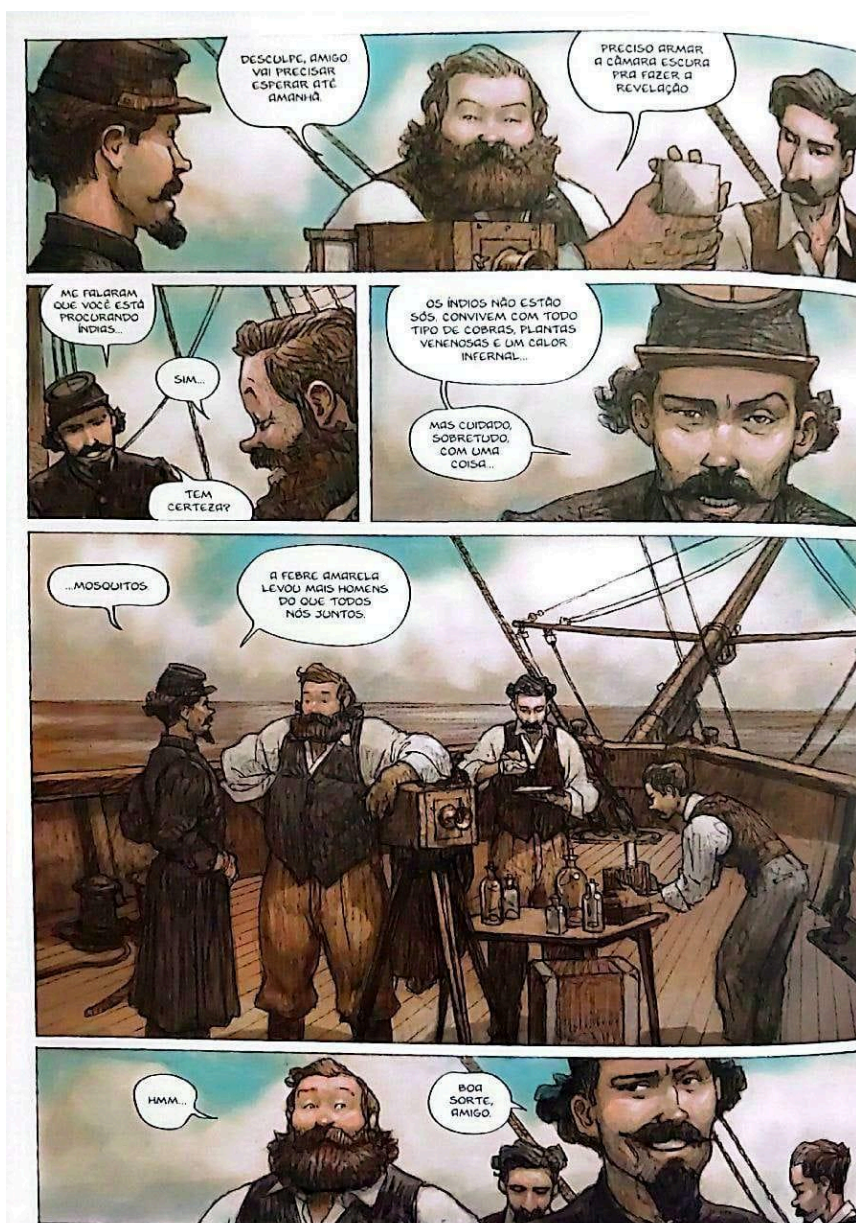
Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.24)

A presença das doenças na guerra, ponto abordado nos capítulos anteriores, entendendo sobre a influência e impacto nos tempos de guerra, principalmente sob a população paraguaia, compactuando no aumento do número de mortos é um dos

pontos apresentados na HQ a partir da fala de um soldado argentino. Na Ilustração 10, entende-se que a febre amarela levou muitos homens, segundo a fala deste soldado, o qual alerta Duprat sobre o perigo dos mosquitos no momento que eles passarem na mata, e, páginas posteriores, na Ilustração 11, mostra as primeiras vítimas de malária e febre amarela após alguns dias se preparando na selva para auxiliar o exército brasileiro contra o exército paraguaio.

Dessa forma, podemos ver nos primeiros momentos da HQ o uso dos estudos historiográficos e de fontes que o roteirista argentino realizou para produzir e trazer a veracidade dos fatos, assim, notando-se a compatibilidade de informações já expostas anteriormente durante o trabalho. Neste caso das duas ilustrações citadas, entende-se as doenças afetando os soldados na guerra, havendo um complemento de informações ao pensar sobre o que já havia abordado em relação à população paraguaia.

Ilustração 10



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.28)

Ilustração 11



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.37)

Desde que iniciou a viagem, acompanhando o exército junto com o Javier e Esteban, vendo-os trabalhando nas fotografias de guerra, registrando os militares para que os familiares possam ter alguma memória sua, como também a propaganda da valentia do exército dos aliados, Duprat testemunha diversos cenários que se vê em tempos de guerra: sangue, morte, execuções, alianças, violência sexual e escravidão, algo que Javier e Esteban já haviam presenciado por ter acompanhado militares anteriormente em outros momentos.

Entretanto, não quer dizer que aceitavam ou toleravam, como é o caso de Esteban quando presencia a cena de alguns soldados violando os corpos das

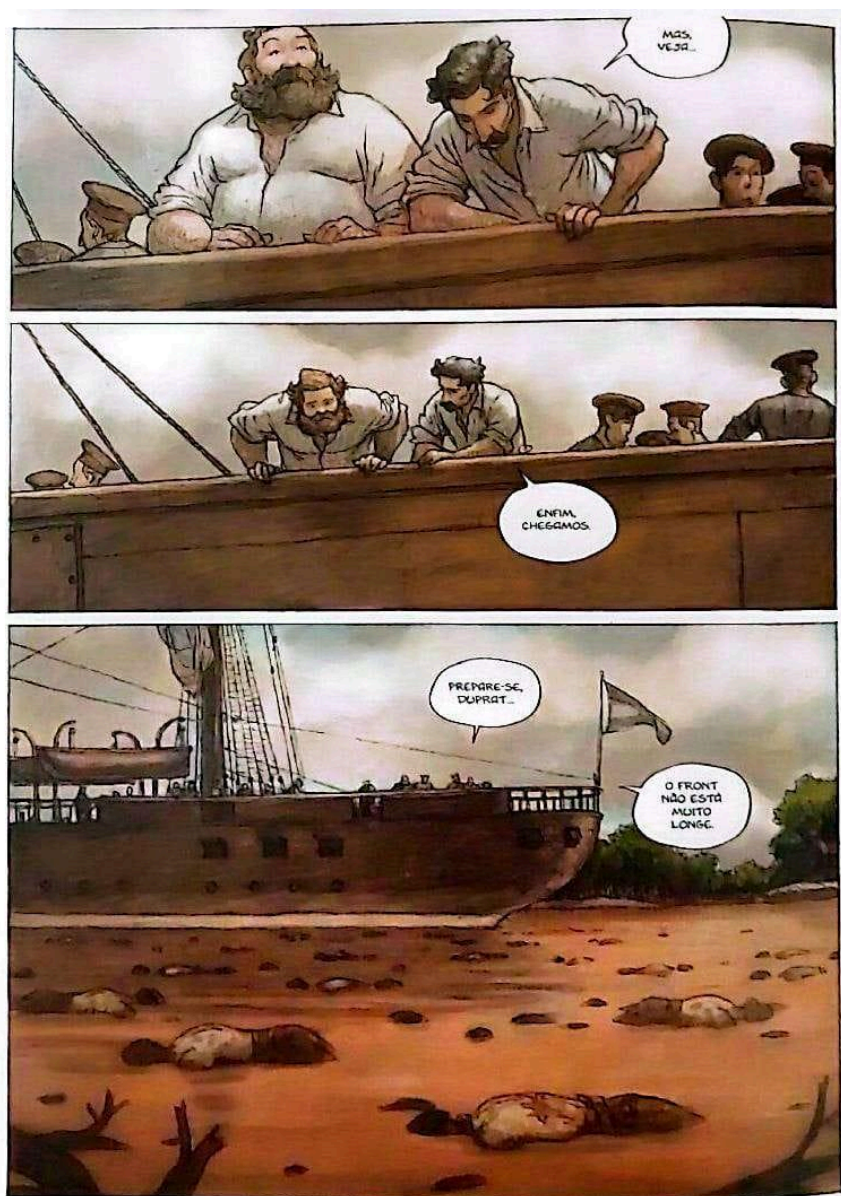
mulheres paraguaias após a Batalha de Itá Ibaté e questiona o coronel argentino, apontando que são apenas prisioneiras de guerra, como é apresentada na Ilustração 18. A resposta do coronel é que não é problema dele e muito menos do Esteban, e que apenas responde pelos seus soldados argentinos, pois os soldados envolvidos eram brasileiros.

Nas ilustrações a seguir pode-se observar melhor sobre esses cenários citados que ocorreram nos meses finais de 1868 até o início de Janeiro de 1869, auxiliando a encontrar similaridades com as informações exploradas na perspectiva historiográfica, reforçando o discurso sobre a Guerra do Paraguai ter sido sangrenta e de massacre, e apresentando a questão do abuso sexual contra as mulheres cometido pelos soldados, como efeito leva a abordar sobre a presença feminina na guerra, as quais tiveram que se posicionar como soldadas.

O que se encontra como um acréscimo de informações e um lado da guerra que não se é muito falado é o acordo entre a comunidade indígena Guaicuru e o exército brasileiro, mostrando uma perspectiva da possível participação de comunidades indígenas no conflito na Guerra do Paraguai, não se limitando a apenas ao exército da Tríplice Aliança e ao exército do Paraguai¹³. Além disso, presença da escravização dos soldados de guerra paraguaios, encontrados nas ilustrações 14, 15 e 16. É possível compreender, em meio disso, um pouco da dinâmica do trabalho fotográfico de Javier e Esteban, regras que precisam seguir como a proibição de tirar fotos das execuções, dos mortos, visto na Ilustração 17, assim, levando a refletir sobre a censura nos tempos de guerra.

Ilustração 12

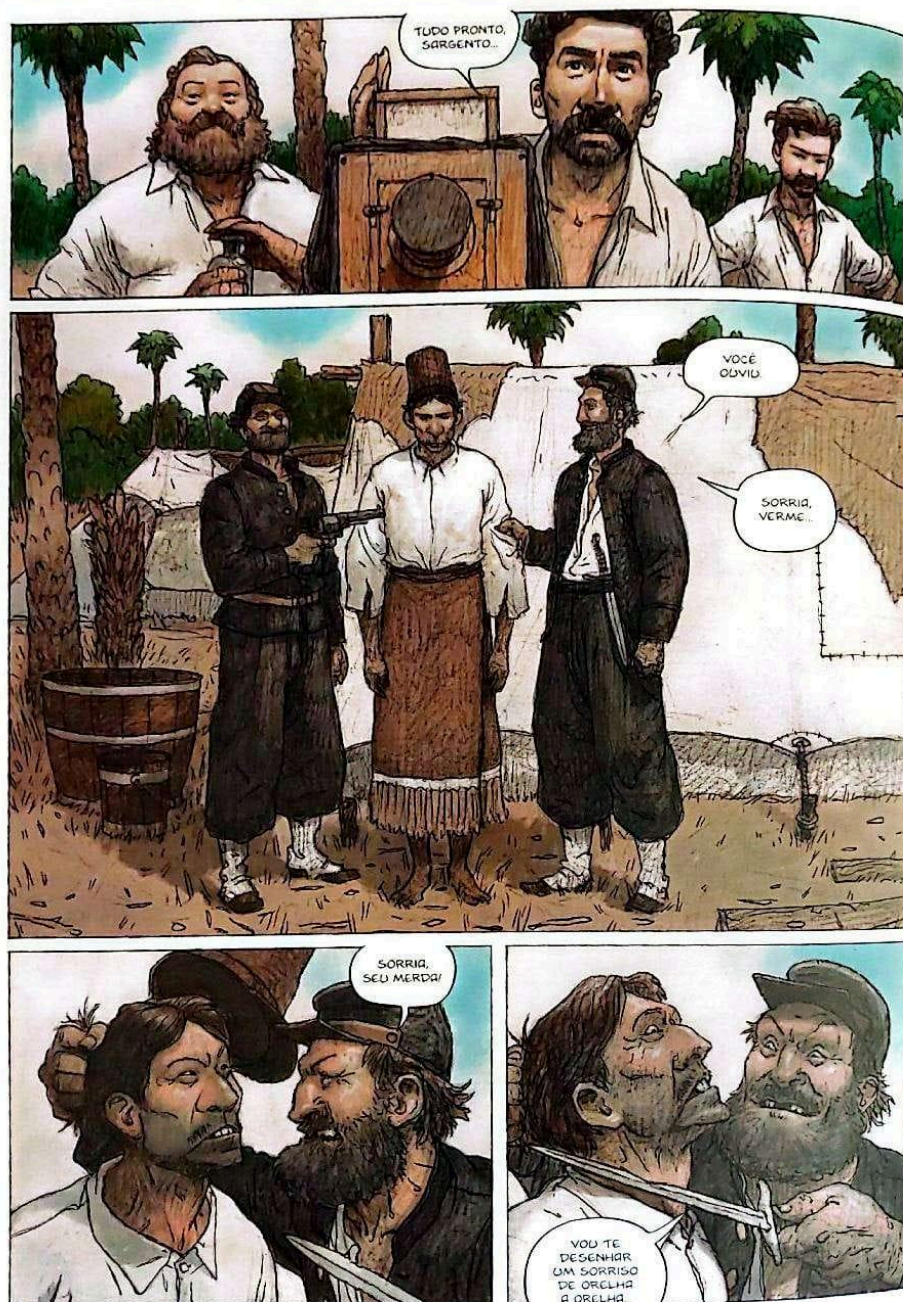
¹³ É preciso deixar claro que na História em Quadrinhos não é aprofundado sobre esse acordo, nem algo que foi explorado na pesquisa historiográfica pela discente, porém acredita-se como válido e curioso ressaltar sobre esse tipo de perspectiva na análise do trabalho, podendo ser até um tipo de incentivo para aqueles que trabalham sobre a temática da Guerra do Paraguai e gostariam de explorar, aprofundar essa questão, seja pensando no próprio exército brasileiro e sua relação com as comunidades indígenas, como foi o caso dos Guaicuru trazidos do Amazonas para a guerra, ou de comunidades indígenas que viviam na região paraguaia e possam ter contribuído na guerra de certa forma, seja no lado paraguaio ou no lado da Tríplice Aliança. Isso também é válido para o assunto sobre a venda de escravizados de guerra paraguaios, algo que a própria discente também não explorou, nem pesquisou a fundo no trabalho na perspectiva historiográfica, mas o próprio quadrinho apresenta na sua narrativa de forma bem rápida e se torna uma possibilidade de temática a se pesquisar a quem se interessar.



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.32)

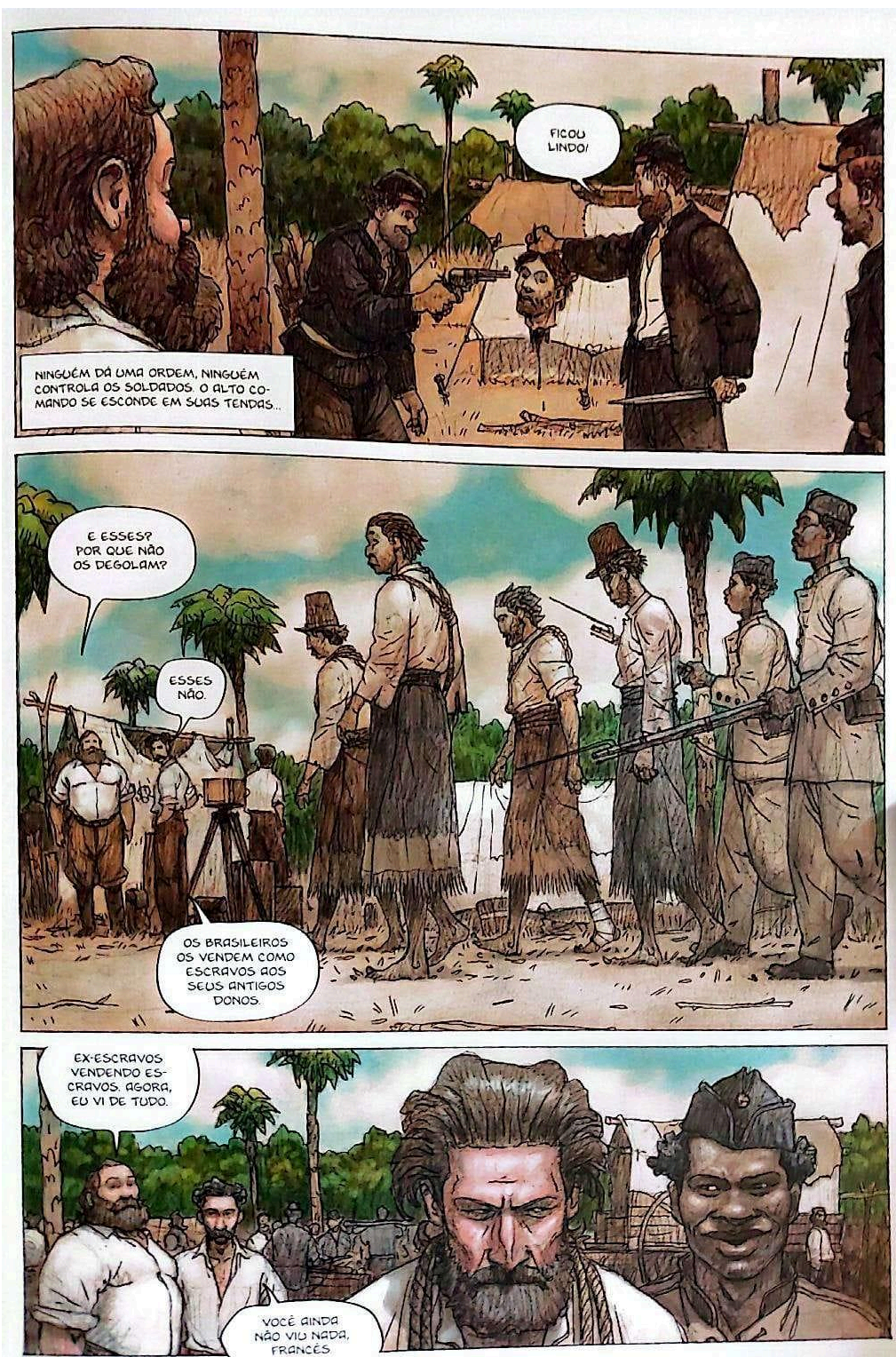
Ilustração 13



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.40)

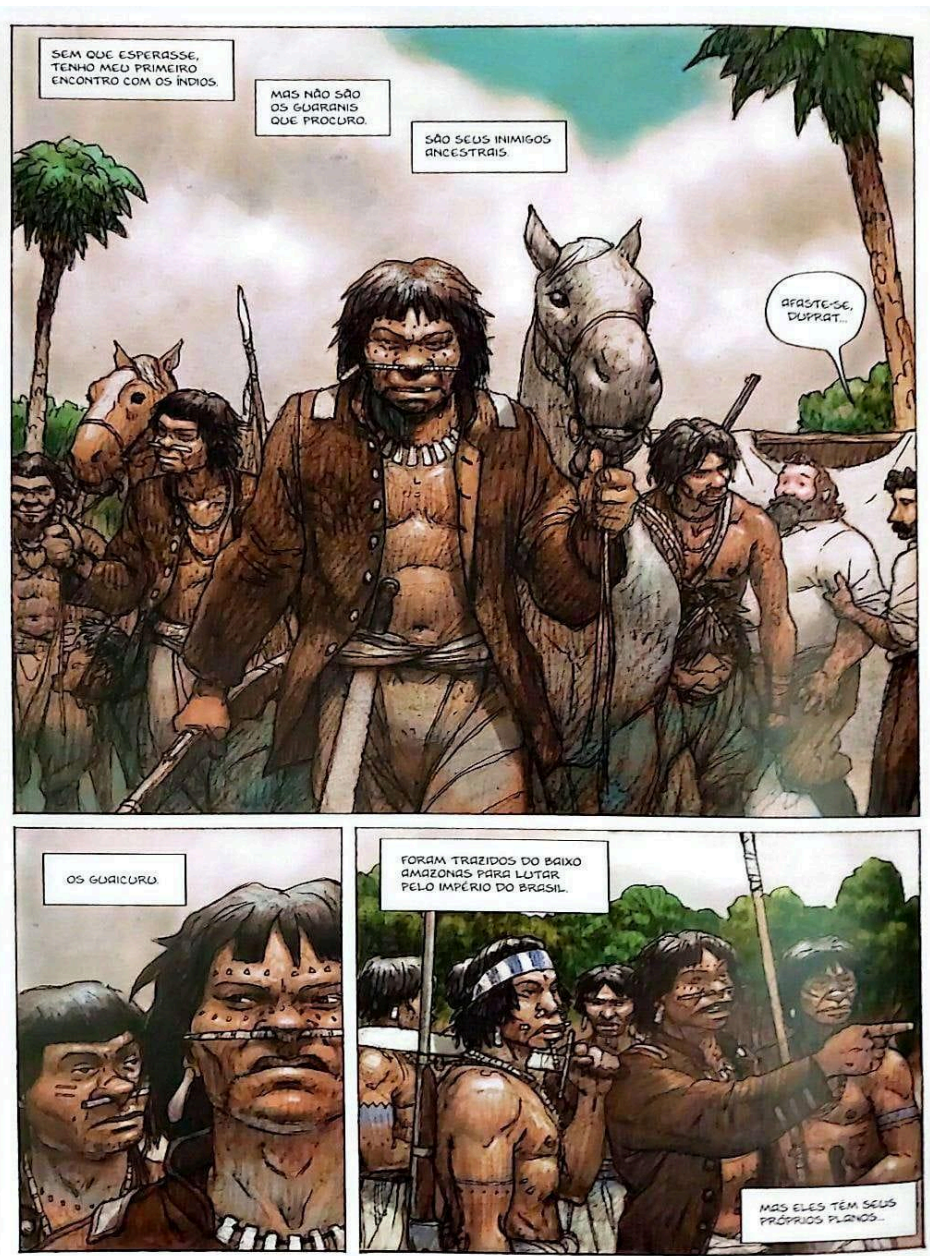
Ilustração 14



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.41)

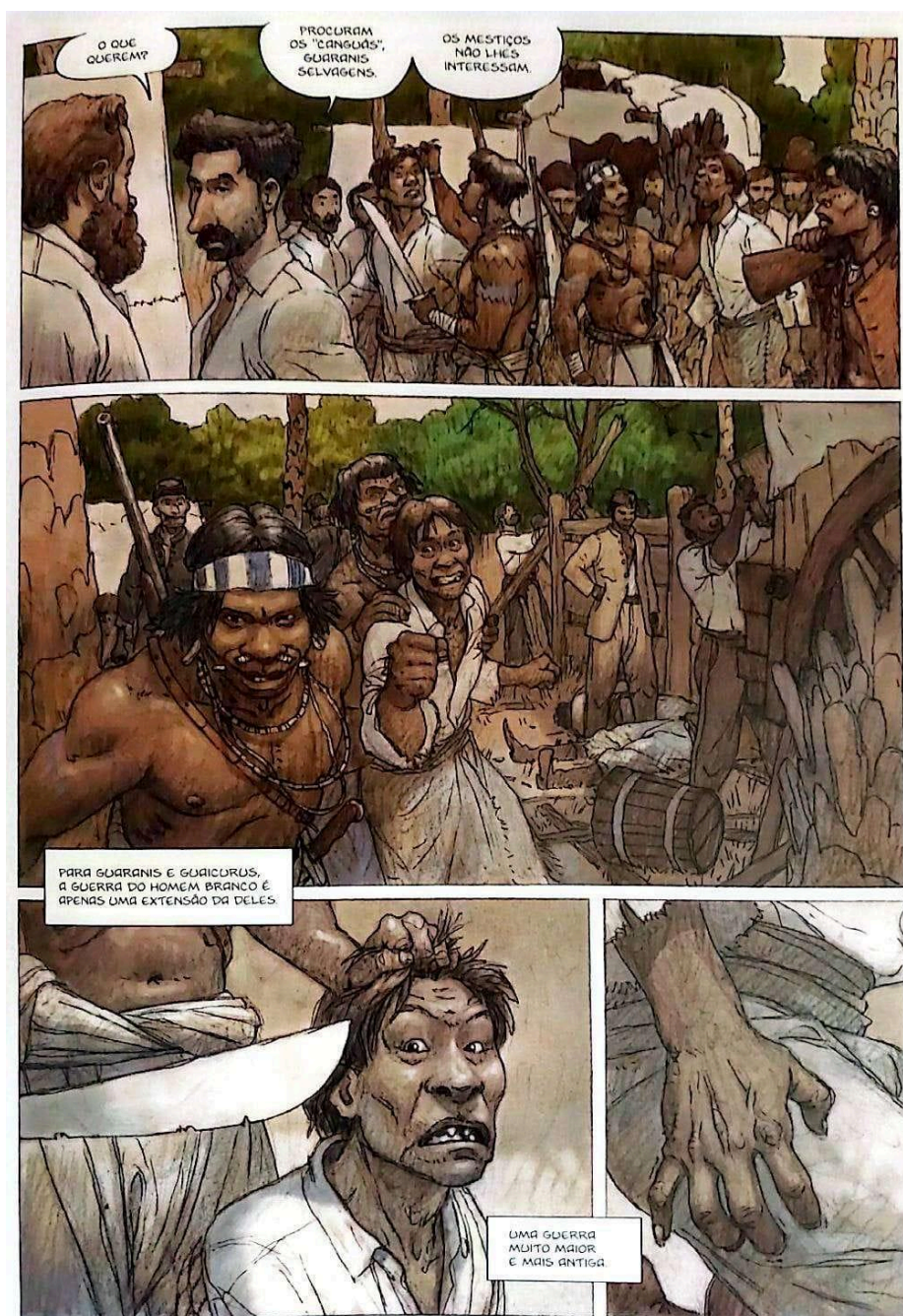
Ilustração 15



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.42)

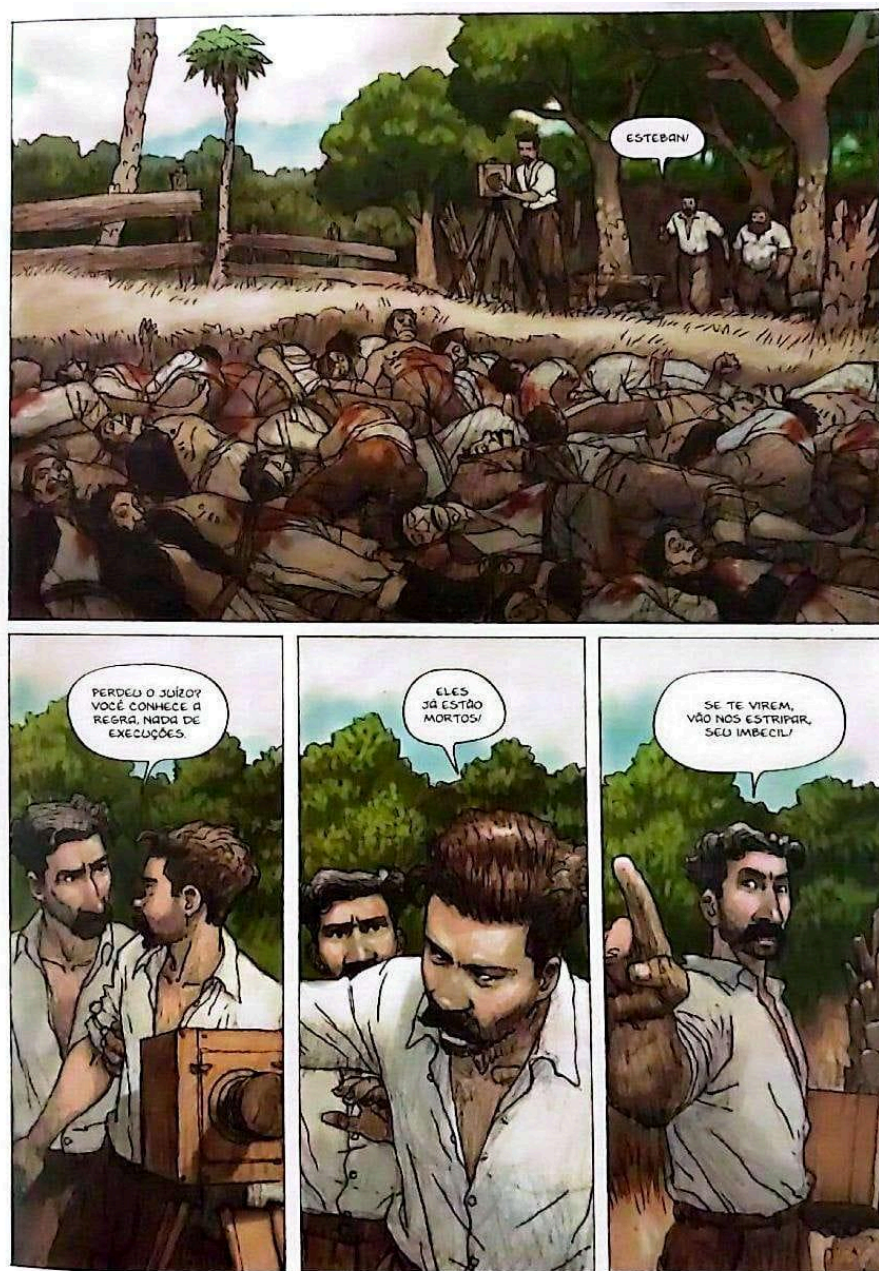
Ilustração 16



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.43)

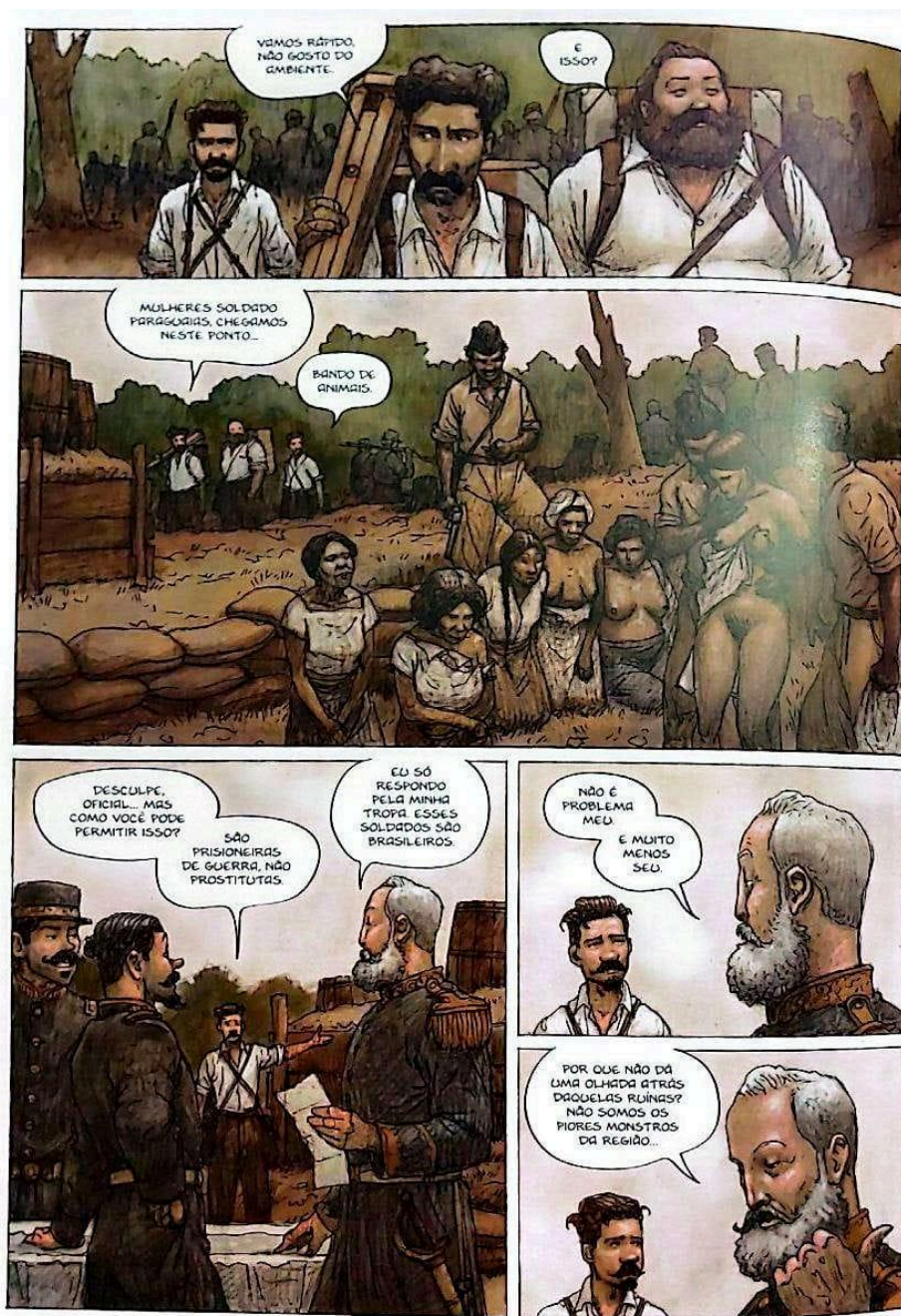
Ilustração 17



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.45)

Ilustração 18



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.50)

Nas ilustrações 19 e 20 apresentam a perspectiva do patriotismo paraguaio, ou melhor, a imagem da figura de Solano López como aquele que põe a guerra acima da população, independentemente da posição social e que tipo de significado essas pessoas têm para ele. Observando na Ilustração 19, deparando-se com a chacina, afirma-se ter sido uma tomada de decisão do governante paraguaio, julgando essas pessoas como traidores da pátria, não poupando nem mesmo os seus próprios familiares. É possível interligar com o ponto discutido na perspectiva

historiográfica sobre a figura criada sobre Solano López, como um indivíduo maquiavélico, um “louco homicida”, um “bárbaro” pelas atrocidades cometidas, o que certamente afetou no julgamento sobre a figura do Marechal e o que simbolizou no tempo de guerra, principalmente nos tempos pós-guerra. Com isso, entende-se a cena como um reforço do discurso propagado pelos militares e simpatizantes do exército da Tríplice Aliança durante o conflito, como também fazendo parte do testemunho dos horrores da guerra.

Entretanto, no último quadro da Ilustração 19 para a Ilustração 20, encontra-se um contraponto com o personagem Esteban, o qual traz como uma justificativa das tomadas de decisão de Solano López, entendendo que tudo o que foi feito e faz é pelo Paraguai, é pela liberdade, é pela honra, e ninguém conseguiria entender de fato o que realmente significava esse propósito. Leva-se, então, a refletir sobre o ponto abordado na historiografia paraguaia sobre a Guerra do Paraguai, a constante discussão sobre o que é essa figura de Solano López e suas atitudes para o povo paraguaio, se é um inimigo da pátria ou um herói nacional.

Ilustração 19



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.51)

Ilustração 20



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.52)

Tempo se passa e chegando em Assunção no mês de Janeiro de 1869, Duprat se despede de Javier e segue por si só pela capital paraguaia a procura de alguém que pudesse ajudá-lo a andar pela selva na procura da comunidade Guarani¹⁴. Até que, então, conhece e contrata Amandu Jakaira, um indivíduo rotulado pelo francês como “um velho canguá urbano demais para selva e selvagem demais para a cidade” e o qual será o seu guia durante a jornada. Durante o

¹⁴ Lembrando que Esteban havia se separado de Duprat e Javier após a discussão, como foi visto na Ilustração 20, assim, cada um seguiu o seu próprio caminho.

percurso, o personagem principal faz uma observação mental sobre o gritante declínio da população masculina no Paraguai, que apenas restavam mulheres e crianças, pontuando que esses homens foram devorados pela guerra, como é observado na Ilustração 21.

Recorda-se, a partir disso, sobre o que foi explorado no trabalho de Bondar, tendo, então, a HQ como um reforço sobre a queda gritante populacional no Paraguai. Ou seja, é visto mais uma vez os estudos realizados pelo roteirista para trazer a veracidade dos fatos e acontecimentos durante a guerra, ainda mais nesta fase final do conflito sul latino-americano no território paraguaio.

Ilustração 21



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.58)

Descobre também um pouco mais de detalhes sobre o porquê do povo Guarani mudar constantemente de lugar. O seu guia da viagem explica que os indígenas não ficam muito tempo no mesmo lugar pois estão sempre procurando por alguma coisa, ainda mais nos tempos que estavam vivendo, fugindo das guerras, dos Guaicurus, da fome e da seca. Na continuação da explicação, ele diz que eles procuram por um paraíso na terra, praticando o *tekokatu*, a perfeição moral, o caminho mais nobre para chegar no dito paraíso – “ser amável com forasteiros como

você. Impiedoso com seus inimigos. Mas, acima de tudo, *tekokatu* é jamais renunciar a sua liberdade”, como pode ser observado na Ilustração 23. A partir disso, entende-se sobre o porquê do nome “terra sem mal” no título da obra¹⁵.

Ilustração 22

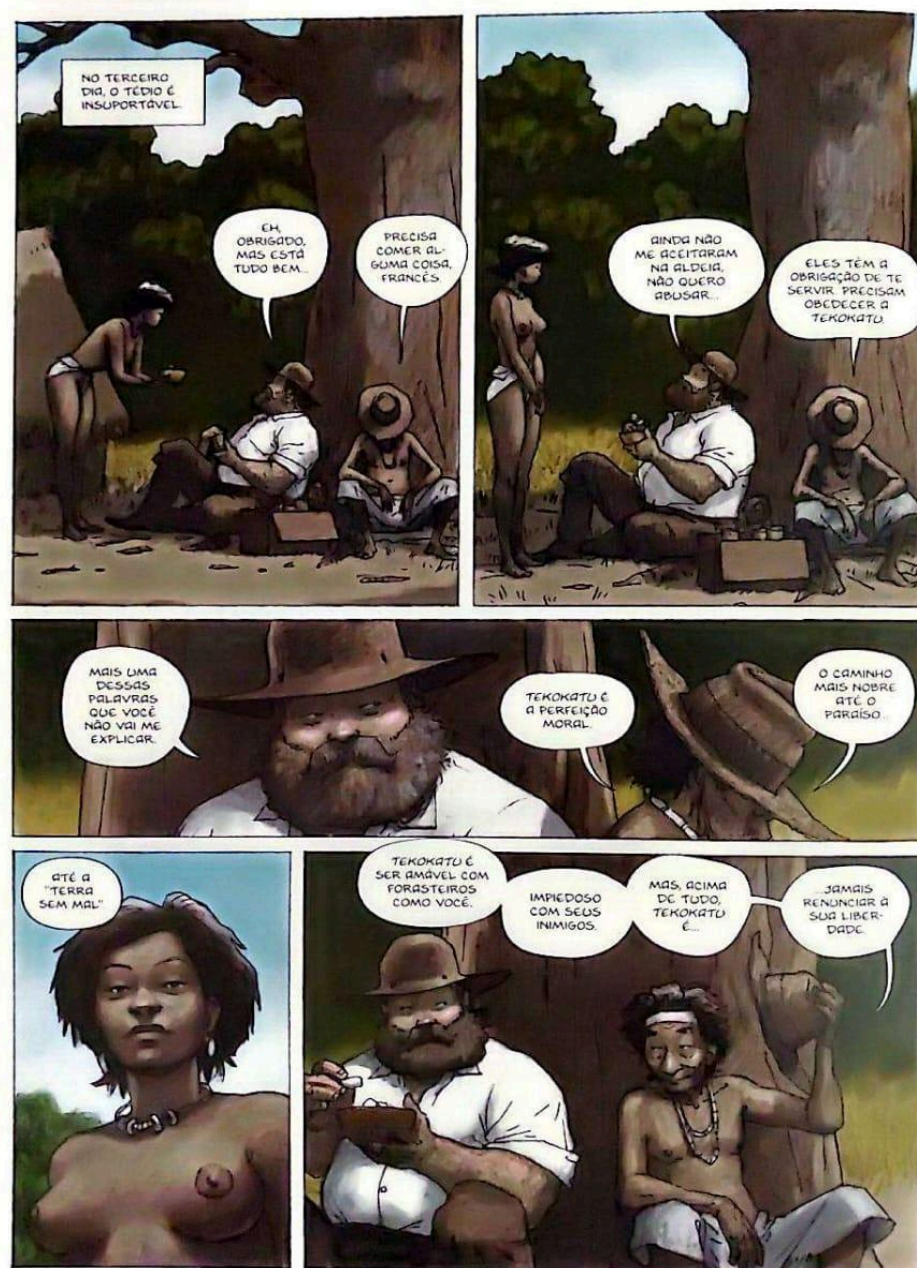
¹⁵ Pesquisando mais a fundo, indo além da obra, entende-se que “A Terra Sem Mal”, ou “A Terra Sem Males”, é um conceito da mitologia Guarani, representando um paraíso terrestre, um lugar de felicidade perfeita, sem fome, guerras ou sofrimento. Simboliza o anseio por um mundo melhor e a busca por um estado de harmonia. Segundo Roberto Venosa, que fez resenha da obra “A Terra Sem Mal” de Hélène Clastres, “‘A terra sem mal é esse lugar privilegiado, indestrutível em que a terra produz por si mesma os seus frutos e não há morte’ (p. 30). ‘É o local onde aqueles que bem se vingaram e comeram muitos de seus inimigos vão para trás das montanhas altas e dançam em belos jardins com as almas dos avós’ (p. 30). ‘É também um lugar acessível aos vivos onde era possível, sem passar pela prova da morte, ir de corpo e alma’ (p. 31). A terra sem mal é, portanto, no mínimo, uma profecia que orienta a busca de campos elísios, não assimilável ao paraíso pois pode ser atingida em vida”. Venosa, R.. (1980). Terra sem mal. Revista De Administração De Empresas, 20(3), 86–87. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901980000300008>. Acesso: 02 de agosto de 2025.



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.59)

Ilustração 23



CS Digitalizado com CamScanner

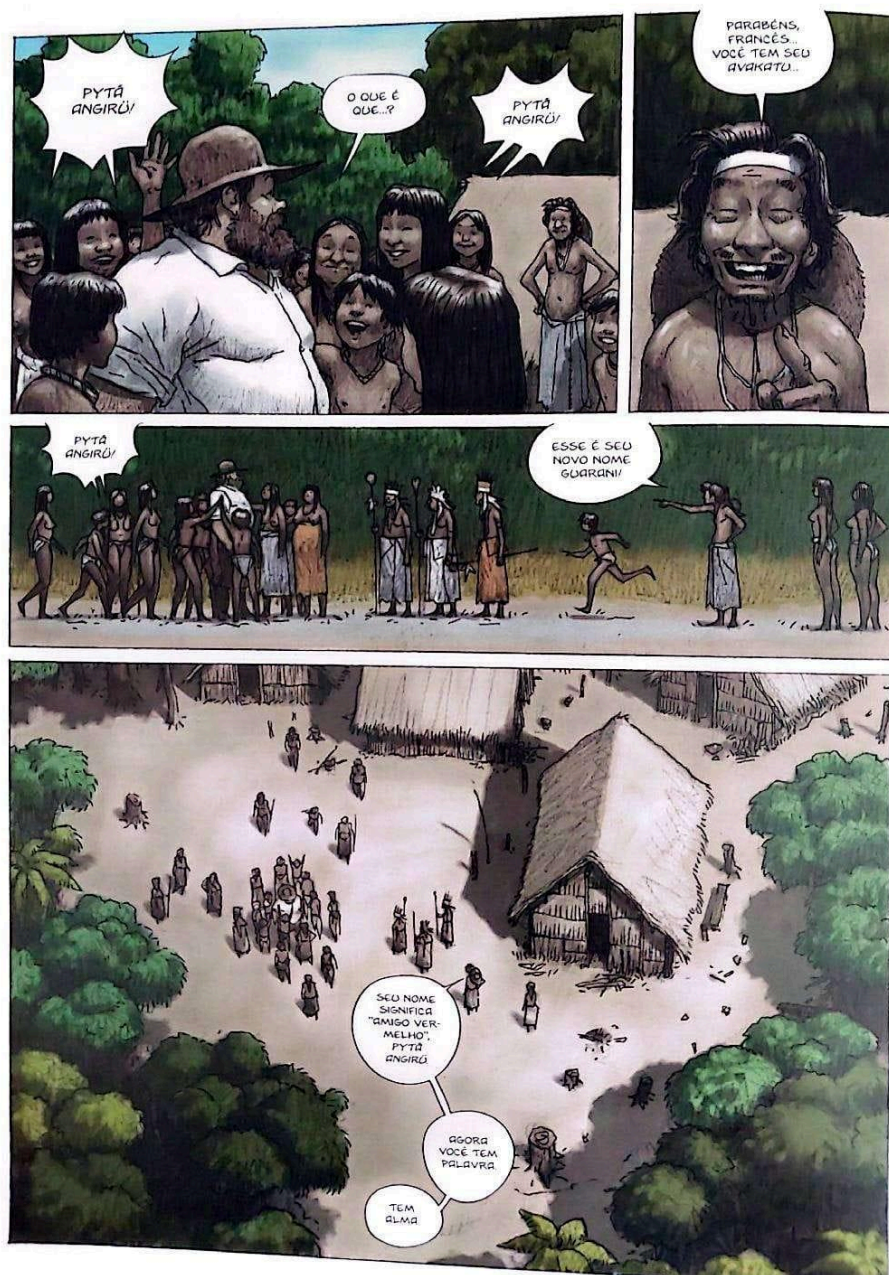
Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.70)

Após meses no Paraguai e dias viajando na mata, Duprat finalmente encontra a comunidade indígena com a ajuda de Amandu Jakaira, o qual torna-se também o seu intérprete para que pudesse se comunicar. Entretanto, antes que pudesse começar o seu trabalho, o francês passa algum tempo desacordado, passando mal pelo calor da região, e depois dos cuidados, passa mais alguns dias sendo avaliado pelos chefes e sábios da comunidade, julgando e decidindo o que fazer. No fim, o protagonista ganha o seu nome guarani, *Pyta Angirü*, “amigo vermelho”, ganhando

também, como resultado, uma alma¹⁶. Com esse processo de aceitação da sua presença na comunidade, Pierre Duprat inicia os seus trabalhos, fotografando várias mulheres indígenas, sendo possível observar na Ilustração 25, mas ele acaba se sentindo mais afeiçoado, encantado, por uma indígena em específico, Yara, a qual aparece na Ilustração 23 dando comida a ele, que, segundo o mesmo, ela não é só bonita, tem algo a mais, tem mistério, que possui uma “fotogenia natural”.

Ilustração 24

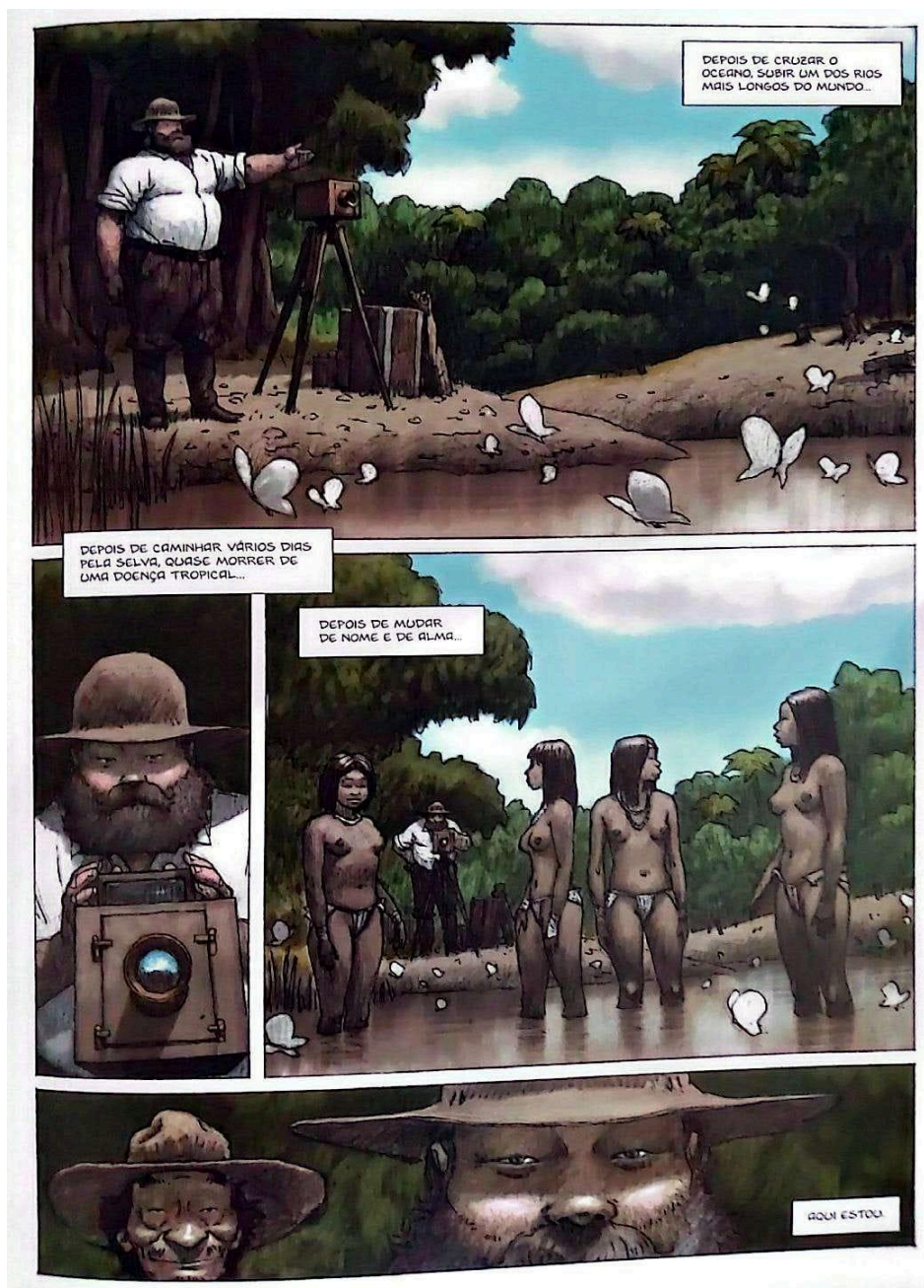
¹⁶ Na História em Quadrinhos, Amandu Jakaira explica para Pierre Duprat que os indígenas não iriam lhe dirigir a palavra, mesmo tentando ao máximo de acontecer a comunicação, pois Pierre é um branco, um não-indígena, e para a comunidade, era alguém que não tem alma, não tem a palavra. Por isso ocorre esse julgamento entre os anciãos, esperando por um *avakatu*, um nome Guarani, como pode ser visto na Ilustração 26.



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.72)

Ilustração 25



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.73)

Tempos se passam depois do árduo trabalho, Duprat recolhe seu equipamento fotográfico, decidindo que era hora de partir, retornar à capital paraguaia para poder voltar ao Uruguai a fim de enviar todo o trabalho pelo correio para Europa, entretanto, a despedida dele com a comunidade Guarani é interrompida pela invasão dos soldados paraguaios. Muitos enfaixados, como também majoritariamente eram velhos, começaram a levar as crianças à força, raptá-los, demandando que a pátria precisa deles, por ordem do Marechal Solano

López. Por conseguinte, muitas mulheres lutam, tentando impedi-los de levar os seus filhos para uma guerra que não era sua, e, com a confusão, ocasiona a morte do líder indígena.

Apenas tudo se acalma quando Amandu Jakaira dá o seu dinheiro, o qual havia recebido como pagamento pelos seus serviços a Duprat, para um dos soldados, pagando-o como forma de impedi-lo de machucar mais alguém e de fazê-lo ir embora. Com isso, os soldados levam as crianças em umas carroças para longe da selva, em direção a Acosta Ñu, e Duprat acaba acompanhando-os ao invés de voltar para casa junto com Amandu, afirmando que precisava ver como terminava esta guerra, porém logo se arrepende e vem o mesmo pensamento que se repete a todo instante durante a narrativa, como estivesse tentando se convencer: “esta guerra não é minha”.

A partir desse cenário, observa-se, então, o lado da narrativa apresentado por Potthast em que muitas crianças foram recrutadas à força para a guerra e tanto nas falas de Potthast quanto nas ilustrações é possível ver o medo dessas crianças, refletindo ao que se é mostrado por estudiosos e pelas fontes. É possível também puxar o argumento realizado por Bondar sobre as propagandas de guerra realizadas por Solano López, de pôr a criança como esperança para salvar o Paraguai da guerra e refletir sobre a cena na Ilustração 26, como quisesse acobertar o fato de que a população masculina, havia sido praticamente dizimada pelo exército da Tríplice Aliança. Dessa forma, levando a decisão de pôr crianças para preencher o vazio do exército paraguaio, como já havia sido afirmado antes por Soares nos capítulos anteriores. Enxerga-se, então, a constante semelhança de informações expostas tanto durante a leitura da HQ quanto nos estudos historiográficos, vendo-se fatos e estudos apresentados tanto no campo acadêmico como na narrativa gráfica estarem de acordo, em sintonia.

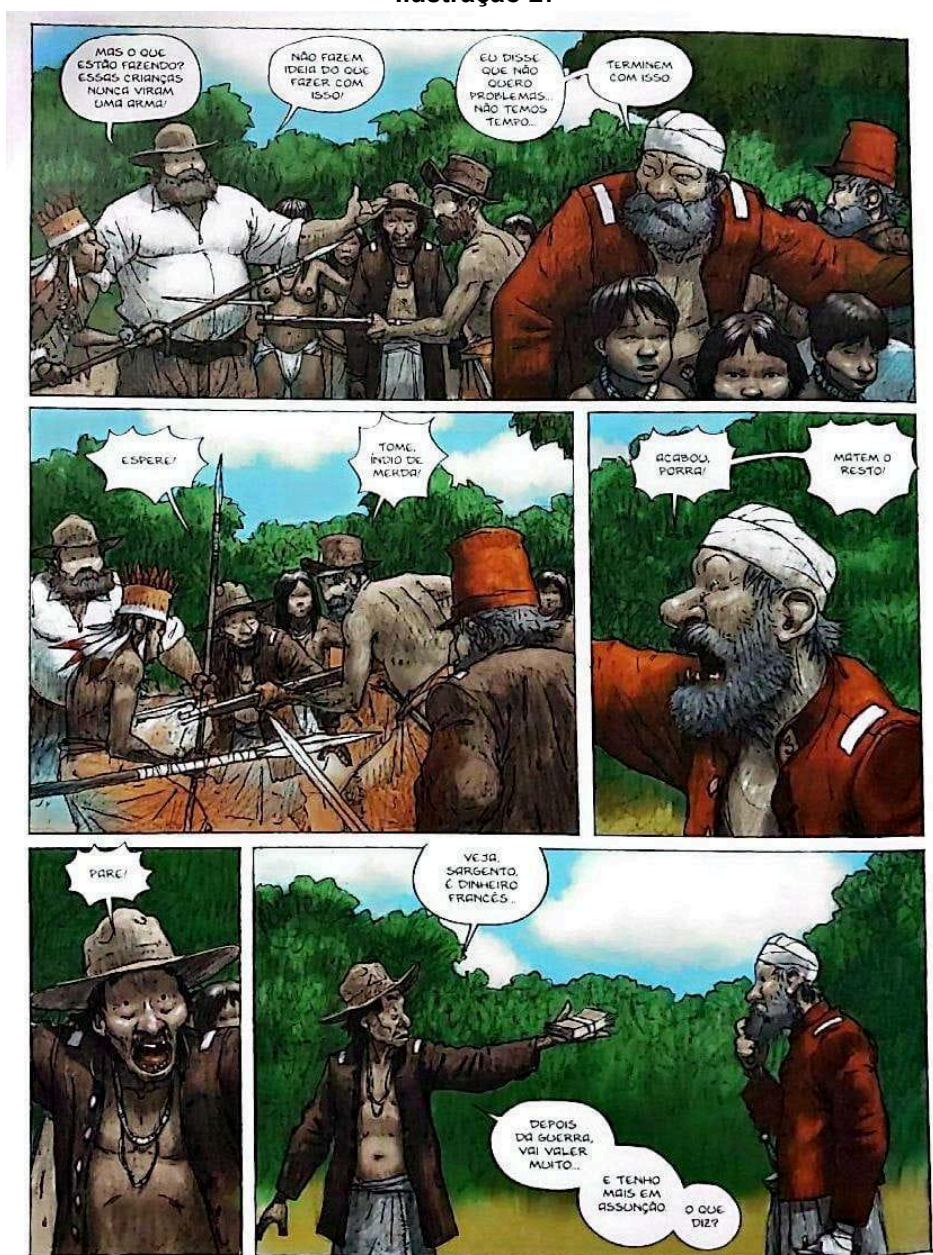
É perceptível também que estava basicamente acabado o exército paraguaio, não apenas pela falta de homens, mas também pelo estado físico desses poucos que sobreviveram das batalhas anteriores, muitos enfaixados e mal fardados. Reforçando, então, o estado precário e crítico que o exército paraguaio vivia, e sentindo na pele a constante urgência de procurar soluções rápidas antes que fossem devorados, seja pelo perigo da Tríplice Aliança ou até mesmo sofrer ainda mais pelas tomadas de decisões de Solano López. Entretanto, mostra-se o total oposto na HQ do que se era apresentado nas propagandas de guerra sobre a

imagem do militar paraguaio, imaginando a manipulação da mídia para que não caísse a moral dos paraguaios em uma guerra que já estava basicamente acabada. A fala de um dos soldados, afirmando que não quer problemas e que não possuem mais tempo, visto nas Ilustrações 26 e 27, pode tanto refletir sobre o avanço da Tríplice Aliança sob o território paraguaio quanto talvez o medo, temendo as ordens do Marechal que governava e liderava o exército paraguaio.

Ilustração 26



Ilustração 27

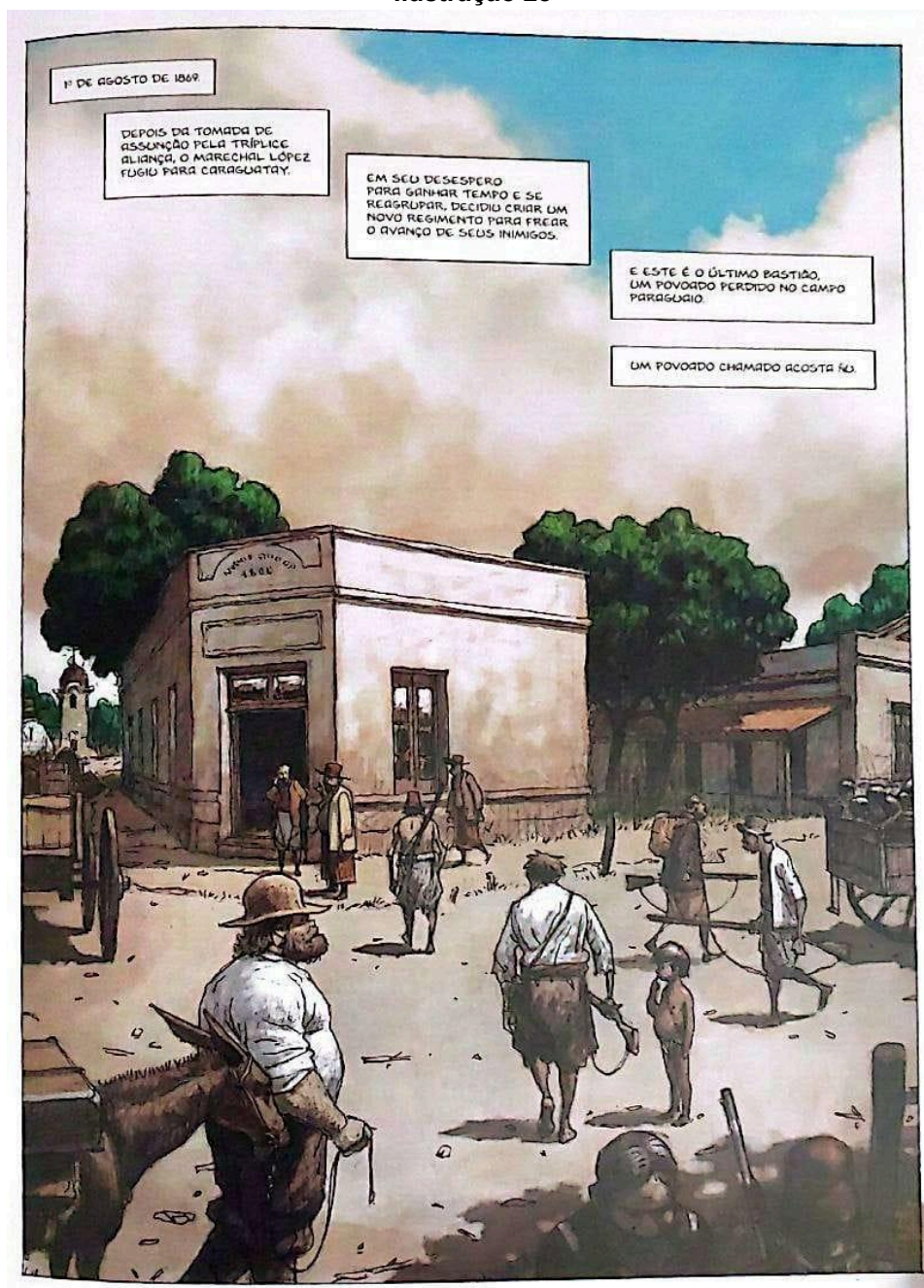


CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.80)

No dia 1º de Agosto de 1869, Pierre Duprat junto com os soldados paraguaios e as crianças chegam em Acosta Ñu, um povoado perdido no campo paraguaio. Ele reflete sobre a presença infantil na guerra, pontuando que depois de cinco anos de guerra, tudo que restou foram apenas crianças que nunca viram nem manusearam uma arma de fogo na vida delas, enquanto nas cenas seguintes mostram os soldados ajudando as crianças descenderem das carroças para se preparem para o próximo passo da guerra.

Ilustração 28



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.83)

Ilustração 29



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.84)

A partir disso do último balão da Ilustração 29, descobrindo que Esteban estava pela região junto com o exército paraguaio, inicia uma discussão entre o fotógrafo francês e o ex-assistente de Javier, declarando que estava ali para lutar com os paraguaios, fazer parte do heroísmo e lutar por Solano López. Pierre Duprat imediatamente o questiona, se realmente podia chamar aquilo de heroísmo enquanto aponta para o recrutamento forçado de crianças, e Esteban responde que ele não entenderia os seus motivos e manda Duprat voltar para onde veio junto com Mitre, que é o governador argentino, os aliados, os colonizadores, que voltasse para

França. Duprat retruca afirmando que o seu país tinha nada a ver com isso, mas Esteban pontua sobre o envolvimento indireto da França na guerra através da presença de Conde D'Eu, neto do último rei da França, Luís Filipe I, o qual se casou com a Princesa Isabel de Bragança, filha do imperador D. Pedro II.

Dessa forma, levando a pensar sobre a possibilidade de uma presença externa sobre a guerra, direta ou indiretamente. Entretanto, como já foi pontuado no capítulo 2 deste trabalho, a Guerra do Paraguai foi um conflito sul latino-americano, países da mesma região, sem presença de países fora dela, como era acreditado sobre a presença da Inglaterra no revisionismo, e a HQ trazendo sobre a presença francesa através de Conde D'Eu, leva a pensar numa possível narrativa de um envolvimento da França sob o conflito, mesmo que seja apenas pelo nome do general do exército brasileiro.

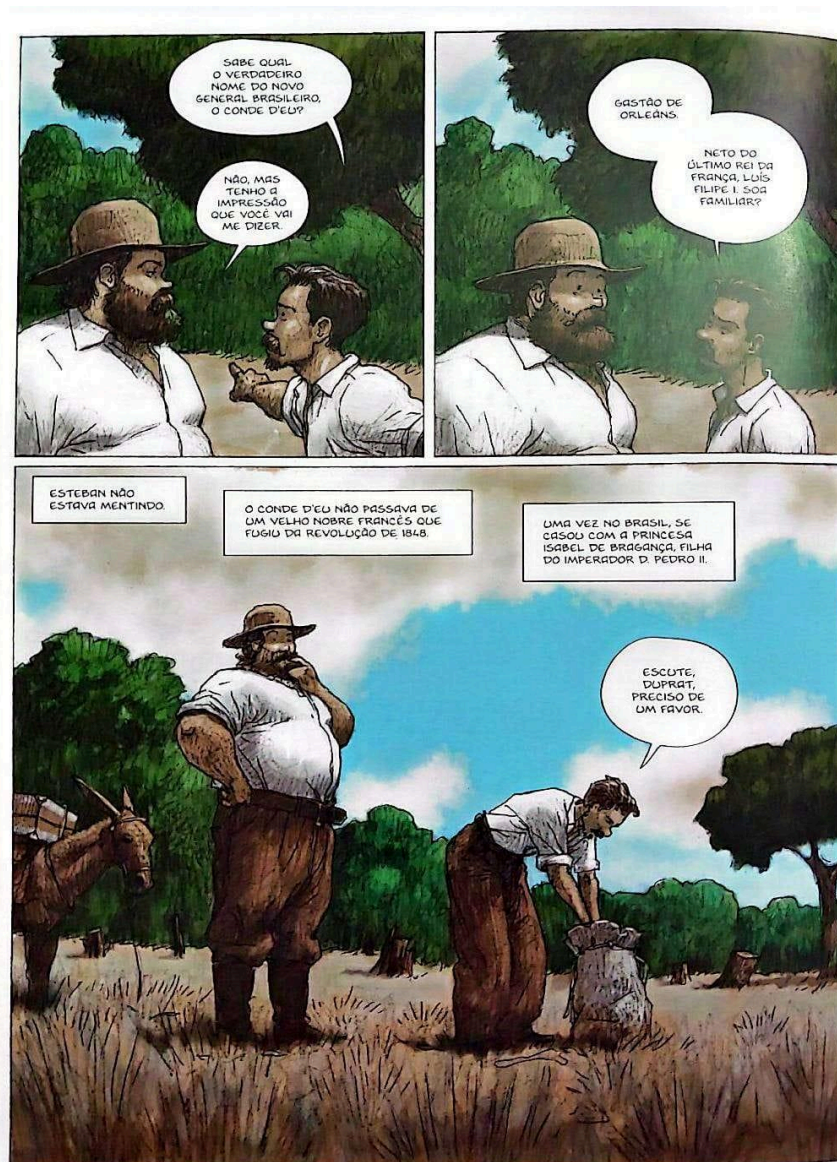
Ilustração 30



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.85)

Ilustração 31



CS Digitalizado com CamScanner

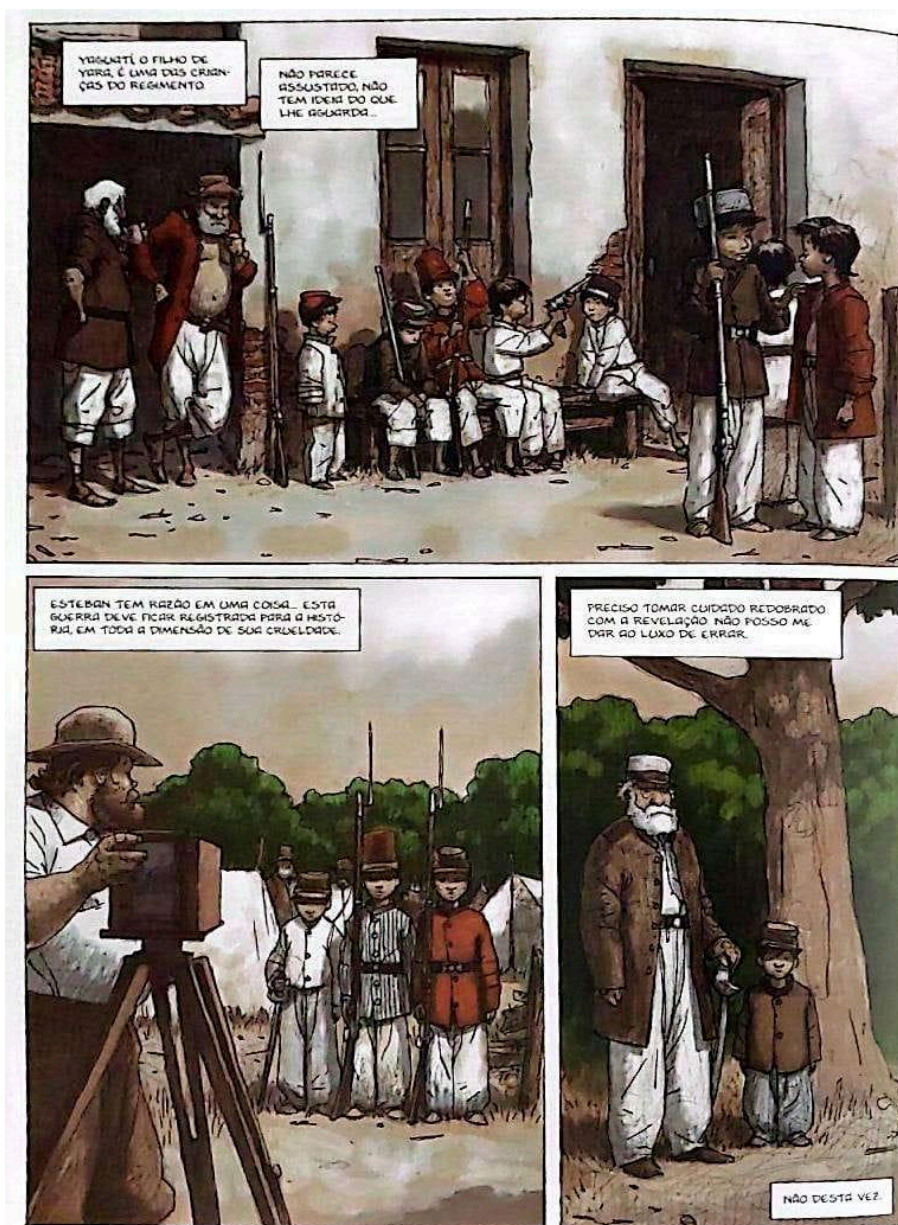
Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.86)

Não muito depois da discussão e Duprat refletindo rapidamente sobre as palavras de Esteban, o assistente de Javier entrega um pacote de fotos para o francês, pedindo para que levasse a Montevideu, afirmando que precisava mostrar a verdade e, então, junta-se com o exército paraguaio para lutar em nome de Solano López. Assim, os dois dividem seus caminhos novamente. Durante o tempo, Pierre Duprat tira fotos das crianças vestidas como militares, soldados do exército paraguaio, como também testemunha todos esses dias de preparação até o dia 16 de agosto de 1869, o dia da batalha.

Nota-se, de forma perceptível, o desenvolvimento de personagem em que desde o início da história afirmava que essa guerra não era dele e que agora chega a concordar com algo que Esteban diz, que esta guerra deve ficar registrada para a história, em toda a dimensão de sua crueldade, como pode ser observado na Ilustração 32. Com isso, vem a ruptura das regras que haviam sido estabelecidas antes da partida da viagem: apresentar uma guerra sem dor, limpa e sem sangue. Ou seja, os dois personagens vão em confronto com a censura que era propagada pelo lado da Tríplice Aliança, partindo da perspectiva apresentada e explorada nos quadrinhos, como também é possível levar para o lado da censura pelo lado do exército de Solano López, comentado já no capítulo 3 do trabalho.

Além disso, é possível ver no trabalho da ilustração a replicação de uma fotografia original para a narrativa, adaptando-se para encaixar com o personagem e sua vivência naquele cenário, que é o caso do último quadrinho da página apresentada na Ilustração 32 e que é idêntica a fotografia apresentada na Ilustração 3. Mais uma vez, é visto mais uma vez o trabalho tanto do roteirista como do ilustrador de trazer a credibilidade e veracidade dos fatos históricos trabalhados e estudados, e, assim, sendo replicados em formato de História em Quadrinhos, o que auxilia ainda mais na imersão da leitura.

Ilustração 32



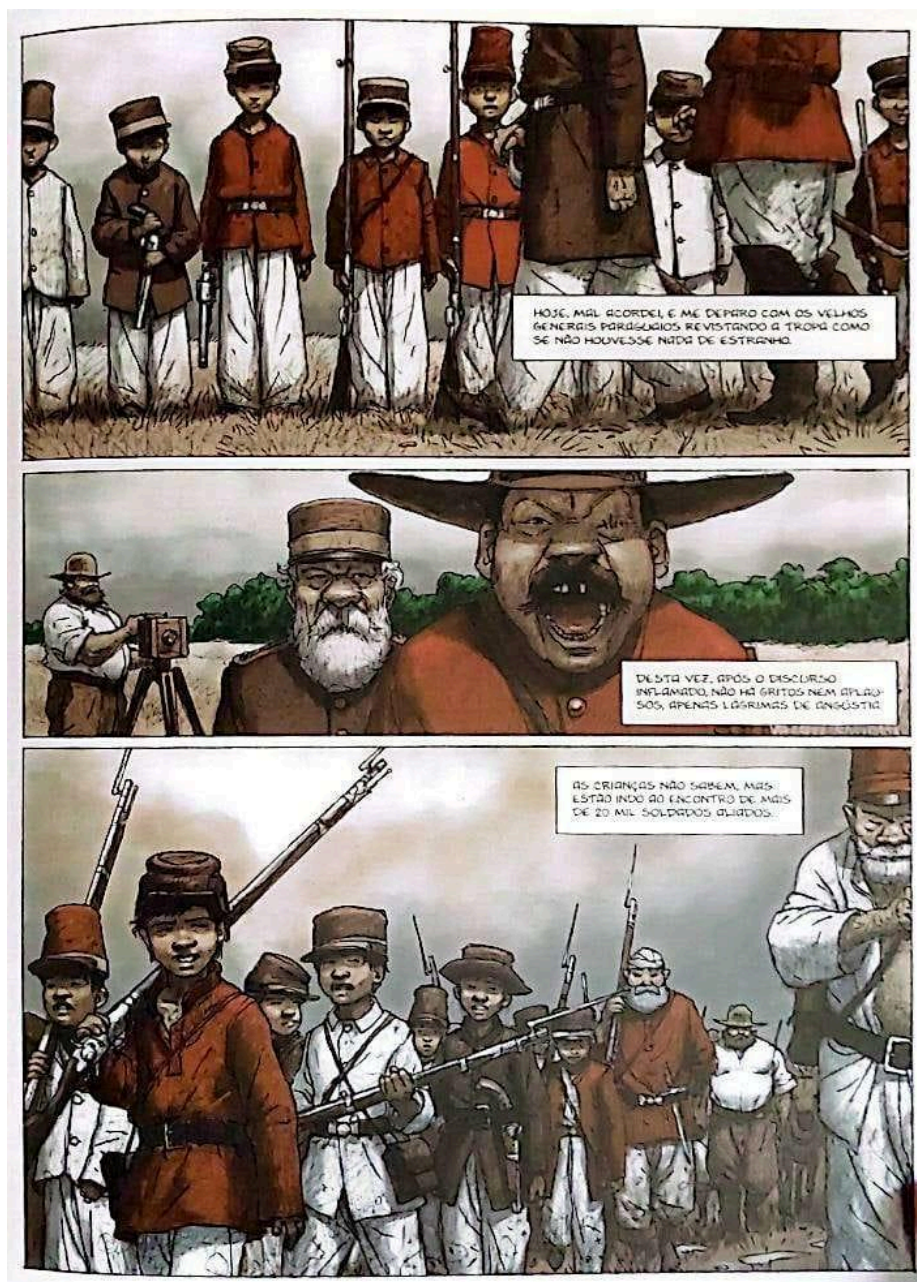
CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.88)

No dia da batalha, homens velhos paraguaios, os poucos que sobravam do exército, pegam rolhas de garrafa de vinho queimadas e pintam os rostos de crianças, desenhando barbas e bigodes, tentando fazê-los parecer mais velhos, um esforço de fazê-los parecer soldados de verdade e, possivelmente, ter um pouco de honra depois de tantos ataques intensos sofridos pela Tríplice Aliança. Nas ilustrações 33 a 35, observa-se todo o ritual de preparo e discursos, fazendo comandos e dando palavras de incentivo pelo general, ressaltando que tudo que estava sendo feito era por honra a Solano López e do povo paraguaio.

Enquanto homens velhos e crianças marchavam de um lado, no outro estavam 20 mil soldados do exército da Tríplice Aliança comandado por Conde D'Eu, e mais escondido na selva estavam as mulheres, mães e parentes daquelas crianças que foram forçadas para a guerra, observando de longe esperando o momento certo para intervir e poder, ao menos, salvar os poucos que sobreviverem. Assim, leva-se a entender que “o herói infantil”, a idealização criada por Paraguai sobre as crianças-soldados, “não apenas defende a bandeira nacional das mãos inimigas, mas também disputa o campo de batalha ao lado das mulheres que lutaram ao seu lado” (Bondar, 2017, p.51), visto tanto na Ilustração 36 quanto na Ilustração 42.

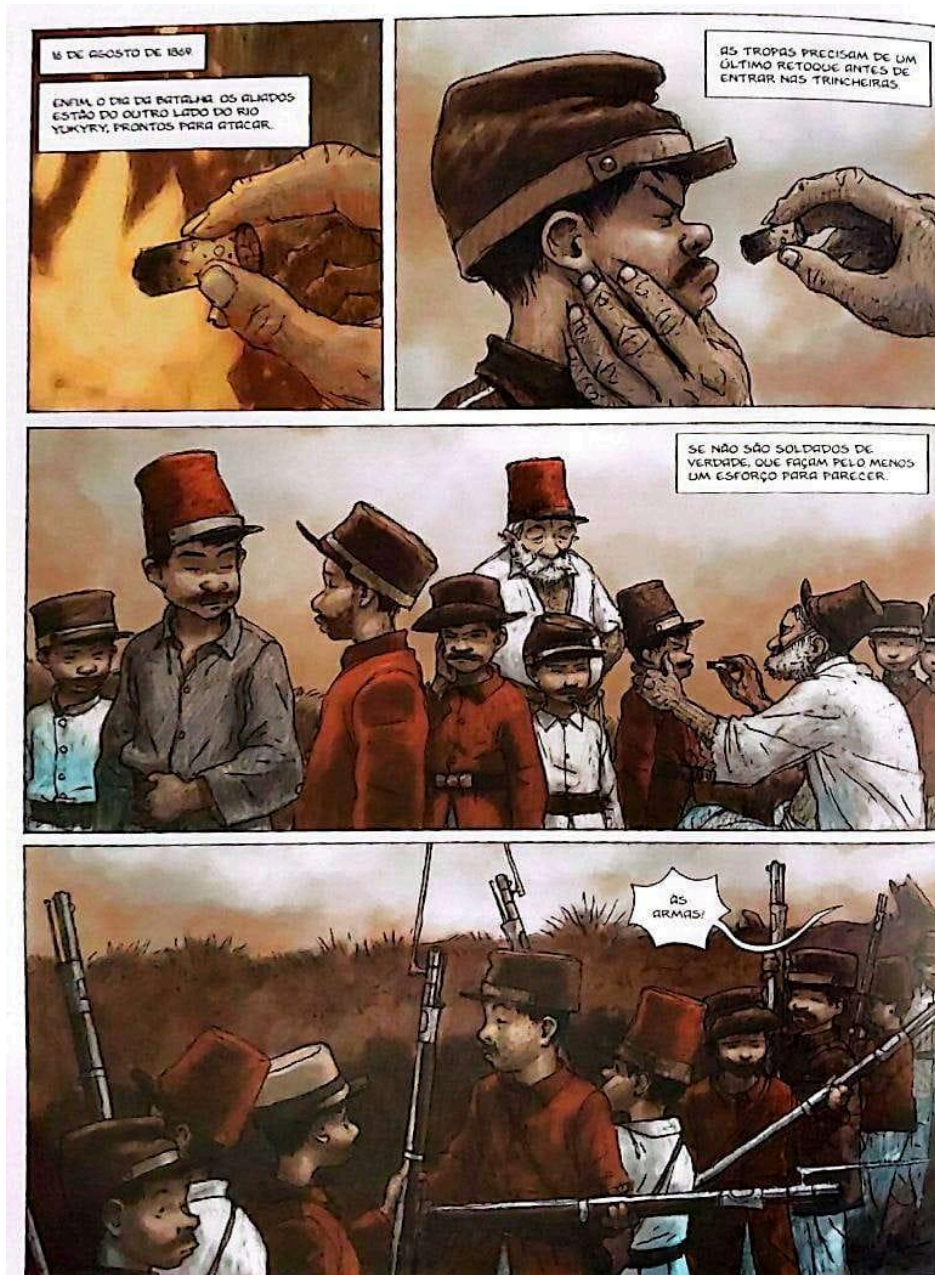
Ilustração 33



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.89)

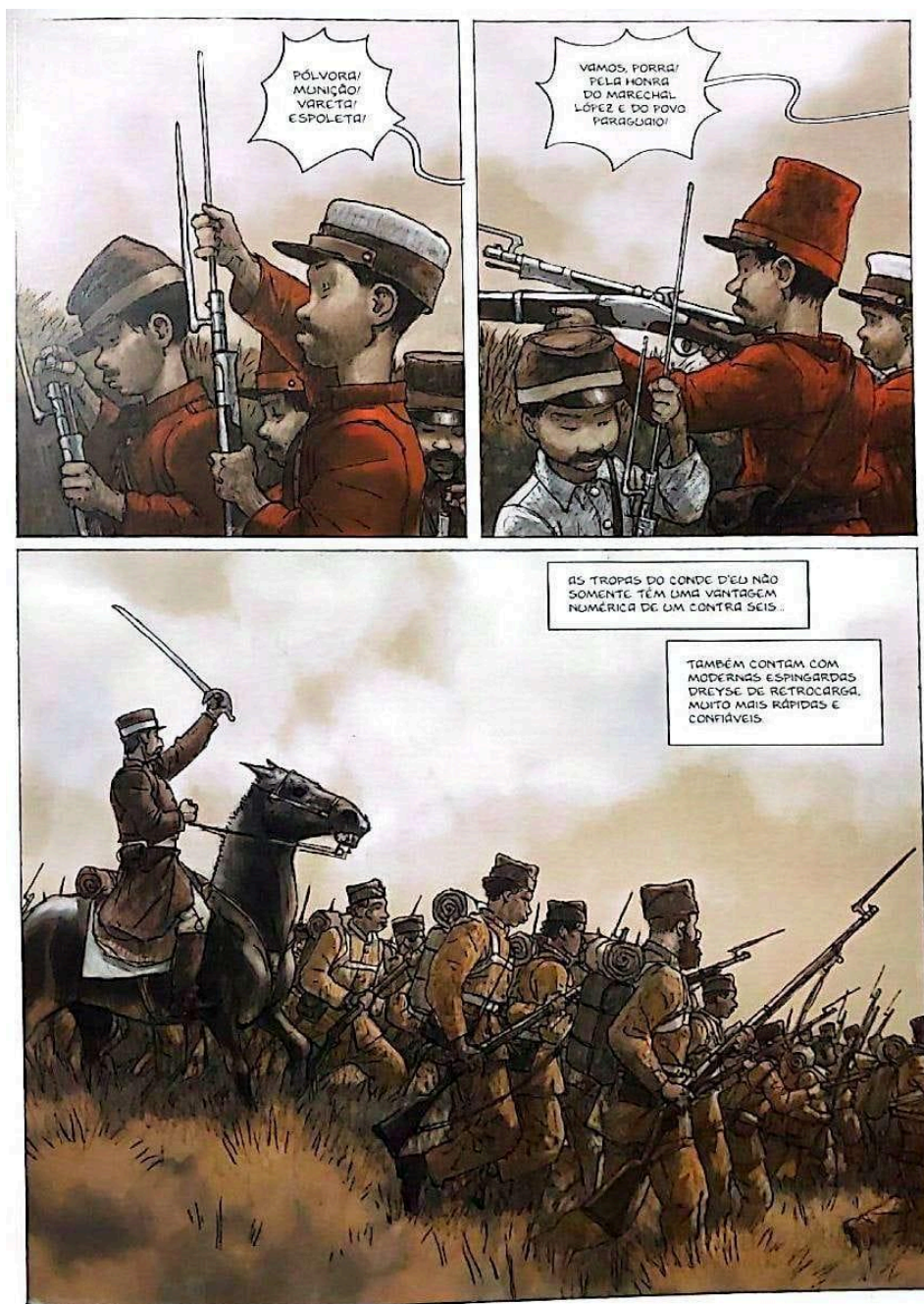
Ilustração 34



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal, (2021, p.90)

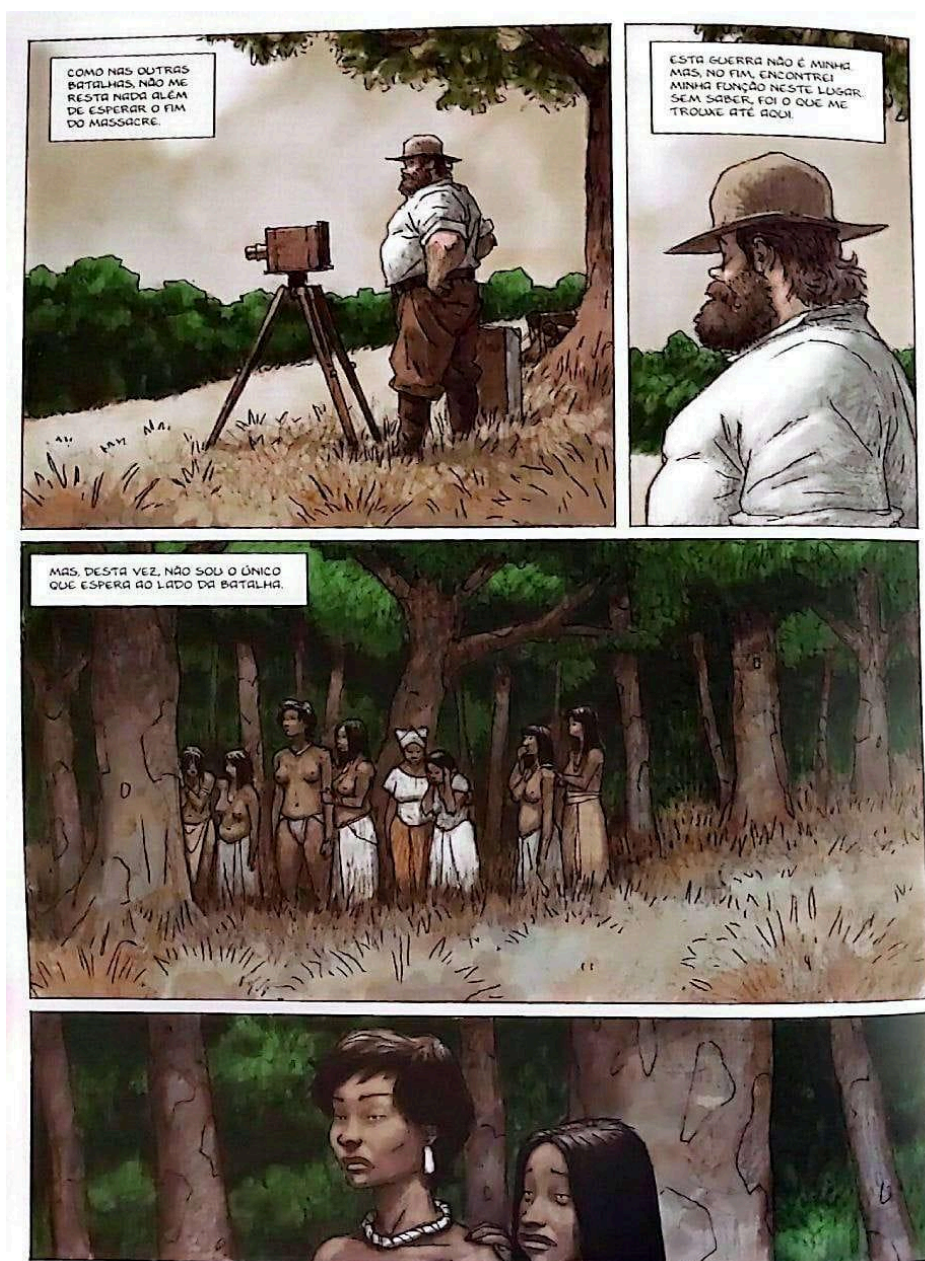
Ilustração 35



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.91)

Ilustração 36



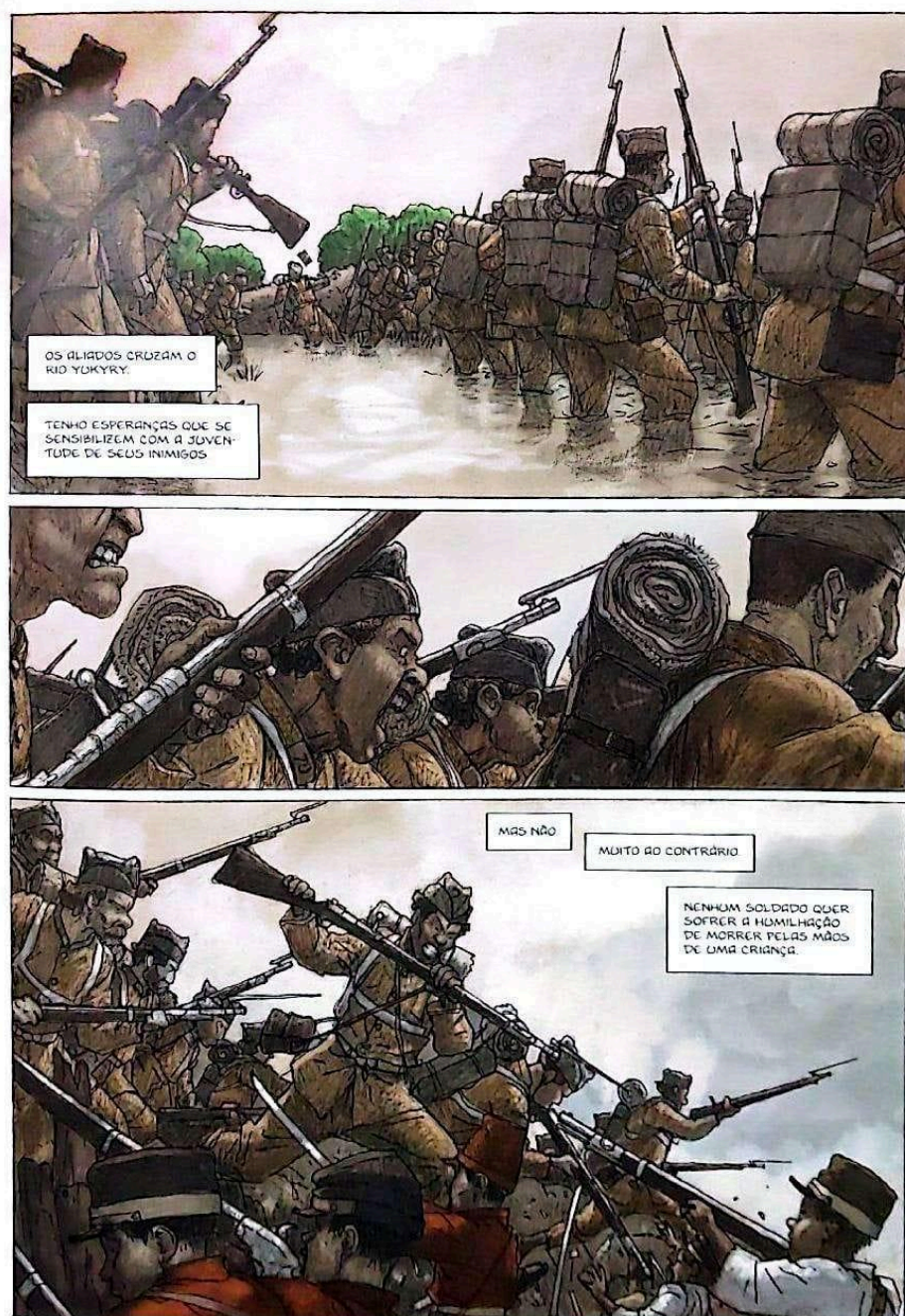
CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.92)

As cenas de luta são bem intensas e sangrentas, o ilustrador e o roteirista não poupando de mostrar a crueldade e brutalidade da guerra. Expõe-se uma narrativa de que o lado dos aliados não demonstravam misericórdia nem queriam sofrer a humilhação de serem mortos nas mãos de uma criança em plena guerra, enquanto o lado dos paraguaios demonstravam a dita bravura e força de vontade tão falada pelas testemunhas que escreveram sobre o episódio histórico que foi explorada nos capítulos anteriores do trabalho.

Duas horas de batalha se passam, o exército paraguaio quase dizimado e Conde D'Eu chama a cavalaria, certamente não querendo sobreviventes, querendo demonstrar a dominância do exército da Tríplice Aliança. Não apenas isso, mas os soldados da aliança começam a tacar fogo pela região, mesmo muitas crianças já terem se rendido, levando a lembrar do trecho trazido do documento do Ministério da Educação e Cultura do Paraguai citado anteriormente no trabalho, recordando sobre a cena em que “(...) o conde ordenou que a vegetação rasteira fosse incendiada, matando e queimando crianças e mães selvagemente” (República del Paraguay apud Bondar, 2017, p.47). Consequentemente, entra em conflito e desconstrói narrativas e propagandas realizadas em tempos de guerra e pós-guerra, relevando o ponto dito por Potthast, que não foi uma guerra justa nem honrosa, mas sim coberta de angústia e medo, como também sangrenta e terrível para ambos os lados, mas principalmente para o lado paraguaio e essas crianças como vítimas dos acontecidos.

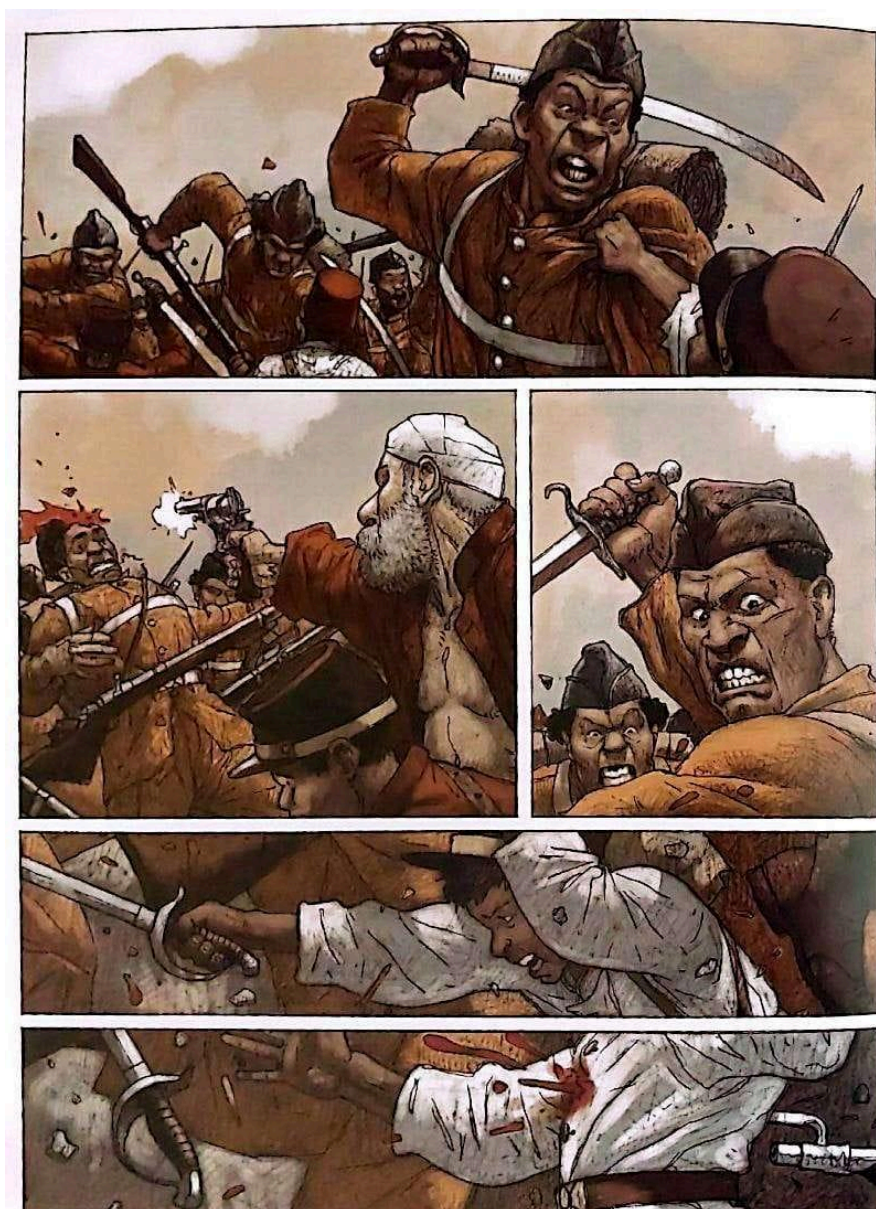
Ilustração 37



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.93)

Ilustração 38



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.94)

Ilustração 39



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.95)

Sem perceber, durante o massacre e sob ordens de não deixar nenhum sobrevivente, sem piedade às crianças que haviam se rendido, Duprat se vê correndo em direção ao campo de batalha, tentando pedir um basta, que já havia acabado. Entretanto, acaba sendo nocauteado por um soldado e cai no chão, apenas tendo alguns segundos de testemunhar as mulheres chegando e lutando contra os soldados dos aliados enquanto a chama se espalha e mais pessoas são

mortas. Nos últimos segundos Duprat ainda insiste que esta guerra não é dele, mas já não acreditava mais nisso e apenas espera pelo seu possível fim, até chega a pensar se obedeceu a *tekokatu*, se irá encontrar o tal paraíso que os indígenas Guarani tanto procuram, a Terra Sem Mal.

Ilustração 40

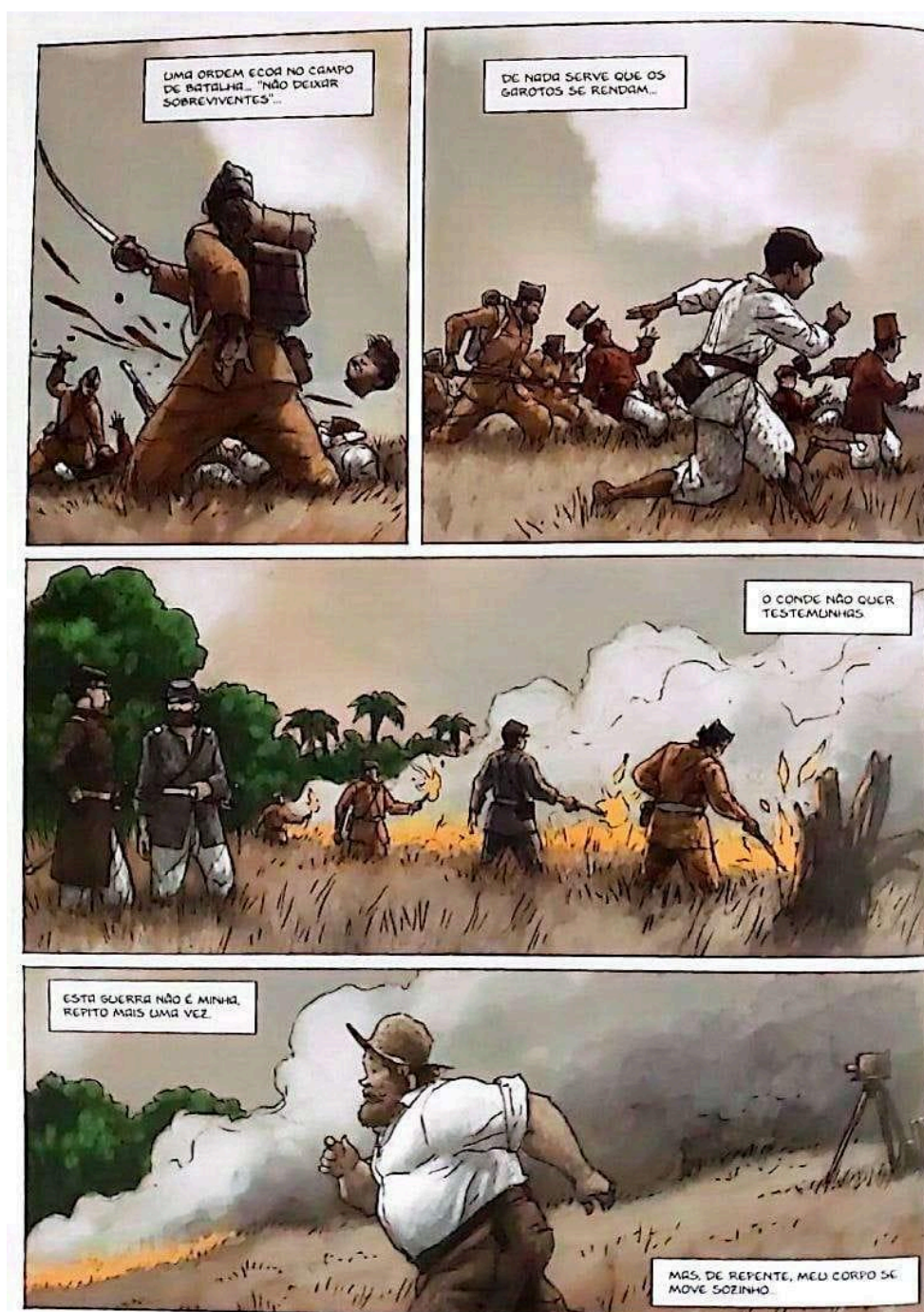
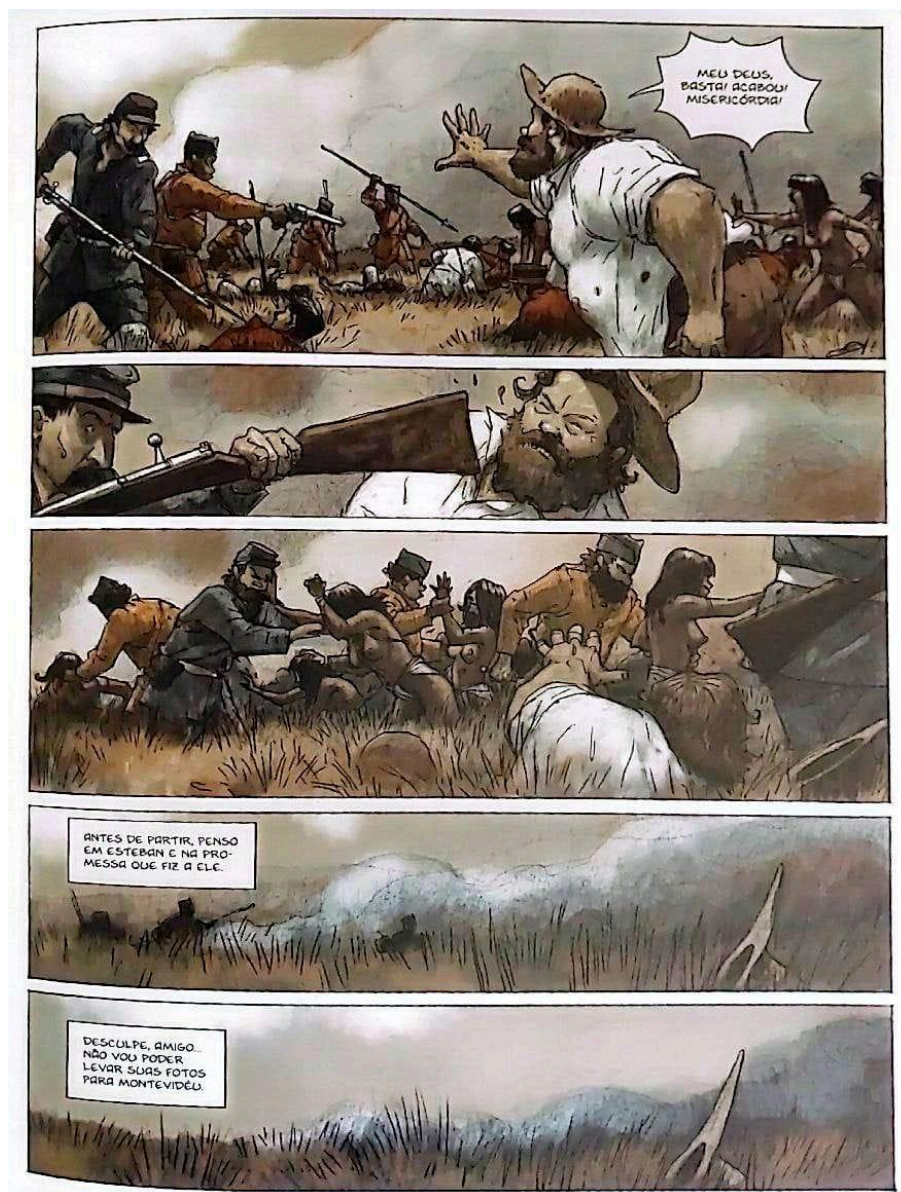


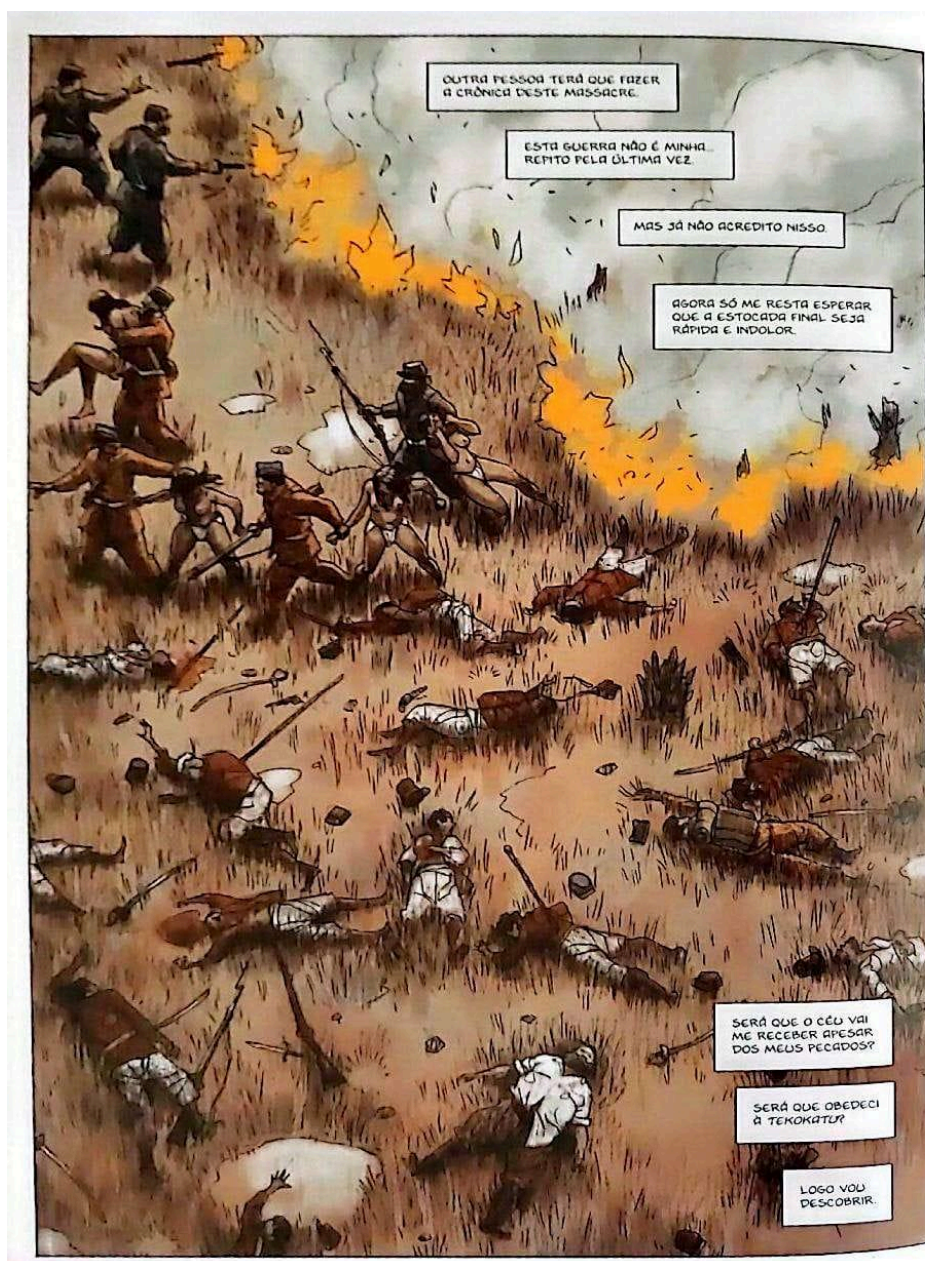
Ilustração 41



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal(2021, p.97)

Ilustração 42



CS Digitalizado com CamScanner

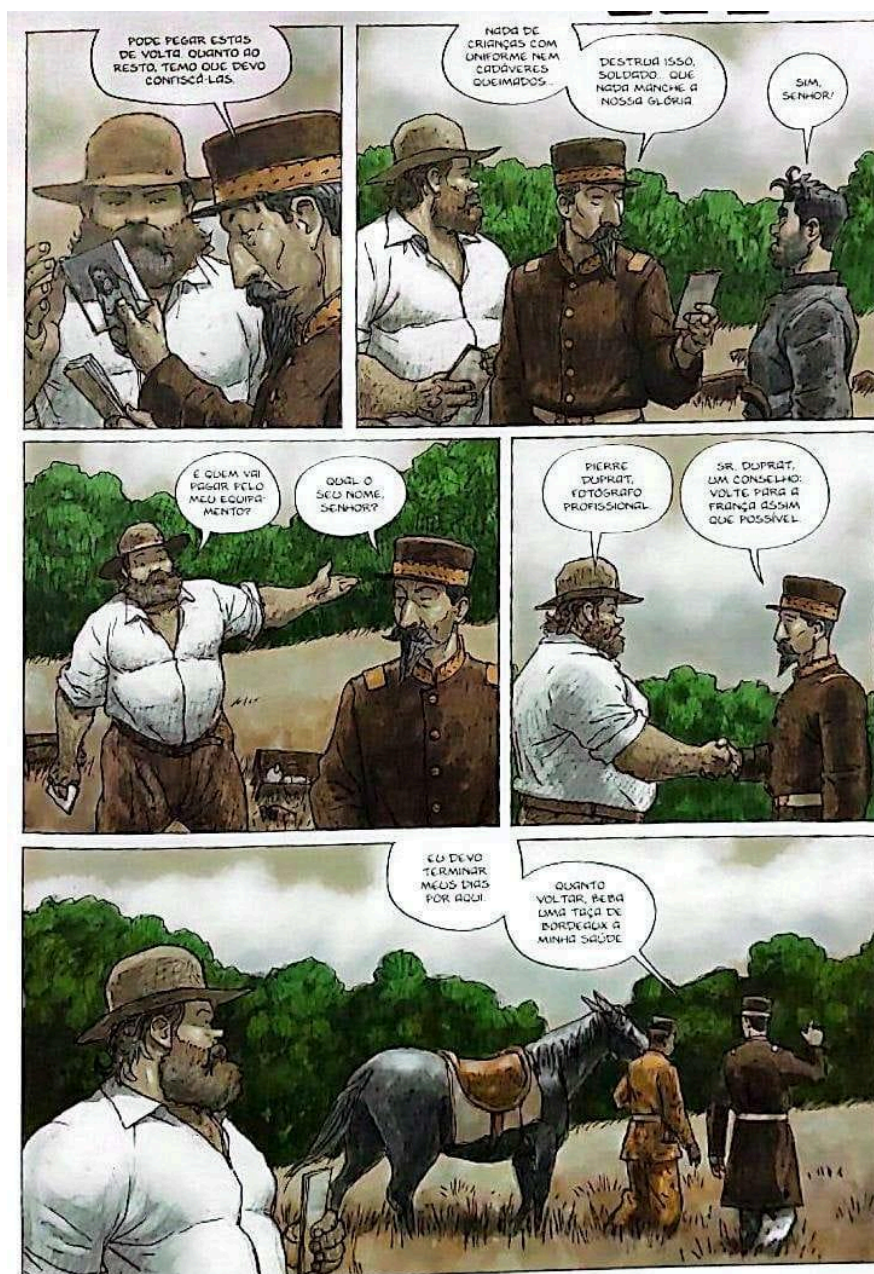
Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.98)

Pensando que sua morte havia chegado, depara-se com Yaguatí, filho da Yara, a indígena que Pierre Duprat havia se encantado, e ajuda o francês a se levantar, levando-o em direção a selva, deparando com a cena forte da Yara sendo abusada sexualmente por um soldado da Tríplice Aliança, apresentando mais uma vez as violências existentes na guerra, ainda mais contra mulheres, como já foi observado na Ilustração 18. Sem hesitar, o fotógrafo pega a arma do soldado que estava de lado e o executa, deixando a indígena retornar ao seu filho, pondo fim a

violência. Sem dizer nenhuma palavra para o francês, Yara junto com Yaguatí e outros indígenas que sobreviveram começam a se distanciar e adentrar ao fundo da selva.

Vendo-os partir, Duprat retorna ao campo de batalha e depara-se com o exército da Tríplice mexendo no seu equipamento fotográfico, o que o leva a imediatamente aproximar, tentando impedir dos soldados a quebrarem e estragarem o seu trabalho, até que Conde D'Eu intervém e deixa o fotógrafo ficar apenas com as fotos do seu trabalho com as indígenas. Entretanto, aquelas outras referentes às crianças fardadas e qualquer indício de uma guerra dolorosa, o general do exército brasileiro ordena a um soldado destruí-los, afirmando que não podia ter nada que manchasse a gloriosa vitória deles.

Ilustração 43



CS Digitalizado com CamScanner

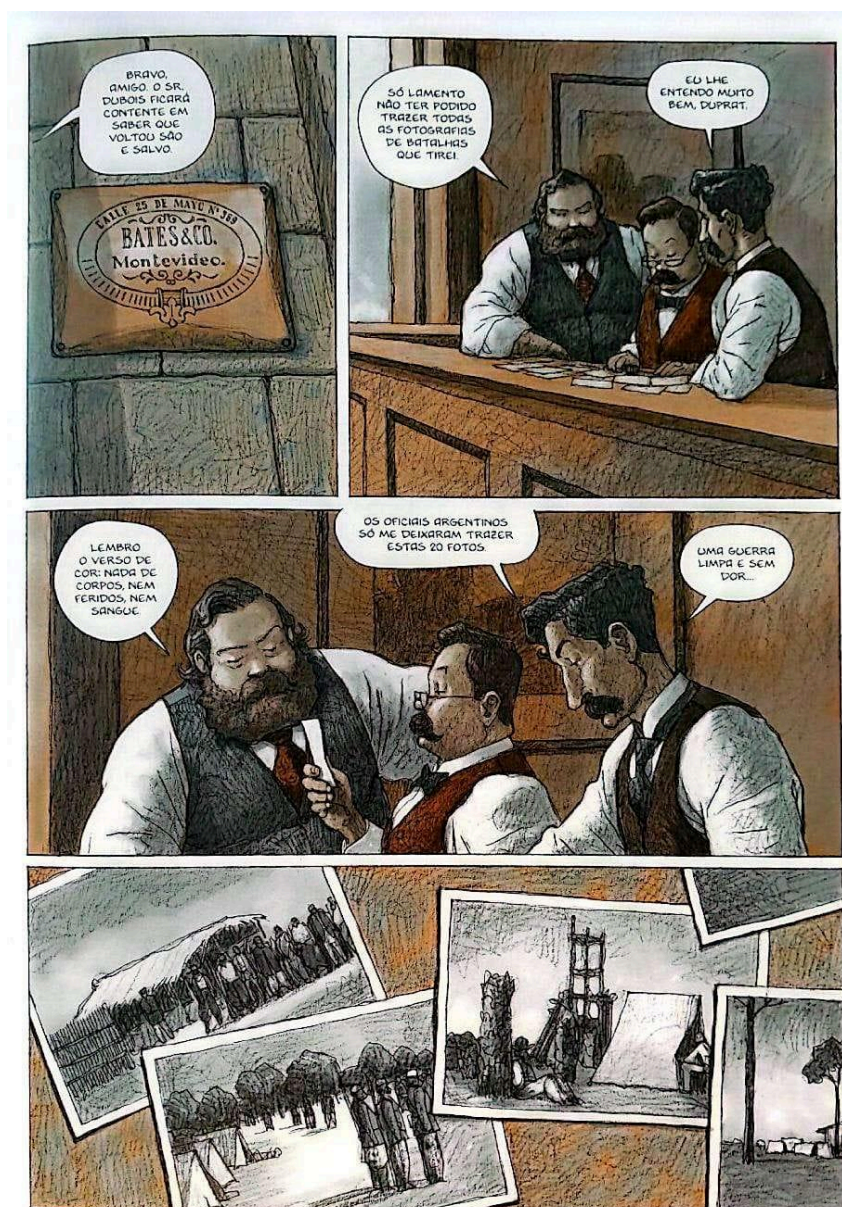
Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.105)

Após ver que não tinha mais o que fazer, tendo muitas de suas fotos e as de Esteban, as quais prometeu guardá-las e expô-las quando retornasse ao Uruguai, que denunciavam sobre a guerra sendo tomadas e seu equipamento prejudicado, Pierre Duprat retorna a Montevideú. Ao retornar, reencontra-se com Javier e Jean Vander Weyde, o sócio da firma Bates & CO., a qual Pierre Duprat foi encaminhado em contrato para fazer o trabalho fotográfico antropológico na busca pelas indígenas

Guarani e o que havia apresentado a Javier e Esteban bem no início da História em Quadrinhos.

Na firma, Javier mostra as fotos que conseguiu trazer de volta do Paraguai, apresentando uma propaganda de uma guerra limpa e sem dor, algo que o próprio Pierre relembra sobre as regras: nada de corpos, nem feridos, nem sangue, como pode ser visto no terceiro quadro da Ilustração 44. Além disso, Duprat também mostra o seu trabalho, as fotos das mulheres indígenas da comunidade Guarani, e mostra uma única foto que conseguiu guardar, que mostra um resquício da realidade da guerra que foi tirada por Esteban, entendendo que havia morrido na guerra lutando ao lado dos paraguaios.

Ilustração 44



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.109)

Ilustração 45



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.111)

Ilustração 46



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, p.113)

A história “Guarani – A Terra Sem Mal”, então, encerra com Pierre Duprat, por fim, enviando parte das fotos pelo correio, cumprindo o contrato, e a outra parte é entregue a um jovem que passava por acaso pela rua, o que leva Javier a ficar surpreso pela atitude e perplexo, afirmando que ele nunca receberia o restante do dinheiro. Porém, Duprat se comporta de forma despreocupada, afirmando que tem outras coisas em mente, mencionando que não irá voltar à França por agora e comenta sobre “A Terra Sem Mal” e *tekokatu* que aprendeu com os indígenas,

dando a entender que irá contar toda a vivência que teve nos últimos tempos para Javier.

A partir do exposto, vem a questão: O que isso pode dizer em referente ao nosso presente? Se houve essa produção dessa série de desenhos em sequência, é porque existiu um interesse, um motivo para ter sido estruturado e desenvolvido no estilo e na narrativa que foi realizado. Diante de toda a monografia produzida até esse exato instante, compreendeu que as Histórias em Quadrinhos podem ser um facilitador, tanto em ambiente escolar quanto fora dele, de conhecimento, transmitindo através da mistura da escrita e ilustração. Com isso, a partir da análise, enxergando estudos de fontes e a autenticidade dos fatos, mesmo misturando com a parte ficcional, é possível ver que existe uma mensagem a ser passada, até mesmo um trabalho de conscientização dos acontecimentos que existiram na história da América Latina e que, certamente, querem prevenir dessas ações se repetirem.

A narrativa é uma forma de ensinar e aprender história, auxiliando no processo de dar e criar sentido e, como resultado, criar sua própria compreensão sobre os fatos e seu mundo que vive. Através dela, o ato de contar história, seja dentro da sala e fora dela, tendo as Histórias em Quadrinhos de exemplo como possível forma de aprendizagem, como parte do produto da mente humana, as pessoas se envolvem melhor no lugar e tempo abordado de uma forma aceitável por elas próprias. Por consequência, sendo mais ativas nesse processo de reflexão do antes e o agora, de distinguir o que afeta o seu presente e o que não afeta, buscando-se, então, o sentido, como foi observado em exemplo prático pelo trabalho de da Cunha (2015) nos capítulos anteriores. Em outras palavras,

eles começam a adquirir um papel na construção mental de uma pessoa, pois a aprendizagem de história é um processo de localizar fatos entre dois polos de forma consciente, ou seja, de um lado o pretexto objetivo das mudanças que as pessoas e o seu mundo sofreram no tempo passado e, de outro, o ser subjetivo e a compreensão de si mesmo, assim como a sua orientação no tempo (Gevaerd, 2009, p.65).

Essa aprendizagem, facilitada na construção da narrativa, segundo Rüsen (1992) apud Gevaerd (2009), é realizada por meio de três etapas: experiência, interpretação e orientação. A experiência faz ser capaz da pessoa olhar o seu passado e buscar sua qualidade temporal, diferenciando do presente; já a interpretação reduz as diferenças de tempo entre passado, o presente e o futuro, trabalhando como instrumento de interpretar as experiências do passado e uma

compreensão do presente; e, por fim, a orientação é a habilidade para utilizar a interpretação do passado, analisar o presente e projetar um curso de ação futura. Isto é, a narrativa histórica é o princípio da educação histórica, sendo um meio para a compreensão histórica, de compreender o seu passado e dar sentido para o seu presente. Como afirma Husbands (2003, p.51 apud Gevaerd, 2009, p.67), “significa relacionar histórias àqueles 'princípios organizadores' – as idéias de causa, continuidade, mudança – do complexo discurso histórico”.

Através da aprendizagem e da narrativa histórica em conjunto dessas três etapas, desenvolve-se a consciência histórica. Não apenas isso, com apoio dos estudos históricos realizados por Peter Lee, temos a literacia histórica auxiliando na maneira a refletir sobre como se constroem histórias através da progressão dos conhecimentos históricos, facilitando tanto na aproximação, quanto na diferenciação do presente para com o passado, alterando suas formas de “ler” o mundo e a realidade, compreender que a tarefa da história é fornecer “um senso da nossa própria identidade”, mas de uma forma que estimule e facilite a nossa cooperação com outras pessoas, outras nações e outras culturas¹⁷.

Dessa forma, entende-se que o trabalho da consciência histórica e a construção dela é fundamental para que os indivíduos possam fazer a sua própria operação mental, que ele mesmo articule através do processo da sua vida prática, a experiência do tempo. Esta operação, segundo Gevaerd (2009), articula as experiências e as intenções daquele momento. Pensando em algo mais prático, a partir do momento em que lê a historiografia afirmar sobre a brutalidade da guerra, o espaço escolar reafirmar esse discurso e entender que espaços fora do ambiente educativo, como o caso da HQ “Guarani – A Terra Sem Mal”, também se mantém esse discurso ou contradiz, aquelas pessoas que lerem vão assimilar com todas aquelas informações expostas a sua realidade e do que foi aprendido, articular e tirar suas próprias conclusões, criando-se, assim, a sua interpretação sobre o fato.

Se no seu tempo presente afirma que, por exemplo, o exército brasileiro foi glorioso, trouxe muito orgulho para o país, mas há uma narrativa que contradiz totalmente a esta narrativa, mostrando personagens e situações que expõe a hipocrisia e censura existente naquela época e afeta o seu hoje, ocorre, então, um

¹⁷ Pode-se entender melhor a explicação com o texto “Em direção a um conceito de literacia histórica” de Peter Lee e com o texto “Ensino de História não é Educação, mas calma que eu explico!” de Arnaldo Martin Szlachta Junior.

trabalho de orientação e reflexão. Consequentemente, a pessoa se torna um agente ativo a partir do momento que investiga e busca entender o porquê das contradições informativas, pensando em referência ao exemplo dito, mas o principal ponto é o trabalho investigativo realizado, tendo as três etapas mencionadas anteriormente como referência, assim, a consciência histórica desenvolvida e praticada..

Em base nisso, entende-se então, em resumo, que a consciência histórica é um “trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir conformes com a experiência do tempo” (Rüsen, 2001, p.58-59 apud Gevaerd, 2009, p.101). Continua, “esse trabalho é efetuado na forma de interpretações das experiências do tempo. Estas são interpretadas em função do que se tenciona para além das condições e circunstâncias dadas da vida” (idem). Em outras palavras, com base em Gevaerd, a qual traz base teórica de Rüsen, a consciência histórica é a construção do sentido da vivência do tempo, criando uma interpretação em base na prática e intenção sobre aquilo a respeito e o seu tempo, e o processo de formação da consciência histórica pode ser descrito como transformação intelectual do tempo natural em tempo humano.

Compreendo o papel da narrativa histórica e da consciência histórica em conjunto da literacia histórica, auxilia para entender a relevância da compreensão desses dois termos ao debate sobre o passado sensível, entendendo como um elemento de continuidade na vida daquela determinada sociedade, e que a HQ pode ser utilizada como um material paradidático para esses debates. No caso da discussão do trabalho sobre Guerra do Paraguai, em específico a Batalha de Acosta Ñu e as crianças, sabe-se que há uma continuidade que afeta diretamente e indiretamente os envolvidos da guerra, como a celebração do dia das crianças no dia 16 de agosto no Paraguai, enxergado como símbolo de memória, e de discursos, especificamente no Brasil e na narrativa militarista sobre a valentia do exército brasileiro e que derrotou o dito agressor que invadiu o seu país que até hoje há militares que vangloriam, ignorando completamente sobre o massacre que o exército brasileiro fez parte.

Trabalhar com passado sensível, como afirma Pereira e Steffner, “consiste num movimento de aprendizagem ética que implica uma relação consigo mesmo”, relembrando o processo de consciência histórica e literacia histórica, “a construção de si mesmo como sujeito de um olhar, como subjetividade marcada por se permitir realizar uma determinada interpretação do passado e, ao mesmo tempo, do seu

lugar do presente” (Pereira; Steffner, 2018, p.17). Estudar o passado sensível é se colocar “diante de algo que desperta indignação frente à injustiça e a violação dos direitos humanos” (idem), voltando-se ao futuro de tolerância, de reconciliação com a justiça e com os direitos. Tratar de passado sensível leva a entender que é um passado vivo, tirando o papel do passado como morto e objetificado, como se aquele momento já tivesse se encerrado, preso naquele tempo e espaço, não vendo mais motivo de relevância nem pensando na possibilidade de afetar o nosso presente e nossa relação com o dito “outro”.

Ademais, leva a pensar sobre as questões sensíveis, fazendo-nos deslocar e nos colocar no lugar de alguém que aborda o presente ao mesmo que pensa o passado, e a diferença sendo na forma da experiência. Como os autores Pereira e Steffner (2018) afirmam, significa olhar para um passado distante do presente, do ponto de vista da relação de pertencimento que temos com ele, e sentirmos um estranhamento, de tal forma que este permita abrir a uma experiência alheia, nova, inusitada, que desloca do presente e leva ao futuro. Assim, com esse estranhamento, leva a pensar o passado tendo um uso que permite problematizar o presente e imaginar vivências ainda imprevisíveis, é pensar a diferença na forma da alteridade, é “‘aprendo sobre mim mesmo na relação com o outro, mas, sobretudo, aprendo com o outro a experiência que nunca tive’, e é isso o que permite a movimentação no tempo em direção ao futuro para novas experiências” (Pereira; Steffner, 2018, p.21).

Pode-se entender então, diante do exposto, que a História em Quadrinhos “Guarani - A Terra Sem Mal” nos auxilia a entender o que estava acontecendo nos anos finais da guerra, havendo o recorte de tempo entre meses finais do ano de 1868 e dias finais do mês de Agosto de 1869, apresentando o exército da Tríplice Aliança avançando mais e mais sobre o território do Paraguai. Em meio disso, temos a perspectiva de Pierre Duprat, um francês e fotógrafo testemunhando todos os tipos de horrores, muitos dos fatos e informações passadas sobre o contexto do conflito sendo contados a partir da perspectiva dos militares visto como o lado vencedor da briga e dos dois companheiros – Javier e Esteban.

Do início até o fim da narrativa gráfica, é reforçado sobre a dizimação da população paraguaia e brutalidade da guerra, mostrando que não existe favoritismo, a morte percorria em todos os lados, seja naqueles diretamente envolvidos nas batalhas ou naqueles que apenas estavam tentando sobreviver ao cenário

sangrento mas, de alguma forma, era afetado, seja pela violência, pela fome ou pelas doenças.

Fortemente é trabalhado sobre o patriotismo e o nacionalismo como motor da guerra, lutando pela sua nação independentemente das ações que afetem o futuro da nação, muitas vezes se importando apenas com os resultados imediatos e na sobrevivência. Retira como interpretação a partir da junção ilustrativa e das falas, puxando um sentimento de urgência, pode-se ser observada de exemplo especialmente na Ilustração 26, em que é explicitado de tom alto e claro que eles, os paraguaios, não possuíam mais tempo, ainda mais em uma situação drástica de baixa de homens capacitados para lutar e havendo que tomar uma decisão de recrutar crianças para acobertar as perdas.

Tratar de nacionalismo e patriotismo, conseqüentemente leva a tratar sobre de honra e valentia em tempos de guerra, a qual foi testemunhada em diversos momentos na narrativa, a exemplo da Ilustração 19 em que encontra-se família e diversos nobres assassinados por acusação de traição à pátria, em que foi justificado por Esteban que tudo que estava sendo feito era em nome do Paraguai. Não apenas essa cena, é possível encontrar outras como nas próprios quadrinhos retratando a Batalha de Acosta Ñu, em que ambos os lados não queriam morrer – os paraguaios lutando para impedir a aniquilação da nação e o exército da Tríplice Aliança lutando para não ser humilhado por morrer nas mãos de uma criança.

Enquanto de um lado é enxergado como guerreiro e valente, temos a existência do medo na guerra. Testemunhamos o medo dos indígenas Guaraní e quaisquer descendentes que possuam seus traços serem caçados e mortos pelos Guaicurús, de crianças sendo raptadas pelos soldados paraguaios, de mulheres indígenas assistindo elas sendo levadas e lançadas em uma guerra que não era sua, e de soldados paraguaios de sofrer as consequências por não cumprir a ordem de Solano López ao pensar de exemplo ainda nas Ilustrações 26 e 27 quando chegam na comunidade indígena e falam que não querem problemas em conjunto de um comportamento fechado e em alta guarda, como se a qualquer momento pudesse tudo desabar, e das expressões faciais. Podia sentir na pele que o tempo estava acabando.

A possibilidade de trabalhar com História em Quadrinhos, mesmo sendo centralizada em Pierre Duprat, é a facilidade de entendimento do cenário, da ambientação, das perspectivas que existiam sobre a guerra, como até mesmo foram

exploradas na Historiografia nos capítulos anteriores, sendo replicadas em personagens, e de muitas vezes deixar que a própria imagem diga por si só ao invés de palavras, deixar o leitor sentir o impacto e os sentimentos transparecidos na cena.

Como já foi discutido, é preciso se pôr em um lugar de estranhamento para entender o que se acontecia com o outro, mesmo nunca ter vivido aquele tempo e contexto, e a HQ possibilita essa prática do passado sensível. Por mais que muitas cenas sejam extremamente fortes e impactantes, muitas vezes trazendo um desconforto, uma angústia, chegar mesmo a se questionar o porquê de explicitar o massacre e tantas mortes, ainda mais envolvendo crianças, muitas é preciso sair da zona de conforto para entender o porquê é apagado e porquê é preciso trazer relevância ao nosso dia a dia, como isso afeta o nosso presente. Dessa forma, o trabalho da consciência histórica se intervém para a prática.

Entender que por cima de uma narrativa em que o exército brasileiro derrotou o “grande mal” e “libertou” o Paraguai das mãos do Marechal Solano López com a ajuda dos seus aliados, Argentina e Uruguai, existe um lado da história que, na realidade, nunca se importaram com os paraguaios. Quando se vê durante a história o posicionamento de soldados e generais, especialmente na tomada de decisão que é vista na cena em que ateiavam fogo no campo de batalha enquanto crianças já haviam se rendido e mulheres lutam para impedir de aumentar o número de mortes pelas mãos do exército da Tríplice Aliança, já é possível entender as intenções e o tipo de narrativa que quer deixar marcada na história da América do Sul. Não apenas isso, compreender a censura existente na mídia, da proibição de registros das execuções e na destruição das fotografias de Duprat e de Esteban realizada através do comando de Conde D’Eu, quem afirmou que “nada de crianças com uniforme nem cadáveres queimados... Destrua isso, soldado... que nada manche a nossa glória”, vista na Ilustração 43.

A História em Quadrinhos reforça a narrativa e o discurso de que a Guerra do Paraguai, aprofundando no recorte da Batalha de Acosta Ñu, foi e é uma tragédia que ainda repercute e impacta na sociedade nos dias atuais. Possui uma narrativa histórica, apresentando na mistura de ficção com embasamentos documentais e entrevistas¹⁸ sobre o episódio histórico, compreendendo não apenas como uma

¹⁸ Em um podcast no canal “El lector como artesano”, ocorre uma entrevista com o roteirista Diego Agribau e afirma que teve que fazer uma seleção de documentos para construir o roteiro, fazendo a

tragédia histórica, um massacre e um evento sangrento, mas que houve diversos fatores que aconteceram simultaneamente e que influenciaram, impactaram na dinâmica da guerra, como foi discutido no capítulo 3.

Com base nessas séries de acontecimentos até a batalha, ocorrendo o trabalho de mediação, orientação e interpretação, a História em Quadrinhos colabora, portanto, na construção da consciência histórica sobre o acontecimento, entendendo a sensibilidade do tema, mas também a necessidade de superar para poder lidar melhor, para poder compreender que é uma memória que precisa ser vivida para não ser esquecida, de não cometer atitudes que levam a ignorância, que levam a acreditar que isso nunca aconteceu e é apenas uma falácia para afetar reputação dos países ditos vitoriosos da guerra, de até mesmo acreditar que é um capítulo já encerrado e não precisa mais retomá-lo. É preciso reviver para lembrar, para não ser esquecido, e é visível na última página da narrativa gráfica, apresentando de exemplo a data comemorativa do dia das crianças, 16 de agosto, como um símbolo de memória a esses indivíduos vítimas de guerra.

Ilustração 47

leitura e compreensão dos eventos, nos episódios históricos ocorridos até o acontecimento principal da história em conjunto das entrevistas dos descendentes, tendo documentos escritos e fotos para auxiliar e trabalhar na veracidade dos fatos. Isso é notório que houve bases documentais a partir da comparação com a fotografia original apresentada na Ilustração 3 com o que foi retratado em desenho na Ilustração 34. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cSqpt0McDg0>. Acesso em: 07 de agosto de 2025.

EM 16 DE AGOSTO DE 1869, TRÊS MIL E QUINHENTAS CRIANÇAS PARAGUAIAS FORAM MORTAS NA BATALHA DE ACOSTA ÑO, DURANTE O FINAL DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA.



DESDE ENTÃO, NESTA DATA, É CELEBRADO
O DIA DAS CRIANÇAS NO PARAGUAI.



Digitalizado com CamScanner

Fonte: Agrimbau; Ippóliti, GUARANI – A Terra Sem Mal (2021, sem numeração)

6 CONCLUSÃO

Em relação a historiografia sobre a Guerra do Paraguai e a Batalha de Acosta Ñu diz a respeito as divisões de entendimentos e escritas sobre o que foi a Guerra do Paraguai, tendo primeiramente a memorialística-militar-patriótica ou historiografia de trincheira representando o momento pós-guerra, o sentimento de vitória sobre aqueles denominados como “bárbaros” e “agressores” da pátria. Depois temos os positivistas ortodoxos ou a historiografia republicana, ocorrida simultaneamente com a primeira linha historiográfica, realizando críticas sobre o discurso patriótico realizado por esses participantes da guerra, questionando feitos do Império, tentando desconstruir a imagem dos feitos em relação ao conflito, trazendo a imagem do Paraguai como vítima do governo imperial de D. Pedro II, e não o agressor.

Terceiramente temos os revisionistas nos anos finais de 1960 até 1980, tendo León Pomer e Julio Chiavenatto como grandes referências, desconstruindo completamente os discursos patrióticos realizados em tempo pós guerra, trazendo o argumento do envolvimento externo sobre questões internas na América do Sul, tendo a elite inglesa como financiador da guerra. Além disso, trouxe o entendimento da guerra como uma grande tragédia e o povo paraguaio sendo as maiores vítimas desse conflito por ter sofrido de dois lados – o exército da Tríplice Aliança e das mãos de Solano López. Mesmo tendo várias controvérsias, críticas, incoerências e anacronismos, não se pode negar que esses trabalhos transformaram completamente o entendimento sobre a Guerra do Paraguai e as atrocidades ocorridas, desconstruindo a narrativa patriótica e memorialística, e impactando na construção sobre a história da Guerra do Paraguai.

Por fim, dita como a última linha historiográfica, o neo-revisionismo, tendo Francisco Doratioto como uma das maiores referências nos estudos historiográficos em conjunto de sua obra “Maldita Guerra” (2002), alastrou a diversidade de estudos e pesquisas acadêmicas, abrangendo várias perspectivas sobre a Guerra do Paraguai como o questionamento da participação e responsabilidade inglesa no conflito sul-latinoamericano, dando convicção de a guerra ocorreu por conflitos e interesses regionais, negando as afirmações realizadas anteriormente por estudiosos como Chiavenatto. Ou seja, o neo-revisionismo faz a revisão dos estudos das décadas de 1960 até 1980. Porém, existem algumas controvérsias sobre a ideia

do discurso neo-revisionista, principalmente sobre esse peso sob Francisco Doratioto que, como é discutido tanto por Salles quanto por Maestri, na verdade, a forma que discute e argumenta sobre a temática da Guerra do Paraguai traz um viés mais neo-nacionalista ou restauracionista do que neo-revisionista por restaurar e revigorar a historiografia nacionalista, o discurso dos positivistas ortodoxos, trazendo novamente o discurso de Paraguai ser o causador da guerra e que Solano López era o maior responsável pela destruição do seu próprio país e da sua população.

Já na rápida abordagem sobre a historiografia paraguaia, entende-se que há ainda muitas questões e tensões sobre a escrita do que foi a Guerra do Paraguai, conhecida também como Guerra *Guasu* para os paraguaios. A sua memória coletiva sendo formada por conflitos sobre a imagem de Solano López e tensão entre apoiadores e opositores do Marechal, de princípio vendo Marechal Francisco Solano López como o odiado pelos paraguaios, mas com o golpe militar se altera tudo, impactando na mudança de imagem sobre ele, chamando de “herói nacional”.

Na relação historiográfica da Batalha de Acosta Ñu e as crianças paraguaias entendeu-se que esse momento do revisionismo e, principalmente, no neo-revisionismo possibilitou abranger esses estudos mais amplos, diversificando perspectivas sobre o conflito bélico sul-latino-americano. Como afirma Squinelo (2020), tornou-se diverso, múltiplo e pluriperspectivado. Ou seja, não apenas tinha história dos vencedores, mas também havia a história daqueles dos vistos como subalternos. Dessa forma, possibilitou explorar mais sobre o que foi a Batalha de Acosta Ñu e como impactou nos tempos de guerra até os dias atuais.

Porém, de princípio, precisava entender sobre o que era ser criança no século XIX, o que chegou-se à conclusão através do trabalho de Carmo e Pinto (2020) que aquelas crianças paraguaias eram vistas e tratadas como “mini adultos”, tendo um intelecto tão desenvolvido quanto o de um adulto, uma mentalidade já formada, madura e decidida, e que já tinham responsabilidades a serem cumpridas. Com o trabalho de Potthast (2005) foi possível aprofundar no entendimento sobre a rotina infantil no Paraguai, compreendendo que as crianças não estranhavam a vida nos acampamentos militares, cresciam em um ambiente de guerra e disciplina militar, muitas vezes acompanhavam as mulheres nos trabalhos, e, se tivessem altas condições, eram uniformizadas e as preparavam para uma vida como soldados.

Em consequência dos impactos da guerra, não tendo mais soldados homens adultos nos anos finais da guerra, restando apenas mulheres, idosos e crianças,

acabou recorrendo infelizmente ao rumo em que milhares de crianças acima de 12 anos foram recrutadas para lutar em uma batalha que evidentemente já estava finalizada, como foi apresentado no trabalho de Soares (2024). A Batalha de Acosta Ñu, conhecida como Batalha de Campo Grande e *Batalla de Los Niños*, é considerada como a última grande batalha da Guerra do Paraguai, porém, como não se bastasse a matança, a luta injusta entre mais de 3 mil crianças junto com centenas de soldados homens restantes feridos paraguaios contra 20 mil do exército da Tríplice Aliança, a guerra se prolongou pois o exército brasileiro acreditava que o fim da guerra seria com a morte do Marechal Solano López.

No trabalho de Bondar (2017) compreendeu o grande impacto sobre a redução populacional no Paraguai, como também apresentou sobre questões que ocorreram nos tempos de guerra, porém não são muito ressaltados nos estudos historiográficos, como a fome, as doenças, a violência sexual e assassinatos de crianças, mulheres e idosos. Além disso, aborda a discussão e reflexão sobre a imagem que se criou, principalmente no tempo pós guerra, sobre a criança, vendo-a como um herói infantil e patriota por natureza. Viu-se que não se há uma condenação sobre as ações de adultos ou do exército paraguaio em sua decisão de enviar crianças na guerra, mas sim uma exaltação e um elogio pela dita bravura. Nota-se que ainda há esse tipo de visão através do que foi mostrado por algumas ilustrações que Bondar trouxe em seu trabalho, especificamente na Ilustração 8, refletindo a narrativa criada sobre a Batalha de Acosta Ñu para a sociedade, tratar o dia 16 de agosto como uma celebração desses vistos como guerreiros.

Como foi ressaltado com base no trabalho de Potthast (2005), a Batalha de Acosta Ñu não foi uma batalha justa nem honrosa, isso é fato. Mas é válido também pensar até que ponto elas talvez não tinham uma visão própria das causas de violência e da guerra, trazer essa possibilidade de serem atores conscientes dessas lutas. A ideia não é justificar as ações tomadas, mas sim mostrar que houve crianças que podiam compreender desde cedo por conta do ambiente que vivia e acabar antecipando o processo de amadurecimento, como também houve crianças que não passaram por esse processo. Potthast diz que por um lado haviam crianças que não tinham escolha já que muitas vezes foram recrutadas à força, mas por outro haviam crianças que lutavam na genuína crença de defender sua pátria, crescendo em um discurso nacionalista e influenciado pelas propagandas de guerra.

Pensar e discutir essa temática, tanto no campo acadêmico quanto no de ensino e fora desses ambientes mais eruditos, é muito negligenciado, ainda mais tratando-se de um passado sensível, traumático e vivo. A influência do tempo histórico trabalhado, pensando sobre a Guerra do Paraguai primeiramente, no Ensino de História, mostra claramente que, mesmo ocorrendo avanços nos estudos historiográficos, os materiais didáticos não avançam na mesma velocidade, muitas vezes mantendo um discurso patriótico e nacionalista, posicionando Paraguai como o causador da guerra. Continuam a produzir e reproduzir uma narrativa baseada na descrição de fatos, em uma perspectiva cronológica e linear, dando uma ideia de sequência e uma lógica positivista. Consequentemente, valorizando apenas as vozes dos “grandes homens”, fortalecendo mais a história dos vencedores e marginalizando as outras vozes que estiveram no conflito, que testemunharam e lutaram, tendo essas crianças parte disso. Squinelo (2020) mesmo afirma que nos materiais didáticos brasileiros, quando se trata da presença infantil, é negligenciado e carece de abordagens.

Em causa disso, muitas vezes acaba dependendo do historiador-docente para realizar uma mediação ou mesmo buscar outros espaços fora do ambiente escolar que possibilitem a explorar essa temática delicada e necessária, tendo as Histórias em Quadrinhos e os seus usos como possibilidade de ampliação de debates sem depender totalmente dos materiais didáticos. Compreender a narrativa gráfica como parte da necessidade de comunicação humana, um aspecto cultural e parte do cotidiano facilita o processo de consentir o uso desse material, principalmente em ambiente escolar, e, com a mediação do docente, possibilita enxergar como documento político, social e cultural. Não apenas isso, como um meio de traduzir assuntos muitas vezes tão complexos na área mais acadêmica e transformar em uma forma mais lúdica e chamativa para aqueles que não tem domínio sobre o assunto debatido, instigar a curiosidade e vontade de aprender, refletindo a relevância daquele assunto na perspectiva histórica e como afeta o seu hoje, e, até mesmo, colaborando no entendimento do porquê estudar História é tão importante.

A narrativa histórica, em conjunto com a consciência histórica e o passado sensível, entendendo a HQ como um meio de transmissão, possibilita captar a narrativa como uma forma de ensinar e aprender, ajudando no processo de dar e criar sentido. Conseguir olhar para o passado e diferenciar do seu presente; encontrar semelhanças e diferenças, continuidades e rupturas; assim, refletindo

como se constroem as histórias a partir que se desenvolve os seus conhecimentos e conseguindo ler a sua realidade. Dessa forma, auxiliando a ver que aquele passado dito como um capítulo finalizado está mais vivo que nunca e afeta o seu hoje, diretamente e indiretamente, seja pelo discurso que utiliza ou a relação do seu país com o outro, por exemplo.

Considerando isso, com base em tudo que foi exposto e destrinchado, pode comprovar e reafirmar as possibilidades de utilizar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula, pensando na perspectiva da educação formal, tendo a HQ “Guarani a Terra Sem Mal” como um tipo de ferramenta de debate sobre passado sensível e vivo, o contexto dos anos finais da Guerra do Paraguai, a presença infantil em tempos de guerra, as disputas de narrativas e perspectivas, a censura em tempos de guerra, e a violência que existiu e impacta os dias atuais.

Além disso, o debate sobre a continuidade de discursos, seja para enaltecer aqueles vistos como símbolos patrióticos ou demonizando figuras influentes no período do conflito, posicionando-os como causadores da guerra, em consequência envolvendo a forte influência do patriotismo e nacionalismo na formação da nação, tanto no Brasil quanto no Paraguai, e a resignificação das datas celebrativas em memória aqueles que se foram e mortos injustamente em uma guerra que não era sua, a exemplo do dia das crianças no Paraguai. Acima de tudo, é certo dizer que é possível sim aprender História, tanto dentro quanto fora da sala de aula, através das Histórias em Quadrinhos.

REFERÊNCIAS

AGRIMBAU, Diego; IPPÓLITI, Gabriel. Guarani - A Terra Sem Mal. tradução de Thiago Ferreira. - São Paulo: Comix Zone, 2021. 128 p. : il.

Bondar, César Iván; La "batalla de los niños", 16 de agosto de 1869: guerra de la triple alianza; Centro de Estudios de la Imagen. Universidad de Barcelona; Revista Sans Soleil - Estudios de la Imagen; 9; 9-2017; 44-58

CARMO, Michel Gomes do; PINTO, Adriana Aparecida. Imprensa e representações: imagens de crianças e mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870). 2020

DA CUNHA MARTINS, Ana Raquel Marques et al. A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA= THE USE OF COMICS IN THE TEACHING OF HISTORY. CAMINE: Caminhos da Educação= Camine: Ways of Education, v. 7, n. 2, p. 201-211, 2015.

GEVAERD, Rosi Terezinha Ferrarini. A narrativa histórica como uma maneira de ensinar e aprender história. 2009.

MAESTRI, Mário. A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2009.

NÚÑES, 2022, apud FUINI, Pedro. Guerra do Paraguai. FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) Universidade de São Paulo. 27 de dez. de 2022. Acesso em: 26 de mar. de 2025. Disponível em: <<https://www.fflch.usp.br/43329>>.

PAIVA, Fábio da Silva. Histórias em quadrinhos na educação: memórias, resultados e dados. 2016.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. Revista história hoje, v. 7, n. 13, p. 14-33, 2018.

PIRES, Conceição; VAZQUEZ, Laura. Percursos teóricos e metodológicos dos estudos sobre HQs na Argentina e Brasil. In.: Possibilidades de Pesquisa em História. Org.: RODRIGUES, Rogério Rosa. São Paulo. Editora Contexto, 2017, p. 137-170.

POTTHAST, Bárbara. Niños soldados y niñas famélicas en la Guerra del Paraguay. Entre la familia, la sociedad y el Estado. Niños y jóvenes en América Latina (siglos XIX-XX), p. 89-114, 2005.

SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. Cadernos do Aplicação, v. 28, 2015.

SALLES, André Mendes. A Guerra da Tríplice Aliança como conhecimento escolar no Paraguai: narrativas históricas centradas em personagens (1897-2009). História Unisinos, v. 23, n. 3, p. 332-344, 2019.

SALLES, André Mendes; NETO, José Batista. Conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai: construção de significados e identidades, no Brasil e no Paraguai, no século XXI. **Revista História Hoje**, v. 9, n. 17, p. 110-136, 2020.

SOARES, JOÃO FRANCISCO CHAGAS. A questão da infância na guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864-1870): análise das Coleções Didáticas das séries finais do Ensino Fundamental (PNLD 2020). 2024.

SQUINELO, Ana Paula. O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai. 2020.